

OS GRAUS CRÍPTICOS

O ARCO SECRETO E A CÂMARA DO SILÊNCIO



FLÁVIO DELLAZZANA

PREFÁCIO

O Irmão e Companheiro Flávio Dellazzana tem duas características marcantes, que nem sempre andam juntas: ele tem uma mente privilegiada e um coração enorme. Isso o torna um Irmão muito especial, no melhor sentido da palavra.

Por isso, ser convidado por ele para prefaciar esta obra é uma grande honra para mim.

E o que torna esta honra mais distinta é o tema da obra: a Maçonaria Críptica.

Quase um rito próprio dentro de outro rito, a Maçonaria Críptica guarda rituais que se destacam por suas belas construções literárias, alegoria única e simbologia profunda.

Curiosamente, você sobe os (de)graus crípticos descendo degraus, e encontra a luz na escuridão.

E para entender melhor essa questão hermética, somente cursando a Maçonaria Críptica.

Ainda, o V.I.T.R.I.O.L., que quase a totalidade de nós, maçons latino-americanos, vislumbramos em nossa iniciação, é vivido na Maçonaria Críptica.

O herói e mártir sobre o qual aprendemos um pouco no Terceiro Grau, é conhecido mais intimamente.

E o próprio Templo de Salomão, de que tanto ouvimos falar, tem seu interior revelado de um modo solene e intenso.

A cripta nos ensina muito belas lições, sobre as quais nosso Irmão Dellazzana apresenta suas longas reflexões.

Os símbolos têm seus significados explorados; as alegorias, seus personagens compreendidos; a história, seus pontos destacados.

Hiram e Adonhiram são duas faces de uma mesma moeda antiga.

Cada face tem suas características e papel, mas uma complementa a outra.

E isso é bem compreendido na Maçonaria Críptica.

Similarmente, o mestre escolhido também fez e faz sua escolha.

E, neste caso, uma escolha feliz é a leitura desta obra.

Se você quer decifrar e compreender as mensagens misteriosas e enigmáticas veladas na Maçonaria Críptica, recomendo a leitura de OS GRAUS CRÍPTICOS: o Arco Secreto e a Câmara do Silêncio, de Flávio Dellazzana.

Até agora, é a melhor contribuição literária aos graus crípticos que tive o prazer de ler em nosso Brasil.

Kenny Ismail.





Flávio Dellazzana na Catedral de York — e abaixo a sua Cripta. (2023)



INTRODUÇÃO

(Inspirada nas Supremas Instruções)

Toda iniciação é, em essência, uma descida, é abandonar a superfície, os ruídos e as fachadas para adentrar no templo interior, ou seja, a nossa mente.

Nenhum grau ensina isso com tanta clareza quanto os Crípticos, que convidam o maçom a deixar a planície iluminada e ousar a escada que conduz às câmaras inferiores.

Não é afastamento da luz, mas retorno à sua origem, pois no subterrâneo repousa a semente que, protegida pelo silêncio, germinará no tempo certo.

Assim como a *Crypta* designava as câmaras ocultas sob igrejas e templos, também o Templo de Salomão possuía seu espaço secreto, sob o Santo dos Santos, onde se guardavam os objetos mais sagrados.

É desta alegoria que nasce a Maçonaria Críptica, cuja narrativa se estende do Mestre Real ao Super Excelente Mestre.

A descida, porém, não é somente arquitetônica, é sobretudo interior.

O homem visível carrega em si um espaço invisível, feito de sonhos, cicatrizes, esperanças e segredos que não podem ser expostos sem risco de profanação.

O Templo de Salomão, com seus móveis e símbolos, recorda esse ensinamento.

O pão lembra a necessidade do sustento justo; a luz da menorá evoca o conhecimento constante; o incenso aponta para a elevação da mente; a Arca da Aliança guarda a Lei como fundamento; e os Querubins, guardiões desde o Éden, recordam não haver entrada no sagrado sem pureza de intenção.

Esses elementos não são ornamentos, mas lições vivas, a espiritualidade não é discurso, é prática preservada com reverência.

No Grau de Mestre Real, Hiram Abiff ainda vive, porém, sua morte é iminente.

Ali, em silêncio reverente, Adonhiram acompanha Hiram Abiff.

O que ali se revela não é somente um ensinamento, mas um dos momentos mais sublimes de toda a tradição maçônica.

Hiram não fala da morte como fim, mas como passagem.

Não há lamento em sua voz, mas confiança serena; não há ornamento retórico, mas filosofia viva, que toca o coração e desperta a mente.

Ele ensina que a morte não se compreende no imediato, pois o mistério não se deixa reduzir à pressa humana.

Somente no devido tempo o véu se ergue e o iniciado percebe que perecer é retornar à fonte, é deixar o transitório para reencontrar o eterno.

Adonhiram, sente que atravessa um limiar, como se a própria eternidade respirasse por entre as pedras do Templo.

Adoniram, tantas vezes esquecido nos relatos bíblicos, ganha papel central, administrador de tributos e pagamentos, encarna a fidelidade, a disciplina e a retidão necessárias para que a obra se mantenha justa.

Ele simboliza que o sagrado não se ergue somente com arte e inspiração, mas também com ordem e responsabilidade.

E quando Hiram parte, é Adoniram quem preserva o que poderia se perder.

É assim que se abre o caminho para o Mestre Escolhido, onde a fidelidade se prova até o sacrifício, e para o Super Excelente Mestre, onde a firmeza é exigida mesmo quando tudo ao redor desmorona.

As tradições rabínicas, citadas pelo filósofo e teólogo Maimônides, dizem que Salomão construiu uma câmara subterrânea para guardar a Arca, e que Josias, prevendo a ruína, ali a escondeu.

Esse eco histórico ilumina o coração dos graus Crípticos; o sagrado, quando ameaçado, não se perde, mas é protegido na câmara interna.

Cada um dos três graus guarda sua lição, o Mestre Real ensina que a morte não é fim, mas passagem; o Mestre Escolhido recorda que a fidelidade é maior que o medo; o Super Excelente Mestre mostra que a esperança deve resistir mesmo quando os muros do templo caem.

Juntos, formam uma pedagogia que conduz à convicção de que o verdadeiro templo é interior, e que o Nome de Deus, mesmo velado, jamais se apaga quando preservado na consciência.

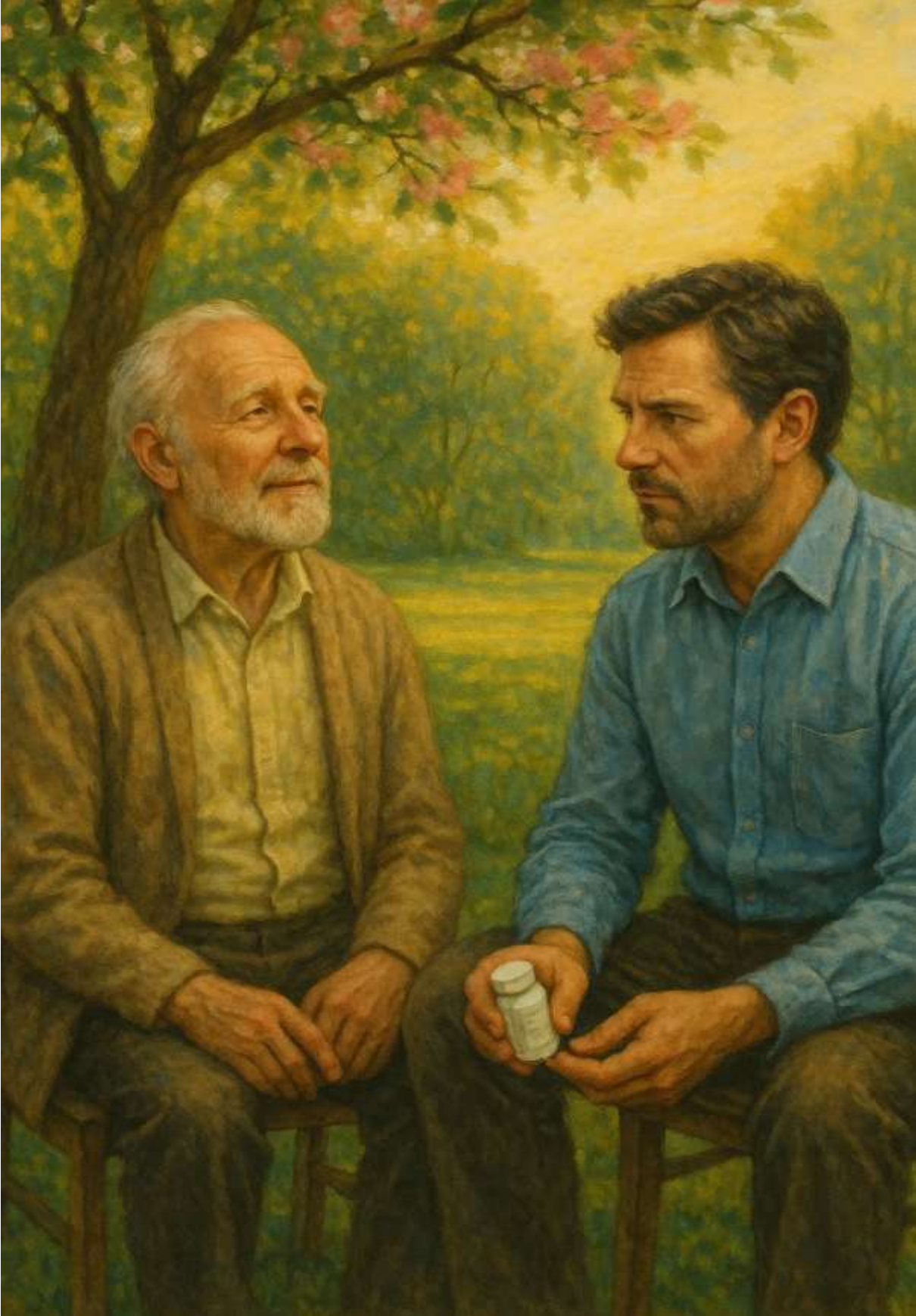
O que se ergue em pedra e ouro é transitório; o que se ergue em virtude permanece.

A verdadeira luz não se extingue com a ruína das estruturas externas, mas repousa na cripta silenciosa da alma, aguardando a hora de brilhar de novo em fulgor ainda maior.

A descida ao subterrâneo não é fuga, mas rito de passagem.

É o chamado dos Graus Crípticos; lembra ao iniciado que todo tesouro exterior se desfaz, mas o que é fielmente guardado no íntimo renasce.

“Quem ousa descer aos recessos da terra retorna fortalecido, capaz de erguer-se como coluna viva, sustentando o Templo invisível que jamais poderá ser destruído.”



UM CONTO ATUAL

Carlos, farmacêutico, havia passado no domingo em sua farmácia para buscar os remédios de seu Irmão de Loja, Alfredo. Indo até a casa de Alfredo, encontrou-o sentado no jardim, sob a sombra fresca de uma árvore que começava a florescer. O dia estava sereno, a luz se espalhava como um véu de ouro sobre a relva recém-cortada e havia no ar a promessa da estação que se renovava. Sentaram-se lado a lado em silêncio por alguns instantes, somente deixando que o vento trouxesse os sons distantes.

Alfredo ergueu os olhos e murmurou: *O Mundo sempre atarefado está em Silêncio.*

Carlos respondeu: *Um Santo Repouso e a Paz.*

Alfredo sorriu, lembrando a origem daquela frase, e então disse com voz calma. É curioso perceber como certas palavras antigas, guardadas no silêncio da tradição, continuam a ecoar com força em nós. É justamente disso que me recordo ao pensar nos Graus Crípticos.

Carlos se acomodou na cadeira e esperou. Alfredo prosseguiu.

Os Graus Crípticos, meu Irmão, nos levam para debaixo da terra. Enquanto o Real Arco ergue a visão do Templo reconstruído e da glória que desce do alto, o Críptico nos conduz às câmaras ocultas, cavadas no mais profundo do solo, onde se encontram guardados os segredos.

Não falamos somente de pedras ou de cavernas, falamos do que está escondido no coração humano, daquilo que foi enterrado com lágrimas e silêncio para ser preservado no tempo de maior perigo.

Carlos franziu o cenho. Você fala do nome Inefável?

Sim, respondeu Alfredo. O Nome dele foi perdido com a morte do Mestre, foi também preservado na escuridão das criptas.

Essa é a beleza do Críptico, ele nos ensina que o segredo pode estar oculto, mas não destruído, velado, mas não extinto, e que há sempre uma esperança de reencontro, mesmo quando tudo parece ter se perdido.

Fez uma pausa e apontou para o gramado verde à frente.

Veja a natureza. Tudo nela perece para renascer.

O outono cobre a terra de folhas secas, o inverno oculta toda vida sob o frio, mas a primavera retorna.

Assim também, o, que parecia perdido com Hiram, permanece vivo porque foi depositado nas câmaras secretas sob o Templo.

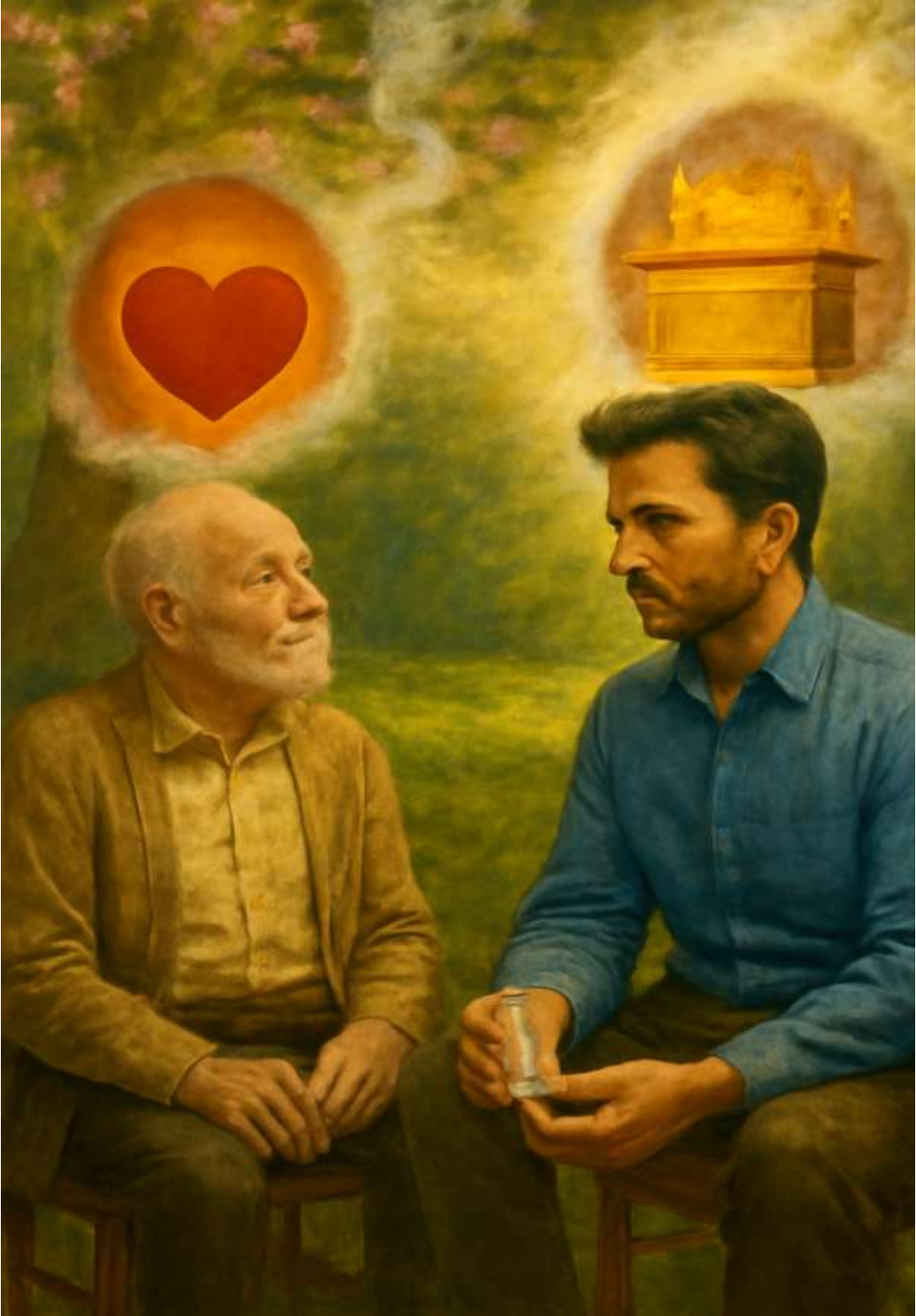
Carlos respirou fundo e disse. Então, a linha do Críptico é justamente essa, o que se oculta nas câmaras embaixo do Templo.

Exato, confirmou Alfredo. O Nono Arco, os objetos sagrados do Santo dos Santos, o tema da morte e o nome de Deus. Esses são os símbolos que se desdobram nesses graus.

Olhou para Carlos com expressão grave, pense na morte, na Maçonaria, a morte não é somente o fim, é um momento de revelação, um portal que exige coragem para ser atravessado.

No Críptico, descemos ao túmulo das esperanças, mas descobrimos que mesmo lá, sob a pedra, essa antiga fórmula da criação foi guardada.

Carlos inclinou-se, interessado. Fale mais sobre esse Nono Arco.



Alfredo endireitou-se e continuou. O Nono Arco é a profundidade extrema, o lugar inacessível que guarda o segredo.

É como se cada arco fosse um véu, uma camada da alma, uma defesa contra os olhos profanos.

Somente o iniciado que desce passo a passo pode chegar até lá, e não é somente uma construção subterrânea, é a imagem do interior humano, onde as verdades mais íntimas ficam protegidas.

E essa fórmula, o Logos, murmurou Carlos, o que ela representa?

Ela é a ligação com o divino, disse Alfredo. Representa o Nome do Criador, mas também o sentido mais profundo da vida. Enterrar a fórmula da criação não é destruí-la, mas preservá-la para que não se perca diante da profanação.

É como a semente que precisa ser colocada na terra, e só porque está escondida não significa que está morta, pelo contrário, o ocultamento é o cuidado que garante sua sobrevivência.

Carlos assentiu em silêncio. Alfredo prosseguiu.

Os objetos sagrados do Santo dos Santos também aparecem no Críptico, são símbolos que nos remetem à presença do Eterno, ao pacto feito com o povo, à lembrança de que a verdadeira força não está somente na pedra ou no ouro, mas no espírito que anima a obra.

Preservar esses objetos nas câmaras subterrâneas significa que, mesmo quando o Templo visível for destruído, haverá ainda um coração espiritual pulsando em segredo.

Ele respirou fundo, como quem procura a palavra certa, e entendeu que o que está no alto pode cair, o que é visível pode ser profanado, mas o que foi guardado nas profundezas permanece, assim sendo, a destruição aparente não é o fim, existe uma câmara oculta onde o sagrado pode ser preservado.

Carlos olhou para as mãos, refletindo. Então, a lição é que mesmo diante da morte e da perda, há uma fórmula que resiste, o logos, a centelha divina.

Exato, confirmou Alfredo. O Mestre foi assassinado, a obra interrompida, o Templo arrasado, mas nos subterrâneos ficou depositada a essência. Quando descemos às criptas, estamos descendo em nós mesmos para reencontrar essa centelha imortal.

— ✧ UNIO ✧ —



É um caminho de silêncio, de recolhimento, de enfrentamento com as sombras.

Ficaram em silêncio por alguns minutos. O vento balançava levemente os ramos da árvore, como se a própria natureza meditasse com eles.

Alfredo retomou. Cada um dos Graus Crípticos nos dá uma faceta dessa jornada.

O Mestre Real nos mostra a importância da morte e a necessidade de esconder o que é sagrado quando a superfície já não é segura.

O Mestre Escolhido fala da fidelidade daqueles que trabalharam em segredo, mesmo quando não havia glória, somente risco.

O Super Excelente Mestre traz a dor da destruição do Templo, mas também a esperança de que o que foi guardado embaixo não pode ser apagado.

Carlos murmurou. Então, eles formam um ciclo completo.

Sim, respondeu Alfredo.

Eles nos ensinam a aceitar a perda aparente, a valorizar o silêncio, a reconhecer que o segredo às vezes precisa ser ocultado para ser preservado.

Ensina-nos ainda que a morte não é derrota, mas parte do caminho, porque no subterrâneo, junto às pedras silenciosas, há uma promessa guardada.

Alfredo ergueu os olhos para o céu claro, é preciso coragem para descer às criptas, pois, muitos preferem a luz da superfície, os símbolos coloridos e as histórias que se contam em salões amplos.

Mas a verdadeira iniciação exige que entremos nas câmaras silenciosas, onde não há testemunhas além de Deus e da nossa própria consciência, é ali, que descobrimos quem somos.

Carlos respirou fundo e disse. Você fala como se tivesse estado lá.

Todos nós, em algum momento da vida, descemos às nossas criptas, respondeu Alfredo, cada dor profunda, cada perda, cada silêncio pesado nos conduz para baixo.

A diferença é que, quando conhecemos os Graus Crípticos, aprendemos a olhar para essa descida não como desespero, mas como iniciação.

Alfredo continuou, lembre-se também da lição do sepultamento dessa fórmula, ela foi enterrada com lágrimas e medo, mas também com confiança.

Era como um testamento para o futuro, uma mensagem deixada às gerações que viriam, é como se dissessem, o Templo pode ruir, mas aqui, nesta câmara oculta, permanecerá o segredo. Quem vier depois poderá encontrar.

Carlos assentiu lentamente, então a morte, no Críptico, não é somente fim, mas transição.

Alfredo disse, é o esconderijo necessário para que a vida se conserve, é a noite que prepara o dia, é o silêncio que guarda a música, é o túmulo que se torna portal.

Quando penso nisso, percebo que a verdadeira mensagem dos Graus Crípticos é de esperança, nada está perdido e tudo o que é verdadeiro permanece guardado.

Carlos sorriu e ergueu a caixa de comprimidos, vim trazer remédio e saio com mais um ensinamento.





ORIGEM

Falar da origem da Maçonaria Críptica é caminhar entre pedras e sombras, pois seus primeiros passos não se encontram somente nos livros de atas ou nos registros oficiais, mas também nas lendas e nos manuscritos que, como ecos distantes, nos falam de câmaras subterrâneas e segredos velados.

Não é por acaso que o próprio nome, críptica, deriva do grego *kryptós*, “oculto”.

Tudo nela parece nascer da tensão entre o que se sabe e o que se suspeita, entre o que a pena dos historiadores registra e o que a tradição oral insinua.

Muito antes de aparecerem nos Estados Unidos, no início do século XIX, os graus de Mestre Real e Mestre Escolhido já estavam, de certo modo, latentes no imaginário maçônico europeu.

Na Inglaterra do século XVIII, os primeiros rituais do Real Arco já insinuavam câmaras ocultas, arcos sobrepostos e depósitos subterrâneos.

Eram, por assim dizer, sementes crípticas embutidas na liturgia capitular.

O Livro de Enoque, fala de uma cripta vertical, composta de nove arcos sobrepostos, onde teriam sido depositados segredos da humanidade.

O historiador eclesiástico Philostorgius, por sua vez, menciona uma cripta horizontal, uma vasta caverna alcançada por uma passagem estreita, também ligada à ideia de um depósito oculto.

Ambas as versões aparecem em algumas das *Old Charges*, como se os antigos pedreiros e escribas já intuissem que o mistério precisava de um abrigo no seio da terra.

O estudioso Robert Freke Gould chegou a sugerir que ideias ligadas ao Mestre Real e ao Mestre Escolhido circulavam como apêndices ou variações do Real Arco inglês.

Contudo, na Inglaterra, não havia espaço institucional para acolher tais graus, pois ali o Real Arco se consolidara como a consumação do Terceiro Grau, sem admitir intermediários.

Na França, pelo contrário, os altos graus do chamado Rito de Perfeição (descendente do Rito de Heredom, que chamamos hoje de REAA), que floresceram em meados do século XVIII, já falavam explicitamente de criptas, subterrâneos e câmaras secretas.

O 13º Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito, Cavaleiro do Real Arco, e o 14º Grau, Grande Eleito, Perfeito e Sublime Maçom, trazem narrativas muito semelhantes às dos graus Crípticos, descrevendo ocultamentos de segredos e arcos sobrepostos sob o Templo de Salomão.

As fontes francesas estão carregadas de simbolismo e mistério; foram absorvidas pelos Irmãos americanos quando começaram a estruturar, em sua própria terra, os graus de Mestre Real e Mestre Escolhido.

Alguns manuscritos maçônicos ingleses, como o de Martin Clare, abordam uma antiga inquietação sobre como o Real Arco poderia celebrar a redescoberta da Palavra Perdida de Mestre Maçom sem um relato de como ela foi guardada, já que algo perdido precisa primeiro ser escondido para ser reencontrado.



Enquanto na Inglaterra o Real Arco absorveu e silenciou esses elementos e na França se dispersaram, no Novo Mundo eles floresceram, transformando-se em corpo ritual e instituição.

Assim, falar da origem da Maçonaria Críptica é falar de um mistério que atravessa séculos, passando de Enoque ao Talmude, das *Old Charges* à França do século XVIII, dos manuscritos ingleses às tavernas americanas, até ganhar forma concreta em Nova York e Connecticut.

Não se trata de invenção súbita, mas de lenta gestação, a Europa foi o ventre das lendas crípticas, já a América foi o nascimento onde essas lendas encontraram corpo e vida.

No alvorecer do século XIX, uma nova nação estava em construção, cheia de dinamismo, experimentação e liberdade ritual.

Foi nesse solo fértil que os graus de Mestre Real e Mestre Escolhido encontraram espaço para florescer, até se tornarem, em pouco tempo, colunas indispensáveis dos Graus Superiores do Rito de York.

A primeira menção segura ao Grau de Mestre Real remonta a Nova York, em 1806, quando já se registra uma iniciação.

Poucos anos depois, em 1810, um grupo de Irmãos liderado por Thomas Lowndes fundou o Columbian Grand Council n.º 1, na cidade de Nova York, conferindo-lhe regularmente o grau e dando-lhe uma estrutura institucional.

Lowndes, que recebera diversos altos graus do chamado Rito de Perfeição (REAA) por Abraham Jacobs, parece ter sido o grande divulgador do Mestre Real.

Paralelamente, na cidade de Baltimore, Maryland, o grau de Mestre Escolhido circulava pelas mãos de Philip Eckel e Hezekiah Niles, que desde 1792 afirmavam administrar um “Grande Conselho de Mestres Escolhidos”.

Em 1810, já havia candidatos sendo recebidos em Baltimore, e logo o grau se espalharia pelos estados vizinhos.

É nesse cenário que surge a figura de Jeremy Cross, conferencista que, ao receber o grau de Mestre Escolhido das mãos de Eckel, percebeu que a Maçonaria, sem os Graus Crípticos, permanecia incompleta.

Sua forma ambulante de ensino e propagação explica as variações e divergências que atravessaram o tempo e ainda hoje se fazem notar.

Por essa razão, Cross se consolidou como o grande responsável pela difusão desses graus em solo americano.

Cross, que já havia sistematizado e difundido os rituais do Real Arco, entendeu a importância dos Crípticos como elo perdido da narrativa maçônica e os levou consigo em suas viagens, conferindo-os em diferentes estados. A ele se deve na maioria a integração do Mestre Real e do Mestre Escolhido em um mesmo corpo de trabalhos.

Em Connecticut, em 1817, os trabalhos desses graus ganharam forma ainda mais sólida, com a formação do primeiro Grande Conselho de Maçons Crípticos, instituição que daria legitimidade e estabilidade ao novo sistema.

Em meados do século XIX já havia uma rede consolidada de Grandes Conselhos espalhados pelo território americano.

Em 1823, o Columbian Grand Council de Nova York incorporou também o Grau de Super Excelente Mestre, provavelmente escrito pelo próprio Lowndes, sem relação com graus europeus de nome semelhante.

A tríade então se consolidou, Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre, representando respectivamente a previsão da perda, a ocultação do segredo e a queda do Templo.

Foi nesse ambiente que surgiram os primeiros escritos sistemáticos sobre os Crípticos. Jeremy Cross, com seus manuais e palestras, semeou a prática.

Albert G. Mackey, com sua Enciclopédia da Maçonaria (1873) e com o manual *Cryptic Masonry* (1897), deu forma doutrinária e interpretativa aos graus. Robert Macoy, com suas publicações de rituais, ajudou a difundir e uniformizar os trabalhos.

Mais tarde, nomes como C. C. Hunt, H. L. Haywood e David Harrison aprofundariam o estudo histórico.

De um lado, Lowndes e o Mestre Real em Nova York; de outro, Eckel e o Mestre Escolhido em Baltimore; ao centro, Jeremy Cross, que uniu ambas as tradições em uma só corrente.

O resultado foi o nascimento do que conhecemos hoje como Maçonaria Críptica, não uma invenção arbitrária, mas a cristalização de sementes antigas que encontraram na América um terreno fértil para crescer.

Em 1870, finalmente, foi fundado o General Grand Council of Cryptic Masons International (GGCCMI), que até hoje congrega os Grandes Conselhos estaduais dos Estados Unidos.

O que começou como um movimento disperso, quase improvisado, tornou-se uma instituição sólida e reconhecida.

Assim, a América, terra jovem, tornou-se guardiã dos segredos velados do Templo de Salomão.

Foi lá que as tradições dispersas da Europa, misturadas às necessidades rituais do Novo Mundo, encontraram corpo e estabilidade. E não é por acaso que isso se deu em solo americano.

Se os registros americanos nos oferecem datas precisas, nomes e atas, já a origem europeia dos graus Crípticos permanece envolta em neblina. Não há provas definitivas, mas uma constelação de indícios, paralelos e tradições que parecem apontar para várias fontes possíveis.

Uma das mais sugestivas, ainda que pouco documentada, é a teoria que vincula os graus Crípticos à dinastia Stuart.

No século XVIII, após a deposição de Jaime II e a ascensão dos Hanoverianos, os partidários da Casa Stuart refugiaram-se na França.

Ali, muitos deles encontraram um espaço na Maçonaria para cultivar sua lealdade e transmitir sua causa por meio de alegorias, nessa releitura, a Palavra Perdida não seria somente o segredo de Hiram, mas o símbolo do trono perdido dos Stuarts.

O “*filho da viúva*” corresponderia ao príncipe destituído, o “*herdeiro legítimo*” que aguardava restauração.

Os graus que falavam de criptas secretas, de reuniões discretas e de segredos guardados sob a terra seriam espaços seguros para cultivar a esperança política sob a forma de símbolos espirituais.

Embora faltem provas documentais, a associação não é descabida.

A França de meados do século XVIII foi palco tanto do florescimento dos altos graus quanto do exílio dos Stuarts.

A ideia de uma “*Cripta Secreta*” poderia muito bem ter servido como metáfora de uma causa mantida em silêncio, à espera de seu tempo.

Outra hipótese muito considerada é a ligação dos graus Crípticos com o Rito de Perfeição, sistema francês de 25 graus, criado por volta de 1750, que mais tarde deu origem ao Rito Escocês Antigo e Aceito.

Nesse rito, encontramos graus que falam de criptas, subterrâneos e segredos ocultados sob o Templo.

Alguns estudiosos sugerem que o grau de Mestre Escolhido teria sido, em sua origem, somente uma variação desses graus franceses, importada para a América por intermédio de Stephen Morin e Henry Francken, ambos ligados à difusão do Rito de Perfeição.

Essa hipótese ganha força quando lembramos que Eckel, em Baltimore, afirmava ter recebido o grau de um inspetor-geral ligado ao Rito.

A versão americana de Baltimore, que atribui o grau a Philip Eckel em 1792, está intimamente ligada à francesa.

Eckel não teria “inventado” o grau, mas recebido através da linhagem escocesa de Charleston, a grande sede maçônica da época. Baltimore foi somente o porto onde o grau ganhou forma local, até ser levado adiante por Jeremy Cross.

Outro fio curioso é o da teoria de Berlim.

Em 1780, a Royal York Grand Lodge, na Prússia, registrava um grau chamado “Cavaleiro da Águia ou Mestre Escolhido”.

Não se sabe se esse grau tinha ligação direta com o nosso Mestre Escolhido, mas o nome, o contexto e o período alimentam a suspeita de que tradições semelhantes circulavam pela Alemanha.

Joseph Myers, maçom ligado ao Rito de Perfeição em Charleston, afirmou ter depositado rituais de “graus Crípticos” vindos de Berlim em 1788.

A documentação é frágil, mas o indício é sugestivo, pois a Prússia no final do século XVIII foi terreno fértil para graus de inspiração mística, alguns deles com forte influência francesa.

Alguns manuscritos atribuídos a Martin Clare, na Inglaterra em 1727, mencionam explicitamente a lacuna entre a perda da Palavra e a sua redescoberta, e a necessidade de um elo intermediário, a ocultação. Se tais manuscritos forem autênticos, são talvez a primeira formulação consciente daquilo que mais tarde seria a Maçonaria Críptica.

Além da história institucional, há ainda os paralelos simbólicos; o tema da cripta subterrânea é recorrente nos mistérios antigos; para os egípcios, a tumba era o lugar da regeneração; para os gregos, as catacumbas dos mistérios órficos eram passagens de morte e renascimento; no cristianismo primitivo, as catacumbas de Roma guardaram não somente ossos, mas também símbolos de fé à espera da luz.

Nenhum grau maçônico sobrevive somente pela oralidade.

Para que a lenda se torne tradição, é preciso que haja homens que a transmitam, que a registrem em manuais, exposições e enciclopédias, preservando assim não somente a prática ritual, mas também a reflexão simbólica.

Para Albert G. Mackey, os graus Crípticos eram indispensáveis para compreender a narrativa maçônica, sem o ocultamento não se entende a revelação.

Mackey escreveu que *“A cripta era, portanto, nos antigos Mistérios, um símbolo do túmulo, pois a iniciação representava a morte, sendo somente nesse estado que a Verdade Divina podia ser encontrada.”*

Sua obra não somente legitimou os graus perante a Maçonaria americana, mas também lhes deu profundidade teológica e filosófica.

Robert Macoy (1816–1895) foi editor, compilador e divulgador.

Em sua *General History, Cyclopedia and Dictionary of Freemasonry* (1870), incluiu artigos sobre os graus Crípticos, fixando sua terminologia e simbologia.

Albert Pike (1809–1891), o grande legislador do Rito Escocês Antigo e Aceito, não foi um autor específico da Maçonaria Críptica, mas inevitavelmente deixou suas marcas.

Em sua *Morals and Dogma* (1871), ao comentar o 13º e o 14º graus, alude às criptas subterrâneas e às tradições de ocultamento, temas dos graus Crípticos.

Se por um lado, Pike via nos Crípticos um paralelo com os altos graus escoceses, por outro reconhecia que, na América, esses graus haviam encontrado uma forma própria e distinta.

CRYPTIC MASONRY.



MANUAL OF THE COUNCIL;

OR,

MONITORIAL INSTRUCTIONS

IN THE DEGREE OF

ROYAL AND SELECT MASTER.

WITH AN

ADDITIONAL SECTION

OF THE

SUPER-EXCELLENT MASTER'S DEGREE.

BY

ALBERT G. MACKEY, M. D.,

AUTHOR OF A "LEXICON OF FREEMASONRY," "MANUAL OF THE LODGE,"
"BOOK OF THE CHAPTER," "THE RITUALIST," ETC., ETC.

NEW YORK:

MAYNARD, MERRILL, & CO.,

29, 31, AND 33 EAST NINETEENTH STREET.

1897.

Sua autoridade como intelectual maçônico acabou por legitimar a coexistência dos dois sistemas, York e Escocês, como complementares e não concorrentes.

No início do século XX, estudiosos como Charles C. Hunt e Harry LeRoy Haywood dedicaram-se a investigar a história da Maçonaria americana.

Hunt publicou artigos detalhados sobre a evolução dos Conselhos, enquanto Haywood, editor da *The Builder*, foi um dos primeiros a tratar a Maçonaria Críptica não somente como apêndice, mas como corpo independente, com identidade própria.

Em tempos mais recentes, o historiador inglês David Harrison voltou sua atenção para os Crípticos, especialmente em suas obras sobre o Rito de York e o desenvolvimento da Maçonaria americana.

Harrison destaca como os graus, embora de nascimento americano, possuem raízes intelectuais na Europa iluminista e esotérica, e como o simbolismo da Cripta continua atual para o maçom moderno.

BRASIL

A Maçonaria Críptica no Brasil nasceu de um processo longo, tecido com fios de perseverança, fraternidade e visão.

Para compreendê-la é preciso recordar que os primeiros passos vieram com o Real Arco, no Paraná, quando em 1989 uma comitiva norte-americana conferiu os graus que resultariam na fundação do Capítulo Jerusalém n.º 1.

Esse momento inaugurou no Brasil a presença oficial dos Altos Graus do Rito de York, cuja Carta Constitutiva, emitida em 1990, seria seguida por novas fundações como o Capítulo Colunas de Cascavel n.º 2 e o Monte Moriah n.º 3 no Rio Grande do Sul.

Essas sementes lançadas no solo fértil das Grandes Lojas Brasileiras germinaram silenciosamente ao longo da década de 1990.

O Real Arco expandiu-se pelo Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e preparou o terreno para a Críptica poder florescer. Foi em 1999 que as primeiras pedras da Cripta começaram a ser colocadas.

O Companheiro Carlos Leopoldo Foltz, incansável articulador, manteve contato com Joaquim Pinto Coelho, Grão-Mestre do Grande Conselho de Mestres Reais e Escolhidos de Portugal.

Desse laço de amizade e confiança nasceu o convite para que brasileiros participassem da IV Convocação Anual do Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco e da II Assembleia Anual do Grande Conselho de Mestres Reais e Escolhidos de Portugal, em Lisboa, nos dias 17 e 18 de março de 2000.

A comitiva brasileira foi composta por quatorze Irmãos de diferentes potências, um marco histórico, pois pela primeira vez o York reuniu maçons da Grande Loja, do GOB e do GORGS em torno de um mesmo propósito.

Entre eles estavam Dagomar Ruas Silva (GL), Balthazar Rebouças Feijó e João Guilherme da Cruz Ribeiro (GOB), e onze Irmãos do GORGS, entre os quais Foltz, Maurício Cláudio de Albuquerque e Jorge Raul Lago Simões.

Essa diversidade só foi possível graças ao trabalho do Irmão Rui Ferreira da Silva, que, por meio de carta do Grão-Mestre Francisco Murilo Pinto ao Grão-Mestre da Grande Loja Regular de Portugal, Luís Nandim, viabilizou oficialmente a presença brasileira em terras lusitanas.

Na noite de 17 de março de 2000, em uma cerimônia conjunta entre o Grand Council of Royal and Select Masters of New Jersey e o Grande Conselho de Portugal, os Graus de Mestre Real e Mestre Escolhido foram conferidos a 51 candidatos, entre eles, 14 brasileiros.

Nunca dois Grandes Conselhos de continentes diferentes haviam se unido para esse fim.

No dia seguinte, 18 de março, os brasileiros fundaram o Conselho Luz do Atlântico Sul n.º 1, primeira corporação críptica Brasileira, estabelecida em Lisboa, mas logo transferida para Porto Alegre.

Esse foi o ato fundador da Maçonaria Críptica em nosso país. Daquele ponto, novos Conselhos surgiram, o Arca da Aliança n.º 2, o Rei Salomão n.º 3 e outros que se espalharam pelo território nacional.

Joaquim Pinto Coelho, pelo apoio decisivo, ficou registrado como Patrono da Maçonaria Críptica no Brasil, e Carlos Foltz destacou-se como o principal artífice do encontro, tornando-se o primeiro brasileiro a ocupar cargo internacional, como Grande Sentinela do Supremo Grande Capítulo de Maçons do Real Arco de Portugal.

Em 2002, em Assembleia realizada em Albufeira, sul de Portugal, o Grão-Mestre José Moreno entregou a Carta Constitucional definitiva ao Conselho Luz do Atlântico Sul, reconhecendo sua jurisdição nacional.

Pouco depois, em 3 de abril de 2004, na cidade de Canela-RS, ocorreu a instalação do Grande Conselho de Maçons Crípticos do Brasil.

O Conselho Diretivo inicial teve Carlos Leopoldo Foltz como Grão-Mestre, Aroldo Aníbal Macan como Grão-Mestre Delegado e Hypólito Jesus Morgão como Grande Principal Diretor dos Trabalhos.

Em 2006, o General Grand Council of Cryptic Masons International concedeu a Carta Constitutiva ao Grande Conselho de Maçons Crípticos do Brasil, garantindo-lhe autonomia, reconhecimento internacional e assegurando a continuidade da Ordem.

O Irmão Maurício Cláudio de Albuquerque, primeiro Grande Ilustre Mestre, exerceu papel fundamental, seguido por lideranças como Kennyo Ismail, que em 2015 destacou a necessidade de superar dificuldades administrativas, ampliar a literatura e expandir os Conselhos.

Sob a liderança do Companheiro Kenngo Ismail, em 2016 foram publicadas as Supremas Instruções, obra que se tornou referência no ensino e difusão dos Graus Crípticos, inaugurando em 2017 um novo ciclo de fortalecimento.

Não se pode esquecer ainda do papel desempenhado pelos Grandes Orientes da COMAB, ao ser através dos Altos Graus do Rito de York que essas potências encontraram uma via para consolidar sua caminhada rumo ao reconhecimento internacional, o que fortaleceu ainda mais a presença da Maçonaria Críptica no Brasil.

Uma peça fundamental nesse processo e nos tratados internacionais, e em especial com a Grande Loja do Estado de Nova York, foi o Grão Mestre de Honra do Grande Oriente de Santa Catarina — GOSC, o Irmão Rubens Ricardo Franz.

Através do York muitos Grandes Orientes obtiveram a chave para abrir portas e conferir legitimidade à caminhada de muitos maçons brasileiros.

Se a história institucional fala de cartas constitutivas, assembleias e conselhos, a história viva fala também dos homens que se dedicaram a essa obra.

Pioneiros como João Guilherme da Cruz Ribeiro, Jorge Raul Lago Simões, Dagomar Ruas Silva, Balthazar Rebouças Feijó, Lauro Araújo Baptista da Silva, Paulo Nunes Gomes, Roberto Mello, Roger Mauro Pufal e tantos outros, cujos nomes ecoam como colunas silenciosas da Cripta.

Houve também o apoio inestimável de José Carlos Pacheco, do GOSC, na consolidação dos Altos Corpos.

Esses Irmãos, ao lado de tantos outros, são como pedras fundamentais de uma construção que não se vê à primeira vista.

Não faltaram debates, diferenças de visão e até disputas quanto aos rumos da nova Obra, no entanto, a história nos ensina que mesmo os conflitos fazem parte do processo de amadurecimento.

Foi assim com os primeiros Conventos, foi assim com as Grandes Lojas, e não poderia ter sido diferente com os Graus Crípticos.

O que parecia fragmentação acabou se revelando lapidação, como a pedra bruta que, após o choque dos cinzéis, encontra sua forma.

Hoje, quando contemplamos 78 Conselhos Crípticos ativos no Brasil, entendemos que o início tumultuado não foi obstáculo, mas o caminho necessário para a consolidação.

Após a reestruturação, ficaram estabelecidos como pilares os Conselhos: Cripta de Salomão n.º 1, em Curitiba-PR; o Jeremy Cross n.º 2, em Florianópolis-SC; o José Nunes dos Santos, n.º 3, no Rio de Janeiro-RJ; e o Vigilante do Extremo Sul n.º 4, em Porto Alegre-RS.

Entre tantos, guardo de modo especial o Conselho Santo Graal n.º 14, em Itajaí, onde recebi minha iniciação e dei os primeiros passos nos mistérios da Cripta.

Cada Conselho é um elo dessa corrente, mas todos juntos formam a Obra viva que hoje se espalha de norte a sul, sustentada pela dedicação silenciosa de cada Companheiro e Mestre.

A Cripta, afinal, não é um espaço de ostentação, mas de silêncio e profundidade.

É o ventre da terra onde se guardam tesouros escondidos, e cada passo dessa história é um arco que se ergue, não somente em pedra, mas em memória e espírito.

Hoje, ao olhar para essa trajetória, percebemos que a Maçonaria Críptica no Brasil foi erguida com suor, coragem e fidelidade.

Desde a primeira viagem a Lisboa, passando pelas solenidades em Albufeira e Canela, até as publicações das Supremas Instruções, tudo se costura em uma narrativa de continuidade.

Assim, do Real Arco à Cripta, do silêncio ao reencontro, a Maçonaria Críptica no Brasil permanece como herança viva, uma obra de muitos, feita de pequenas marcas e grandes gestos, sustentada pela esperança de que nada que é verdadeiro se perde, mas permanece oculto, aguardando o momento certo para ser revelado.



Em Portugal, o Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro exibe com orgulho o seu diploma de Maçom Críptico, são os pioneiros da Maçonaria Críptica no Brasil — Ao fundo o Ilustríssimo Mestre Carlos Foltz.



Instalação do Grande Conselho Críptico do Brasil.



SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS

A Maçonaria sempre foi, em sua essência, uma linguagem simbólica. Cada gesto, cada cor, cada número e cada cenário nos fala ao coração de forma mais profunda do que um discurso lógico poderia alcançar.

Nos graus Crípticos, essa verdade se revela com ainda maior intensidade, ao serem graus dedicados à preservação, ao segredo e ao mistério.

O iniciado que desce às câmaras subterrâneas, reais ou imaginárias, percebe que cada pedra e cada objeto fala com uma voz silenciosa, convocando-o à reflexão.

Entre os muitos símbolos que se apresentam ao Mestre Real e ao Mestre Escolhido, alguns se destacam como colunas centrais.

O triângulo equilátero, perfeito em seus lados, é imagem da harmonia entre corpo, mente e espírito. Quando voltado para cima, aponta para a ascensão do homem ao divino; quando voltado para baixo, recorda a descida da Divindade ao mundo.

Em sua forma quebrada, revela o drama da vida, alguns permanecem firmes, outros partem, e a obra continua a se edificar.

Os números também falam em sua linguagem silenciosa, o sete, sagrado desde as primeiras páginas das Escrituras, marca a plenitude dos ciclos, sete dias da Criação, sete anos da construção do Templo, sete candelabros diante do Santo dos Santos.

O doze, número das tribos de Israel, ensina a ordem.

Esses números não são somente estatísticas da história bíblica, mas chaves que o iniciado deve guardar para compreender a estrutura da Cripta.

A Cripta é o ventre da terra e o coração do homem.

Salomão, dizem as tradições, mandou erguê-la para preservar a Arca e a Palavra, prevendo que o Templo exterior seria um dia destruído.

Nela, os segredos não estão mortos, mas adormecidos, como a semente que repousa no inverno para germinar na primavera.

Cada iniciado, ao descer em espírito a essa abóbada, encontra ali o reflexo de sua própria alma, com suas passagens sinuosas, suas sombras e sua luz oculta.

Os graus Crípticos ensinam que o símbolo maior é a preservação.

Preservar a Palavra é preservar a própria vida interior contra o esquecimento, contra a dispersão, contra a corrupção do tempo.

A Palavra guardada na Cripta é a mesma que deve ser guardada no coração do iniciado.

O grau de Mestre Real mostra que a recompensa está prometida; o de Mestre Escolhido ensina a depositar os segredos na Câmara da Alma; o de Super Excelente Mestre adverte que sem fidelidade nada subsiste.

Em todos, a lição é clara, o símbolo não é enfeite, é arca de sabedoria.

Por isso, antes de nos aprofundarmos em cada um desses elementos, convém recordar o conselho de Albert Mackey, um dos grandes intérpretes da Maçonaria Críptica:

“Os símbolos não devem ser decorados como fórmulas, mas vividos como experiências.”

Eles são convites para cada um construir, em si, o seu Templo e a sua Cripta.

Quando o iniciado compreende isso, percebe não haver grau mais belo do que aqueles conferidos no Conselho Críptico, pois neles a vida e a morte, a perda e a preservação, a dor e a esperança se unem num todo harmonioso.

Assim, os símbolos e significados dos graus Crípticos não são somente lições antigas, mas chaves para a vida presente.

São lembretes de que, mesmo quando tudo parece perdido, há sempre uma Fórmula oculta, preservada no silêncio, esperando o momento de ser revelada.





Hiram Abiff inspeciona os vasos e objetos sagrados a serem depositados no Santo dos Santos.

MESTRE REAL

Ao adentrar o estudo do Grau de Mestre Real, vejo-me conduzido ao coração da Tradição de Israel, o Templo de Salomão.

A Escritura relata que sua construção levou sete anos, envolvendo a sabedoria de arquitetos, a habilidade de artesãos e a força de milhares de obreiros.

Cada pedra foi talhada de modo que não se ouvissem martelos ou ferramentas de ferro durante sua montagem (1 Reis 6:7), sinal de que aquela obra não era somente fruto da técnica, mas um ato sagrado de silêncio e reverência.

No interior desse templo erguia-se o Sanctum Sanctorum, ou Santo dos Santos, com vinte côvados de comprimento, vinte de largura e vinte de altura, formando um cubo perfeito (1 Reis 6:20).

Esse cubo é símbolo de equilíbrio e perfeição geométrica, imagem da harmonia entre o céu e a terra, entre o humano e o divino.

Ali deveria repousar a Arca da Aliança, revestida de ouro, coroada pelo propiciatório e pelos querubins que estendiam suas asas, formando o trono invisível do Altíssimo.

É neste cenário que o Mestre Real se insere, o templo está pronto, mas ainda não consagrado.

É um instante liminar, em que o visível aguarda o invisível, em que a obra humana, por mais acabada que esteja, reconhece a necessidade de algo maior para alcançar sua plenitude.

O Santuário é, assim, um espaço suspenso entre dois mundos, concluído na matéria, mas ainda vazio da Presença.

Esse símbolo nos ensina que não basta erguer templos de pedra e ouro.

Se a vida do homem não for consagrada, se o coração não for dedicado como templo vivo, toda obra exterior permanece incompleta.

O Mestre Real é lembrado de que a verdadeira dedicação não se faz somente com ritos e oferendas, mas com a interioridade silenciosa onde habita a Verdade.

Como diz o salmista: *“Quem subirá ao monte do Senhor? E quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração”* (Salmos 24:3-4).

Assim, este grau revela que a Arte Real não consiste somente em construir templos exteriores, mas em consagrar o templo interior.

Aquele que compreende o mistério do Santuário descobre que sua verdadeira obra é tornar-se ele mesmo um lugar habitado pela Luz.

O Mestre Real ensina, portanto, que não há plenitude sem dedicação, não há templo verdadeiro sem a presença do Espírito, e que cada iniciado deve buscar transformar-se no Santo dos Santos vivo, onde o Eterno habita em silêncio.



O SANTUÁRIO

Quando os antigos rituais do Grau de Mestre Real falam em Santuário, remetem diretamente ao Templo de Salomão.

Ali, segundo a tradição, era o lugar de reunião dos Mestres que guardavam os desígnios mais elevados da Obra.

Esse Santuário pode ser compreendido como a representação simbólica do Sanctum Sanctorum acabado, mas ainda não dedicado, ou mesmo como um espaço adjacente a ele, reservado aos arquitetos e aos guardiões do Logos.

Alguns autores sustentam que esse Santuário não era propriamente o Santo dos Santos, mas uma câmara oculta de acesso restrito, que servia como prolongamento do espaço sagrado onde os mestres se reuniam em silêncio e reverência.

O conceito de Santuário, porém, não se limita ao relato bíblico, ele é uma constante na história humana, aparecendo sob múltiplas formas em todas as culturas.

Os egípcios erigiram santuários dentro de seus templos, como câmaras interiores onde somente os sacerdotes adentravam para invocar os deuses.

Entre os gregos, o adyton era o espaço inacessível ao povo, reservado aos mistérios e aos oráculos, como em Delfos, onde a pitonisa se comunicava com Apolo.

Entre os romanos, cada casa tinha o lararium, um pequeno santuário doméstico que guardava os lares, espíritos protetores da família.

No judaísmo, o Santo dos Santos continha a Arca da Aliança, inacessível a todos, exceto ao Sumo Sacerdote em um único dia do ano (Yom Kipur).

No cristianismo medieval, as catedrais reservavam as capelas mais internas para relíquias, reluzindo como santuários de fé e poder.

No oriente, o hinduísmo possui o garbha griha, o “*ventre da casa*”, núcleo secreto onde a divindade habita; e no budismo, as estupas (monumento budista em forma de cúpula) guardam relíquias sagradas que se tornam polos de peregrinação.

Todos esses exemplos evidenciam que o Santuário é sempre o mesmo, o lugar reservado ao Mistério.

É a parte mais interior do templo, onde a divindade é velada e onde o homem, ao adentrar, entra em contato com aquilo que transcende o comum.

Assim, quando o Mestre Real fala em Santuário, não se refere somente a uma construção física, mas a um arquétipo que acompanha a humanidade desde os seus primórdios.

O Santuário é o coração oculto do templo, a fonte de luz protegida pela sombra, a presença do eterno guardada pelo silêncio.

Mas não existe somente o Santuário material, há também o Santuário filosófico, onde o pensamento se recolhe para encontrar a verdade que não se revela nas ruas agitadas do mundo.

Os antigos filósofos possuíam suas escolas como verdadeiros santuários da mente, locais onde o saber não era disperso, mas protegido e transmitido em círculos restritos.

Existe também o Santuário espiritual, que não precisa de paredes nem de colunas.

Ele está no recolhimento da alma que busca o contato com o divino, no altar invisível erguido no coração.

Esse santuário interior é o espaço onde o homem encontra sua verdadeira essência e descobre que o Templo de Salomão é, em última análise, uma imagem de si.

Por fim, existe ainda o Santuário mental, que cada um deve aprender a cultivar.

É o espaço silencioso da consciência, livre das agitações e das paixões, onde se pode ouvir a voz serena da sabedoria.

Criar esse santuário interior é tarefa do iniciado, pois sem ele o homem se perde em dispersões e jamais encontra a verdadeira Palavra.

Assim, ao contemplar o Santuário do Mestre Real, podemos perceber que ele é simultaneamente histórico e mitológico, visível e invisível, terreno e espiritual.

É o elo entre as pedras do Templo de Jerusalém e a morada secreta da alma.





A GLÓRIA DE ISRAEL

A chamada Glória de Israel era a manifestação visível da Presença Divina, representada por uma nuvem luminosa, densa e, ao mesmo tempo, envolta em mistério. Essa manifestação é chamada na tradição judaica de Shekinah (שכינה), termo que significa “habitação” ou “morada”.

No Êxodo, essa mesma Glória aparecia na nuvem que guiava o povo de dia e no fogo que os iluminava à noite (Êxodo 13:21).

Era o Êxodo em marcha, e nessa marcha a Glória de Israel não era metáfora. Era direção e proteção.

No Sinai, a Glória cobriu o monte como fogo consumidor (Êxodo 24:16-17).

Quando o Monte Sinai tremeu, a nuvem cobriu o cume e o brilho devorou as arestas da pedra. Foi quando o tempo comum cedeu lugar ao tempo sagrado.

O relato bíblico preserva a memória viva dessa manifestação. Não descreve um princípio abstrato, descreve uma presença.

Mais tarde, quando o Tabernáculo ficou pronto, a nuvem desceu e encheu a Tenda do Encontro.

Aquele espaço simplicíssimo, feito de madeira, linho e ouro, passou a guardar algo que ultrapassava qualquer arte humana.

A glória enchia o interior e ninguém ousava entrar, a Shekinah tomava a casa, e quando o povo partia, a nuvem se erguia, e quando ela pousava, todos paravam.

Esta pedagogia do movimento ensinava que a vida de aliança é uma vida de atenção. O iniciado aprende com isso a ouvir os sinais discretos da presença divina.

Com a construção do Templo de Salomão, outra cena inesquecível, os sacerdotes em ordem, cânticos, trombetas, e de repente o Santo Lugar é tomado por uma nuvem, a Shekinah sela a casa, a Arca ocupa seu repouso entre os querubins e o Verbo deixa de ser simples figura de linguagem, se torna a fórmula da criação.

O lugar mais escondido torna-se o ponto de encontro entre o céu e a terra.



Profetas como Ezequiel falam da glória que se levanta e se afasta quando a infidelidade corrói o coração do povo, essa é uma lição que não perdemos nos Graus Crípticos.

A narrativa do grau de Super Excelente Mestre e a memória do exílio, nos ensina que a presença é dom, não garantia automática, ou seja, o segredo é vivo e pode recolher-se quando a verdade é traída e retornar quando a aliança é renovada.

A Shekinah não aparece no texto hebraico mais antigo, surge no hebraico e no aramaico do período pós-exílio.

Os Targumim (traduções aramaicas da Bíblia Hebraica), falam da Shekinah para dizer que o Altíssimo se deixa encontrar em meio ao seu povo.

Os sábios da Mishná e do Talmud dizem que a Shekinah repousa onde dez estudam a Lei, mas também onde dois se sentam para julgar com justiça, e até onde um coração solitário se volta com sinceridade.

Não se trata de sentimentalismo, é uma afirmação moral, onde a presença divina se faz companheira da verdade e da retidão.

Filósofos judeus antigos, como Filon de Alexandria, interpretaram a presença em linguagens de sabedoria greco-oriental, falando de razão divina que ordena o mundo.

Historiadores como Josefo recordam sinais no santuário que a memória do povo associava à nuvem do deserto.

Místicos posteriores, reunidos sob a vasta tradição do Zohar, cantaram a Shekinah como face da presença, a imagem que conduz à união.

Rabinos de feição mais filosófica preferiram falar de um influxo intelectual ou luz criada que permite ao profeta perceber a vontade divina.

São caminhos de linguagem, todos tentam tocar um segredo, e nenhum esgota o assunto.

No coração do Templo, no Santo dos Santos, a Arca da Aliança repousava sob as asas dos querubins e entre as asas, o propiciatório.

Nos Graus Crípticos, a Arca não é vista como morada de Deus, mas como lugar de manifestação.

A nuvem e o incenso funcionam como véu, pois o excesso de luz exige cobertura, lembrando que o sagrado é aproximação e recato.

A tradição, como a Cabala, oferece imagens simbólicas, descida, subida, reparação, que não devem ser tomadas literalmente, mas como tentativas de expressar a experiência do encontro.

O iniciado compreende que restaurar o Nome é também restaurar-se interiormente, e que a glória retorna quando a aliança é renovada.

Por isso, falar da Glória de Israel nos Graus Crípticos é essencial, neles a cena central é o segredo guardado no subterrâneo, a fidelidade preservada no silêncio, a chama que se mantém mesmo quando tudo ao redor desmorona.

Cada grau apresenta uma pedagogia da presença, o Mestre Real vive a inquietação, o Mestre Escolhido constrói a câmara, mas é só no grau de super Excelente Mestre que compreendemos a importância da Cripta e seu papel como alicerce vivo do futuro templo.

A glória enche o Templo e a comunidade reconhece que não foi a mão humana que coroou a obra. Foi o retorno da presença.

A Shekinah caminha com os justos mesmo quando a cidade cai. E prepara o retorno.

Ezequiel viu a glória que parte, mas viu também a glória que retorna. Esta esperança molda o coração do Críptico.

O simbolismo arquitetônico reforça essa leitura. O arco não é somente solução de engenharia. É imagem de passagem e sustentação.

A pedra chave que fecha o arco remete ao encontro entre o alto e o baixo.

A Shekinah, nesse contexto, é a bênção que corre quando a união se cumpre.

Há ecos dessa doutrina em muitas tradições, por exemplo: a luz do Tabor (luz que envolveu Cristo no Monte Tabor durante a Transfiguração, quando seu rosto resplandeceu como o sol e suas vestes se tornaram brancas como a luz — Mateus 17:2); essa luz em linguagem cristã, conversa silenciosamente com a ideia judaica da glória que ilumina sem consumir.

No Islã, a Sakīna (سكينة) é compreendida como a presença serena de Deus, uma tranquilidade espiritual que desce sobre os crentes nos momentos de provação.

A palavra vem da mesma raiz semítica de *Shekinah* (שכינה), usada no judaísmo, ambas remetendo à ideia de habitação ou permanência divina entre os homens.

O maçom dos Graus Crípticos lê estas páginas com olhar de artesão espiritual, ou seja, ele entende que o que se guarda na câmara não é uma curiosidade, é uma responsabilidade.

A primeira câmara é o coração. O altar secreto é a consciência. Os instrumentos são as virtudes.

A Arca, imagem do depósito da aliança, recorda que a palavra dada deve ser cumprida. O propiciatório que cobre a Arca lembra que a misericórdia está acima.

A Shekinah é presença que une alegria e gravidade. Ela não se manifesta em qualquer espaço, nem se deixa capturar por simples desejo.

Se o iniciado deseja recebê-la, precisa antes erguer em seu coração um templo digno de sua visita.

Esse templo não se constrói somente com meditações ou leituras, mas com a obra silenciosa das ações diárias, onde cada gesto justo, cada palavra verdadeira e cada ato de bondade tornam-se pedras vivas dessa morada interior.



Na prática, ritual, isso se traduz em gestos simples. Guardar o silêncio quando convém; tratar o Nome do Inefável com reverência; honrar o espaço de trabalho com decoro; receber a instrução com humildade; cumprir as tarefas discretas com alegria.

Tais gestos, aparentemente pequenos, abrem caminho para a presença encontrar morada.

Se voltarmos por um momento à Tenda do Encontro, veremos que ela era portátil, e essa é uma lição preciosa, ao ensinar que **o sagrado que habita não depende de luxos, depende de fidelidade.**

O iniciado precisa aprender a desmontar e montar o tabernáculo da alma a cada estação, o deserto ensina isso, ora caminhamos, ora acampamos.

Aponte o coração para a nuvem, se ela se ergue, caminhe, se ela pouso, permaneça, esta obediência gera paz.

Quando pensamos em York, em sua catedral, em seus mestres, lembramos que a pedra vive quando a medida é justa. O rito que herdamos conserva essa ciência.

As medidas do Tabernáculo e do Templo falavam de proporção e beleza, por trás das medidas, a presença.

A Shekinah morava ali não devido ao ouro, mas devido à aliança.

Assim também em nossa Loja, quanto mais íntegro o labor, provável a visita.

A tradição rabínica afirma que a Shekinah se encontra onde os homens fazem justiça.

A obra do Críptico é aprender a depor as impurezas que impedem o encontro, e não se trata de técnica esotérica e sim de virtude, pois, quem purifica as mãos e o coração vê a luz.

Entre as asas dos querubins, acima da Arca, havia um vazio que não era ausência, mas acolhimento, um espaço reservado para a presença; o Santo dos Santos ensinava em silêncio que esse vazio é o desejo purificado, e o iniciado dos Graus Crípticos aprende a cultivá-lo em si.

“Onde a Shekinah habita, a alma encontra paz.”



OS OFICIAIS

Ao adentrar o Conselho Críptico, o iniciado encontra no Oriente três figuras que não são somente oficiais administrativos, mas arquétipos vivos da tradição maçônica.

O Ilustre Mestre, sentado ao centro, representa Salomão, o filho de Davi, construtor do Templo do Senhor.

Na Bíblia, Salomão é celebrado como o homem a quem foi concedida sabedoria acima de todos os reis; é aquele que solicitou não riquezas nem longos dias, mas entendimento para governar com justiça (1Reis 3:9).

Assim, na cadeira do Oriente, o Ilustre Mestre não é somente o presidente do Conselho, ele encarna a sabedoria espiritual que orienta a construção.

Nos textos ocultistas, Salomão é também o mestre dos segredos da natureza e das artes celestes.

Tal como o Sumo Sacerdote no Templo era assistido pelos levitas, o Ilustre Mestre é assistido por seus oficiais.

À direita do Ilustre Mestre está o Mestre Adjunto, que representa Hiram, Rei de Tiro. Esse personagem, por vezes relegado a papel secundário nos estudos simbólicos, é, na verdade, figura essencial para compreender a obra do Templo.

Hiram de Tiro não era israelita, mas fenício, e sua presença no Conselho lembra que a verdadeira construção não se ergue somente com pedras de uma nação, mas pela cooperação de todos os povos.

No plano oculto, o Mestre Adjunto simboliza a colaboração das forças externas que se unem ao espírito, representa a matéria-prima vinda de fora, das madeiras do Líbano, dos metais e das técnicas artesanais.

À esquerda do Ilustre Mestre, encontramos o Principal Condutor dos Trabalhos, que representa Hiram Abiff, o arquiteto do templo.

No plano prático, o Principal Condutor dos Trabalhos é responsável por conduzir os trabalhos, dirigir os candidatos e assegurar a disciplina da Arte.

Na tradição bíblica, Hiram Abiff é apresentado como *“um homem cheio de sabedoria, entendimento e habilidade para trabalhar em ouro, prata, bronze, ferro, pedras e madeira”* (2 Crônicas 2,13-14).

Nos paralelos ocultistas, Hiram Abiff é o arquétipo do mestre sacrificado, o Prometeu que traz o fogo e sofre por isso, o Osíris que desce às trevas, o arquiteto interior que precisa perecer e renascer para a Palavra ser reencontrada.

A união dessas três figuras torna-os mais que um Conselho, são um santuário protegido, onde a fórmula da criação pode ser depositada sem risco. O Ilustre Mestre é o sopro de sabedoria, o Mestre Adjunto é a força externa que coopera, e o Principal Condutor dos Trabalhos é o coração da obra, o guardião do mistério.

O **Capitão da Guarda** tem função, clara, verificar se todos os presentes são verdadeiramente Mestres Reais e garantir que somente os iniciados adentrem no Conselho, é ele quem vigia o limiar imediato do Santo, assegurando que o espaço sagrado seja preservado.

Biblicamente, seu papel remete aos porteiros do Templo de Salomão, mencionados em (1 Crônicas 9,17-27), que eram responsáveis por vigiar as entradas e saídas do santuário, dia e noite.

Esses porteiros não eram meros vigias, mas homens escolhidos entre os levitas, “postos em confiança”.

Para o iniciado, esse oficial representa sua própria consciência vigilante, aquela que filtra pensamentos, intenções e desejos, solicitando que o sagrado interior seja contaminado.

O Condutor do Conselho (C Cons) é aquele que conduz o candidato em sua jornada ritual.

É ele quem toma o iniciado pela mão, o ensina a fazer os sinais, o conduz ao altar e garante que sua travessia seja feita com ordem.

Na tradição ocultista, essa função se aproxima do guia de almas.

Hermes na Grécia, Anúbis no Egito, São Miguel no cristianismo místico, todos representam essa função de conduzir o viajante espiritual através das fronteiras invisíveis.

O Sentinela (Sent) é colocado do lado de fora, armado, para impedir a entrada de profanos e manter a tranquilidade interior do Conselho.

Biblicamente, seu papel se liga às sentinelas de Israel que vigiavam os muros de Jerusalém, postas para nunca se calarem, clamando noite e dia.

Também aos guardas da porta do Templo, que impediam a entrada de intrusos.

O **Mordomo (Mord)** tem papel aparentemente humilde, transmite recados, abre e fecha portas, assegura o fluxo do trabalho.

Na Bíblia, o mordomo é figura de confiança. Em Isaías 22,15, aparece Sebna, o mordomo infiel que guarda a chave da casa de Davi.

O mordomo é aquele que tem acesso às portas e aos segredos domésticos, portanto, simboliza a fidelidade no serviço.

Para o iniciado, o Mordomo é a lembrança de que a verdadeira grandeza começa no serviço.

Assim como Cristo disse: *“Quem quiser ser o maior, seja o servo de todos”* (Marcus 9,35), o Mordomo é o arquétipo dessa verdade.

O **Capitão da Guarda** é o filtro da consciência; o **Condutor do Conselho** é o guia iniciático; o **Sentinela** é a disciplina dos sentidos; o **Mordomo** é o servidor fiel.

Eles são os equivalentes modernos dos porteiros e levitas do Templo, dos querubins armados, dos anjos guardiões, e mensageiros.

Juntos, eles mostram ao iniciado que, antes de adentrar no Santo dos Santos, é necessário vigiar, conduzir, guardar e servir.

Na organização visível de um Conselho, o Tesoureiro cuida do cofre, o Secretário dos registros, o Capelão das preces, mas, no invisível, cada um deles é um símbolo vivo da vida espiritual do iniciado, lembrando que a construção interior não se sustenta sem ordem, memória, intercessão e serviço humilde.

A função prática do **Tesoureiro (Tes)** é cuidar dos recursos do Conselho, receber e administrar as contribuições, zelar pelo equilíbrio financeiro.

No Templo de Salomão, havia câmaras laterais chamadas de “tesouros”, onde se guardavam não somente bens, mas vasos sagrados, utensílios do culto e ofertas consagradas ao Senhor.



O **Secretário (Sec.)** é o responsável por registrar atas, manter correspondência e assegurar a ordem documental do Conselho.

Simbolicamente, ele representa os escribas celestes que, segundo a tradição bíblica e mística, registram cada ato e palavra dos homens.

Na mística judaica, o anjo Metatron é chamado de “Escriba Celeste”, que registra as obras dos homens no Livro da Vida.

O **Capelão (Capel)** tem função clara, abrir e fechar o Conselho com oração, invocar a presença do Eterno e lembrar que a Maçonaria não é somente arte humana, mas obra espiritual.

Na Bíblia, o papel paralelo é o do sacerdote intercessor.

O Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos para oferecer incenso e expiação pelo povo.

Nos livros das Crônicas, lemos que Davi organizou os levitas em grupos, cantores, porteiros, tesoureiros, escribas, ajudantes dos sacerdotes.

A mesma estrutura aparece no Conselho, cantores transformados em Capelão, porteiros em Capitão da Guarda e Sentinela, tesoureiros e escribas no Tesoureiro e Secretário, ajudantes no Mordomo.

Assim como os subterrâneos do Templo guardavam a Fórmula da Criação para gerações futuras, o Conselho guarda em seus cargos o mapa da iniciação.

**Cada oficial é uma chave,
cada função é um segredo.**



O NÚMERO 8

No Egito, encontramos o conjunto de oito divindades primordiais que simbolizavam as águas primordiais e o caos antes da Criação.

Quatro pares masculinos-femininos representavam aspectos das trevas, da infinitude, da obscuridade e do invisível.

Oito, portanto, era o número da gênese, do momento em que o invisível se preparava para manifestar-se em ordem.

O Conselho Críptico, por lidar com segredos guardados sob o Templo, ressoa com essa ideia, um espaço ainda escuro, que guarda a semente do que virá à luz.

No judaísmo, o oitavo dia era considerado o tempo além do tempo, um ciclo novo após os sete dias da Criação.

O menino era circuncidado ao oitavo dia, marcando um pacto com o Eterno.

O número oito, então, é passagem da ordem criada (sete) para o plano do eterno (oito).

No Grau Críptico, essa ligação é clara, a obra que parecia perdida no tempo se manifesta no plano da eternidade.

Na Inglaterra, terra de tradição esotérica, o número oito aparece em diversas construções góticas, muitas abóbadas e cúpulas se erguem sobre bases octogonais, símbolo da passagem do quadrado (terra) ao círculo (céu).

O Mestre Real, ao marcar suas batidas, não somente recorda a sequência dos graus, mas anuncia que o segredo que guardamos no subterrâneo não é finito, é eterno.

Colocado deitado, o oito se converte no símbolo do infinito (∞).

Esse sinal foi difundido no século XVII pelo matemático inglês John Wallis, mas sua origem é mais antiga, ligada a símbolos gnósticos e orientais, ele representa a continuidade sem fim, o fluxo eterno.

No contexto Críptico, o infinito lembra que o segredo que se guarda sob o Templo não perece, somente espera o tempo certo para ressurgir. Assim como o Mestre Hiram, não desaparece por completo, mas se oculta até que os que vierem depois o redescubram.

Nas tradições ocultistas, o número oito é também o número da justiça e do equilíbrio, pois no Tarô é a carta da balança e da espada.

Nos rituais Crípticos, o segredo não é entregue ao neófito sem que haja equilíbrio entre a busca sincera e a dignidade moral.

O oito, como dois círculos unidos, mostra a união do visível e do invisível, do superior e do inferior, do manifesto e do oculto.

O Críptico é o guardião dessa união, não permitindo que se quebre o elo entre o tempo humano e o eterno.

As batidas do Mestre Real são mais do que um sinal de ordem ritualística, elas ecoam como uma cifra que une Egito e Inglaterra, Templo e Cripta, finito e infinito.

**“O segredo não se perde.
somente muda de forma,
aguardando a hora de se revelar.”**



QUERUBINS

Desde os primeiros relatos do Gênesis, os querubins surgem como guardiões do Éden, armados de espada flamejante, para que ninguém retornasse à árvore-da-vida.

Já aqui se revela sua função primeira, guardar os portais e velar pelo mistério da vida eterna.

Mais tarde, no Tabernáculo de Moisés, dois querubins de ouro batido estendem suas asas sobre o propiciatório da Arca da Aliança, enquanto a cortina que separa o Santo do Santo dos Santos é bordada com a mesma imagem.

O autor da Epístola aos Hebreus recordará essas figuras sagradas, chamando-os “querubins de glória” que fazem sombra ao propiciatório, confirmando que o trono do Altíssimo repousa sobre eles.

No Templo de Salomão, a imagem é ampliada.

Dois gigantescos querubins de madeira de oliveira, com dez côvados de altura, recobertos de ouro, estendiam suas asas de uma parede a outra do Debir.

Portas e paredes estavam entalhadas com querubins e palmeiras, sinal de que toda a Casa se tornava um limiar guardado.

Assim, a função simbólica é reiterada, o homem só adentra no Santo dos Santos passando pelo olhar desses guardiões alados.

Ezequiel, o profeta das visões, descreveu o carro divino sustentado por seres viventes com quatro faces e asas, que no capítulo dez são identificados como querubins.

Essa visão, matriz do misticismo da carruagem, mostra que os querubins não são somente estátuas, mas potências viventes que sustentam a glória e nessa tradição, sua função é também pedagógica, conduzir o vidente a realidades celestes.

O judaísmo rabínico refletiu amplamente sobre os querubins, o Talmude ensina que seus rostos eram como os de crianças, evocando inocência e pureza.

Outros intérpretes os descrevem como figuras humanas aladas, guardiões entre o visível e o invisível.

Há até relatos de que se inclinavam um para o outro quando Israel era fiel, e se voltavam de costas quando o povo se afastava da Lei.

Estão situados logo abaixo dos Serafins na hierarquia celeste, posição confirmada por Tomás de Aquino, e essa doutrina moldou o imaginário medieval e renascentista.

Para além da Escritura, há ecos no Antigo Oriente, o vocábulo hebraico “*keruv*” parece aproximar-se do acádio *karabu*, “abençoar” ou “interceder”.

As figuras aladas protetoras do Crescente Fértil, como os lamassu assírios, figuras com o corpo de touro, asas de águia e rosto humano barbado, são parentes culturais dos querubins, todos associados a portais e tronos divinos.

O Crescente Fértil é uma região do Oriente Próximo que tem esse nome devido a sua forma arqueada, parecida com uma lua crescente, e por seus solos férteis que permitiram o nascimento das primeiras civilizações, ele se estende desde o vale do rio Nilo, no Egito, passando pela Palestina e Síria, alcançando a Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates.



A tradição dos querubins atravessa a Bíblia, os apócrifos e a mística judaica, até ser reelaborada pela patrística cristã como imagem litúrgica.

Nos Graus Crípticos, essa herança ganha forma ritual.

O Mestre Real não está cercado por guardas humanos, mas por figuras celestes que delimitam o sagrado. Em algumas jurisdições, doze estandartes de querubins circundam o altar, evocando a proteção sobre todo o povo de Israel e lembrando que cada porta da Jerusalém celeste permanece guardada.

São enigmas vivos, guardiões do limiar entre o visível e o invisível que convocam o Mestre Real a ultrapassar os limites da matéria.

É nesse instante que a pedra, antes fria e pesada, revela-se templo espiritual, e o cálice moldado com esforço e fé transborda o mais puro da alma, tornando-se fio condutor da travessia.

“Ali se bebe o próprio espírito.”

ORDEM DE CONCESSÃO	ORDEM CRONOLÓGICA
Aprendiz (Loja)	Aprendiz (Loja)
Companheiro (Loja)	Companheiro (Loja)
Mestre (Loja)	Mestre de Marca (Capítulo)
Mestre de Marca (Capítulo)	Mestre Real – 1ª parte (Conselho)
Past Master Virtual (Capítulo)	Mestre Escolhido (Conselho)
Mui Excelente Mestre (Capítulo)	Mestre (Loja)
Maçom do Real Arco (Capítulo)	Mestre Real – 2ª parte (Conselho)
Mestre Real (Conselho)	Past Master Virtual (Capítulo)
Mestre Escolhido (Conselho)	Mui Excelente Mestre (Capítulo)
Super Excelente Mestre (Conselho)	Super Excelente Mestre (Conselho)
Ordem da Cruz Vermelha (Comandaria)	Maçom do Real Arco (Capítulo)
Ordem de Malta (Comandaria)	Ordem da Cruz Vermelha (Comandaria)
Ordem do Templo (Comandaria)	Ordem de Malta (Comandaria)
	Ordem do Templo (Comandaria)



ORDEM HISTÓRICA

Os graus da Maçonaria Críptica não podem ser vistos como episódios isolados, mas como parte de uma narrativa contínua que une o drama da perda da Palavra no Terceiro Grau à sua redescoberta gloriosa no Grau de Maçom do Real Arco.

São eles que preenchem a lacuna e dão sentido à cadeia iniciática, revelando que a Palavra não se perde por completo, mas é antes ocultada, preservada e finalmente revelada no tempo certo.

Na primeira parte do Grau de Mestre Real, o cenário é a Câmara do Conselho, lugar reservado do rei Salomão. Hiram Abiff ainda se encontra vivo e recebe os obreiros no Templo, inspecionando os objetos sagrados destinados ao Santo dos Santos, a Arca da Aliança, o Altar dos Incensos, a Mesa dos Pães e o Candelabro de sete braços, todos encomendados conforme o modelo dado por Deus a Moisés.

É nesse contexto que Hiram discorre sobre a brevidade da vida e as consequências da morte, pressentindo inclusive a sua própria.

O ensinamento é claro, toda glória exterior é transitória, e a verdadeira recompensa é reservada ao obreiro fiel na eternidade.

Aqui, o iniciado vê que a morte não é somente o fim da obra material, mas o portão para um Templo invisível, edificado sobre os alicerces da vida vivida com fidelidade.

“Ensina-nos a contar os nossos dias, de tal maneira que alcancemos corações sábios” (Salmos 90:12).

Já na segunda parte do Grau de **Mestre Real**, o cenário muda radicalmente. Hiram Abiff está morto, vítima da tragédia narrada no Terceiro Grau, e o Templo se aproxima de sua conclusão, mas a perda do Mestre é irreparável. Salomão, rei de Israel, e Hiram, rei de Tiro, reconhecem que não podem transmitir a Palavra, pois o triângulo de prata que os unia está quebrado.

Aqui está a lição, a Verdade só pode ser transmitida quando há plena unidade entre os guardiões do segredo; o número três, símbolo da perfeição, ao perder um de seus lados, torna-se incapaz de sustentar a Palavra.

A ausência de Hiram é a ausência de uma dobra essencial. O iniciado aprende que a plenitude da luz não pode ser alcançada sem a comunhão perfeita.

O Grau de **Mestre Escolhido** nos conduz a um momento anterior à tragédia de Hiram. Aqui, Salomão revela a existência de uma Cripta secreta sob o Templo, acessível somente por seu gabinete real.

Essa câmara subterrânea, construída com nove arcos de pedra, destinava-se a resguardar tesouros e segredos que deveriam permanecer ocultos até que viesse o tempo oportuno.

Na simbologia críptica, a Cripta é mais do que um espaço físico, é a própria alma do iniciado, onde a Palavra deve ser guardada até que amadureça o tempo da revelação.

O Grau ensina que a verdadeira fidelidade não está somente em receber a Palavra, mas em saber velá-la com prudência até que possa ser pronunciada.

O último dos graus, concedido tradicionalmente em reuniões anuais, é o de **Super Excelente Mestre**, considerado por muitos um dos mais belos e impressionantes de toda a Maçonaria.

Diferente dos anteriores, ele não se passa no tempo da construção, mas séculos depois.

Já haviam transcorrido cerca de 370 anos desde a dedicação do Templo por Salomão; Israel, no entanto, havia se desviado do caminho do Senhor.

O último rei, Zedequias, é um exemplo de fraqueza e soberba, cercado por maus conselheiros, deixou-se dominar pelo orgulho e não deu ouvidos ao profeta Jeremias, que o advertia em nome de Deus (Jeremias 27:12-17; 38:17-23).

O resultado foi a tragédia anunciada. Nabucodonosor II, rei da Babilônia, sitiou Jerusalém, destruiu o Templo, incendiou seus palácios e levou o povo ao exílio (2 Reis 25).

O Templo, que um dia resplandeceu com a Glória de Israel, jaz agora em cinzas, mas a lição não é de desespero, e sim de advertência, a fidelidade é a única salvaguarda contra a destruição espiritual.

Na ordem de concessão, que segue a organização administrativa de Lojas, Capítulos, Conselhos e Comanderias, o percurso se apresenta da seguinte forma: Aprendiz, Companheiro e Mestre; Mestre de Marca, Past Master, Mui Excelente Mestre e Maçom do Real Arco; Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre;

Na **ordem cronológica**, que corresponde à narrativa simbólica e bíblica desses mesmos Graus, a sequência se modifica: Após Aprendiz e Companheiro, o caminho leva ao Mestre de Marca; dali o enredo simbólico prossegue com o Mestre Real em sua primeira parte, depois com o Mestre Escolhido, e só então com o Mestre da Loja Simbólica; a história avança novamente no Mestre Real em sua segunda parte, para então conceder o Past Master e o Mui Excelente Mestre. O próximo passo é o Super Excelente Mestre, concluindo com o Maçom do Real Arco, que representa a culminância da reconstrução e da revelação.

Assim, o Maçom percorre um caminho duplo, por um lado, segue a ordem de concessão estabelecida pelas jurisdições e pelos Corpos do Rito.

Por outro, ao aprofundar-se no estudo e na vivência ritual, percebe-se haver uma ordem cronológica mais antiga, que reconta os episódios da construção, destruição e reconstrução do Templo, da perda e redescoberta da Palavra, unindo em si história, tradição e mistério.

*“É glória de Deus encobrir o assunto,
mas glória dos reis investigá-lo” (Provérbios 25:2).*



O CALENDÁRIO CRÍPTICO

Quando falamos sobre a linha do tempo na Maçonaria Críptica, somos apresentados a uma peculiaridade que distingue esse sistema do calendário civil tradicional. Na Maçonaria Críptica, utiliza-se o **Anno Depositionis**, ou **Ano do Depósito**, abreviado como **A. Dep.** Este calendário não se baseia no nascimento de Cristo ou em eventos históricos gerais, mas na tradição bíblica ligada ao **Templo de Salomão**.

O **Anno Depositionis** é calculado somando-se 1.000 anos ao ano civil corrente. Por exemplo, se estamos no ano de 2025 no calendário gregoriano, na Maçonaria Críptica estamos no **Ano 3025 do A. Dep.** ($2025 + 1000$). Este método de contagem do tempo possui uma rica ligação com a história e o simbolismo do Templo de Salomão.

O uso do **Anno Depositionis** remonta ao momento sagrado da história bíblica quando o **Templo de Salomão** foi concluído e consagrado. A tradição maçônica reconhece que, em torno do ano 1000 a.C., o Templo de Salomão, em Jerusalém, foi o centro espiritual do povo de Israel e a casa que abrigou a **Arca da Aliança**, um dos maiores símbolos de fé e de aliança com Deus.

No Antigo Testamento, em **Reis I 7:51**, está registrado o momento em que o rei Salomão terminou a construção do Templo e o consagrou com os itens sagrados que seu pai, Davi, havia dedicado a Deus.

O versículo relata: *“Assim se acabou toda a obra que fez o rei Salomão para a casa do Senhor; então trouxe Salomão as coisas que seu pai Davi havia consagrado; a prata, e o ouro, e os objetos pôs entre os tesouros da casa do Senhor.”*

Este evento de consagração é considerado o ponto de partida para o calendário Críptico.

A data simbólica desse evento é marcada como o "**Ano do Depósito**" porque foi nesse momento que a **Arca da Aliança**, com todos os seus mistérios e simbolismos sagrados, foi depositada no Santo dos Santos, a câmara mais interna do Templo.

Com base nesse princípio, o calendário Críptico é calculado a partir do **ano 1000 a.C.**, associado à conclusão do Templo de Salomão, mas com 1.000 anos adicionais. Assim, o **06 de setembro de 2025** no calendário gregoriano foi registrado como o **06 de setembro de 3025 do A. Dep.**, um marco importante para os maçons crípticos, que celebram a construção do Templo e a preservação de seus ensinamentos sagrados ao longo dos milênios.

O **Anno Depositionis** é mais do que somente um sistema de contagem de anos; ele representa a **memória viva** de um momento sagrado na história. Esse sistema de datação também é um lembrete contínuo da **preservação e da busca pela sabedoria** guardada na tradição maçônica e das profundezas espirituais que o Templo de Salomão simboliza.

Para os maçons Crípticos, o ano do calendário **A. Dep.** serve como um elo entre a prática ritualística atual e a veneração dos grandes feitos dos mestres antigos, como Salomão e Hiram Abiff, e as tradições de sabedoria e moral que eles preservaram. Através desse calendário, cada dia se conecta com os mistérios ocultos da maçonaria, formando uma linha contínua de busca e iluminação espiritual.

Além disso, o **Anno Depositionis** sê um lembrete de que a **história espiritual** de cada maçom está profundamente interligada com a **história cósmica e divina**, onde o passado e o futuro convergem para a realização do templo interior e da união com o divino.

Esse uso do calendário na Maçonaria Críptica não só ajuda a conectar os maçons com a tradição, mas também reforça o entendimento de que o **tempo** na maçonaria é mais do que uma simples sequência de dias, mas uma representação de uma **jornada espiritual e eterna**.



A TAÇA DOURADA

No Templo de Salomão, a taça dourada ocupava um lugar de destaque não somente como objeto ritual, mas como símbolo carregado de sentidos que atravessavam fronteiras culturais e espirituais.

Sua presença evocava não só a fé de Israel, mas também uma tradição universal que já existia muito antes da construção do Templo.

Entre os povos do Egito, por exemplo, cálices e vasos eram usados em ritos de libação diante dos deuses. Sacerdotes derramavam vinho, água ou leite sobre o solo como oferenda à vida que brotava do Nilo.

Esses recipientes eram de alabastro, ouro ou prata, muitas vezes adornados com inscrições sagradas que invocavam a proteção divina.

Ali, a fé se manifestava no gesto de entregar aos deuses o melhor da colheita, enquanto a esperança estava no retorno em forma de fertilidade para a terra e prosperidade para o povo.

A caridade, nesse contexto, aparecia como o ato coletivo de manter a ordem cósmica, partilhando com a divindade aquilo que sustentava toda a comunidade.

Na Mesopotâmia, sobretudo entre babilônios e assírios, os templos guardavam taças e vasos de metal preciosos para libações de vinho e cerveja diante das estátuas divinas.

Esses objetos eram considerados tão sagrados que o saque das taças de ouro do templo de Marduque ou mesmo do templo de Jerusalém, séculos depois, era visto como profanação imperdoável.

Nessas culturas, o cálice não era um simples recipiente, era uma ponte entre o visível e o invisível, um canal através do qual o homem oferecia e recebia.

Ali também encontramos o mesmo tripé simbólico que iluminaria mais tarde a maçonaria críptica, fé depositada na oferta, esperança na reciprocidade dos deuses, e caridade no gesto de devolver à ordem divina parte do que se recebeu.

Os persas, herdeiros de tradições zoroastristas, tinham também vasos sagrados onde o fogo eterno era alimentado e onde líquidos eram depositados como símbolo de purificação.

Esses vasos, assim como a taça dourada de Salomão, não se limitavam ao valor material, representavam a ligação entre o mundo dos homens e o dos espíritos.

Quando olhamos para o Templo de Salomão, percebemos que o objeto ali não era isolado, mas dialogava com toda uma tradição do Oriente.

Contudo, no Templo de Jerusalém, ele adquiria um significado único, não servia a uma pluralidade de deuses, mas ao Deus Único, invisível e transcendente.

A fé que a taça evocava não era somente confiança na natureza, mas confiança no Eterno que governa toda a criação.

A esperança de que nela se depositava não era somente de prosperidade agrícola, mas de redenção espiritual e de preservação da aliança.

A caridade que transbordava dela não era somente partilha de colheitas, mas a entrega do melhor da alma em serviço a Deus e à comunidade.

O ouro da taça falava de eternidade, de incorruptibilidade, de um brilho que não se apaga.

Seu conteúdo, fosse água, vinho ou óleo, apontava para a esperança que brota mesmo em tempos de escassez.

Seu uso, repartido entre sacerdotes e povo, ensinava que a verdadeira grandeza de um objeto sagrado não está em si, mas em servir como canal da caridade divina.

Assim, a taça dourada do Templo de Salomão não é somente um objeto histórico, mas um ponto de convergência simbólica entre tradições antigas.

É um elo entre Egito, Mesopotâmia, Pérsia e Israel, sintetizando no culto hebreu o que cada povo buscava à sua maneira, permanecer em contato com o divino, confiar na promessa de bênçãos futuras e repartir o dom recebido.

No Conselho Críptico, ao meditarmos sobre ela, compreendemos que sua lição permanece atual.

A fé, esperança e caridade que representava não se restringem ao tempo de Salomão, mas atravessam os séculos até nós.

A taça dourada recorda ao iniciado que cada ritual, cada ato de vida e cada gesto de fraternidade pode ser uma libação oferecida ao Supremo Arquiteto do Universo.



AMOR
JUSTIÇA FRATERNIDADE
BONDAD E ESPERANÇA
FIDELIDADE HUMILDADE
CARIDADE PAZ
VERDADE
FORTALEZA



THE GOAL OF LIFE

THE GOAL OF LIFE

OS CANDELABROS

No Templo de Salomão, como nas Lojas maçônicas simbólicas que herdaram seu espírito, os candelabros não são simples objetos de iluminação.

Eles são sinais visíveis de uma luz invisível, pontos de contato entre a chama terrena e a claridade divina.

Nas Lojas do Rito de York encontramos três castiçais ao redor do altar, representando as chamadas “*luzes menores*”, o Venerável Mestre, o Sol e a Lua.

Assim como o Sol governa o dia e a Lua governa a noite, o Venerável Mestre governa a Loja em todos os seus momentos, dirigindo os trabalhos à luz de uma ordem cósmica refletida no microcosmo da assembleia.

Mas o simbolismo vai além, esses castiçais não somente iluminam o ambiente físico, eles iluminam o caminho do iniciado.

O obreiro, ao aproximar-se do altar, tem seus passos guiados não por uma claridade exterior, mas pela lembrança de que a verdadeira luz é interior e que sua caminhada deve ser reta, sustentada pela busca da verdade.

Ao olharmos para tradições mais antigas, percebemos ecos desse mesmo simbolismo.

No Egito, a deusa Maat, senhora da justiça, da retidão e do equilíbrio, era invocada para guiar os mortos em sua passagem para o Ocidente, o reino eterno.

Seu símbolo era a pena e sua essência era a verdade que pesava o coração.

Nos candelabros dispostos em esquadria diante do altar, vemos uma recordação desse princípio, eles formam uma linha reta, uma imagem de Maat, que indica ao maçom que seu caminho deve ser iluminado pela retidão.

Por que, então, não formar um triângulo com as três luzes?

Porque no triângulo cada lado teria o mesmo peso, sugerindo que todas as grandes luzes fossem idênticas no centro.

No entanto, na tradição do Templo e da Arte Real, a ordem das coisas deve ser respeitada.

O primeiro lugar cabe ao Livro Sagrado, depositado no centro do altar.

Só então repousam o esquadro e o compasso, que derivam seu sentido e sua força do contato com a Palavra Divina.

Colocar os candelabros em esquadria, alinhados em relação ao altar, é uma forma de demonstrar essa hierarquia sagrada, a Palavra no centro, irradiando retidão, e a luz servindo como guardiã que protege e circunda.

Assim, os castiçais protegem simbolicamente o altar, cercando-o com luz e verdade.

O iniciado que passa por ali, mesmo sem perceber, é envolvido por essa tríplice proteção, da fé que confia em Deus, da esperança que se projeta para a vida futura, e da caridade que transborda em amor ao próximo.

A chama que arde no castiçal é reflexo da fé, o líquido invisível que alimenta essa chama é a esperança, e o calor que dela se irradia é a caridade.

Podemos dizer, então, que os três candelabros ao redor do altar são reflexos da taça dourada do Templo, a fé no recipiente, a esperança em seu conteúdo e a caridade no ato de compartilhar sua luz.

É por isso que eles não estão ali somente para clarear um espaço, mas para iluminar a própria caminhada espiritual do maçom.

Cada passo na Loja deve ser feito sob essa luz, que não é somente de fogo, mas da verdade eterna que nunca se apaga.

Dessa forma, quando os obreiros se aproximam do altar e contemplam os candelabros em esquadria, não veem somente velas, mas uma síntese de toda a jornada iniciática.

Eles recordam que, assim como o Sol e a Lua se alternam para reger o tempo, também sua vida deve ser equilibrada entre o trabalho e o repouso, entre o silêncio e a palavra, entre o visível e o oculto.

E recordam ainda que, sem fé, esperança e caridade, nenhuma obra pode subsistir, seja no Templo material de Salomão, seja no templo invisível que cada homem é chamado a edificar dentro de si.





O MEIO-DIA

Entre todas as horas do dia, nenhuma possui um peso simbólico tão grande quanto o meio-dia. É a hora em que o sol alcança seu zênite e repousa, sem lançar sombras alongadas, pairando como um olho de fogo que tudo contempla.

Esse momento, que para o trabalhador comum pode significar somente o descanso das fadigas, para o iniciado é a revelação de uma verdade mais alta. Há instantes em que o homem deve suspender a ação para ouvir a voz do silêncio.

Nas tradições operativas e especulativas, o meio-dia sempre foi visto como um ponto de equilíbrio.

O pedreiro que lavra a pedra ao nascer do sol sente o vigor da manhã, mas é ao meio-dia que sua força se consome e que o descanso se faz necessário.

Assim como o corpo necessita de repouso, também o espírito necessita de recolhimento, e o meio-dia é a pausa ordenada pela natureza para que o homem se reconcilie com o ritmo da criação.

No Templo de Salomão, esta hora era marcada pelo cessar dos trabalhos.

O ruído dos cinzéis era silenciado, e os obreiros, reunidos em torno de pão e água, recuperavam forças. Mas este intervalo não era somente material.

O descanso físico vinha acompanhado de uma lembrança espiritual de que toda obra humana, por mais grandiosa, depende da bênção do Altíssimo.

Se pela manhã o sol se ergue como promessa e à tarde declina como lembrança da morte, o meio-dia é a plenitude, o instante em que nada falta.

O zênite solar simboliza a perfeição da obra, a consumação da luz, a vitória da claridade sobre qualquer sombra. Por isso, entre os místicos antigos, o meio-dia era visto como uma hora perigosa e, ao mesmo tempo, sagrada, perigosa porque a intensidade da luz podia cegar, e sagrada porque ali se manifestava a face mais plena do divino.

Na tradição bíblica, encontramos ecos dessa mística. Abraão, ao receber os três visitantes às portas de sua tenda (Gênesis 18), estava sentado ao calor do meio-dia. Jacó, em suas jornadas, também menciona a força desse horário.

Entre os profetas, o sol em seu auge é descrito como figura da presença de Deus que não pode ser ignorada. Assim, o meio-dia é o tempo do encontro, o homem para sua faina e o coração se abre ao contato com o Eterno.

Os egípcios foram mestres em alinhar seus templos e rituais com os ciclos do sol. Para eles, o deus Ra percorria o céu em sua barca, do oriente ao ocidente, e ao atingir o ponto máximo, o zênite estremecia em sua glória mais pura.

Nesse instante, os sacerdotes depositavam oferendas nos templos. Não se tratava de um gesto casual, mas de uma liturgia rigorosa, alimentos, incensos, perfumes e flores eram oferecidos ao deus-sol exatamente quando sua energia se derramava com maior intensidade sobre a terra.

As paredes dos templos de Karnak, Luxor e Heliópolis ainda guardam inscrições que atestam essa prática. Era o chamado “culto do meio-dia”, momento em que o sacerdote, purificado, ascendia ao espaço sagrado para renovar a aliança entre o céu e a terra.

Essa oferenda era acompanhada de cânticos e invocações, e simbolizava o equilíbrio do cosmos. O sol em seu auge era o coração do tempo, e a oferenda, o selo que mantinha a ordem do universo (Ma’at).

Os hebreus, ainda que monoteístas, herdaram muito da sabedoria ritual de seus vizinhos. No Templo de Salomão, erguido com ajuda de artífices de Tiro e inspirado em modelos fenícios e egípcios, também havia devoções ao meio-dia.

Não se tratava de adoração ao sol como deus, mas do reconhecimento de que o Altíssimo governa os ritmos do cosmos e que sua glória se manifesta através da ordem celeste.

O livro de Daniel (6:10) menciona orações diárias em horários fixos, voltadas para Jerusalém, três vezes ao dia, manhã, meio-dia e tarde.

Esse costume tem raízes profundas, a hora do meio-dia era a de maior recolhimento, quando até o rei podia retirar-se para devoção.

Na lenda maçônica, Hiram Abiff, o mestre construtor, também se recolhia ao meio-dia para suas devoções.

Ele entrava no Templo e, no silêncio das colunas, oferecia a Deus suas orações, solicitando proteção para a obra, sabedoria para conduzir os obreiros e retidão para manter a pureza do projeto.

Ao meio-dia, quando o sol está em seu ápice e o tempo parece suspenso, o homem se volta para o Eterno, oferecendo não somente pão e incenso, mas o trabalho das próprias mãos.

Assim, a tradição críptica recorda que o meio-dia é um tempo de revelação.

É a hora em que a Palavra não se oculta em sombras, mas também não se entrega de modo fácil.

É preciso saber silenciar a ferramenta e desabafar.

Hiram, ao orar no Templo, não somente solicitava bênçãos, ele ensinava que a obra não se sustenta somente pela pedra e pelo ouro, mas pela devoção constante.

“O Sol deteve-se sobre a cidade santa e suas pedras brancas reluzem como ouro polido.

É meio-dia, hora em que cessam os ruídos dos cinzéis e martelos, e os obreiros param sua faina para repousar à sombra dos pórticos.

Mas, para nós que dirigimos esta grande obra, o meio-dia não é somente o intervalo dos trabalhos.

É a hora sagrada, em que o fogo do céu se ergue em sua força plena e o olhar de Deus parece pousar sobre o Santo Monte. Nesse instante, deixo de lado as pranchetas e medidas e entro no recinto sagrado.

Lavo as mãos, respiro o perfume das resinas e volto o rosto para o Oriente. É a hora da oferenda, em que o coração deve estar limpo e a mente elevada.

Senhor de Israel, Arquiteto do Céu e da Terra, a Ti ofereço este momento. Como o Sol que no meio-dia não lança sombras, que também minhas mãos e pensamentos não escondam sombras diante de Ti.

Que a obra que conduzimos se levante reta como os pilares, firme como as fundações ocultas, e pura como o ouro fundido dos altares.

Olho para os obreiros que descansam. Uns recostados às pedras, outros partilhando o pão e a água. Que eles sejam abençoados em sua fadiga, que suas famílias encontrem paz, e que não falte alimento nem força aos que erguem este Templo em Teu Nome.

A ti, Senhor, entrego também o fruto da inteligência que me deste, para traçar medidas e levantar colunas. Pois de nada valem o esquadro e o compasso se não houver a Tua bênção. Que cada pedra, cada arco seja consagrado a Ti, e que esta Casa seja não somente morada da Arca, mas sinal da Tua Glória no meio de Israel.

Como o Sol que hoje está no zênite, ilumina-nos sem que reste sombra alguma, que Tua luz não se afaste de nós. Que, ao cessar o ruído do trabalho, escutemos a Tua voz no silêncio e que, ao retomarmos o labor depois do descanso, nossas mãos voltem mais firmes e mais retas.

E assim, ao meio-dia de cada dia, dedicamos a Ti não só a obra do Templo, mas o templo vivo de nossas vidas. Pois tu és o Deus que habita a eternidade, mas também o Deus que se inclina para ouvir a súplica dos que trabalham na pedra e no pó.

Recebe, portanto, nossas devoções e protege a nós e à obra que se ergue em Teu Santo Nome."



O DESTINO

Em toda a história dos povos, encontramos relatos de sinais, presságios ou advertências que antecederam grandes acontecimentos.

Os antigos hebreus chamavam de *vozes do Senhor* aquilo que se manifestava nos profetas; os egípcios viam nos eclipses e nas cheias do Nilo os recados de seus deuses; os gregos, por sua vez, consultavam os oráculos que, em linguagem enigmática, tentavam indicar o caminho.

Esses avisos não se destinavam somente às nações, mas também a indivíduos. A vida de cada homem, de cada rei, de cada obreiro parece seguir uma trama invisível onde, de tempos em tempos, surgem sinais de alerta.

Na tradição bíblica, o rei Zedequias recebeu inúmeros avisos do profeta Jeremias. Deus lhe falava pela boca do profeta, solicitando que abandonasse a soberba e ouvisse a voz da justiça. Não ouviu. Preferiu os maus conselhos de sua corte, e o resultado foi a destruição do Templo de Salomão e o exílio na Babilônia.

Séculos depois, encontramos exemplos semelhantes no mundo moderno.

O destino, ou o que cada um prefere chamar de Providência, continua a enviar sinais.

Um grande piloto de Fórmula 1, por exemplo, no auge de sua carreira, enfrentou problemas recorrentes com seu carro nas corridas. Dias antes de seu acidente fatal, outro piloto havia falecido no mesmo circuito. Muitos viram nisso um aviso, mas a obstinação, a coragem e talvez a própria missão de sua vida o fizeram prosseguir. O mundo inteiro testemunhou sua morte, que ficou gravada na memória como tragédia e como lenda.

Não é um caso isolado. A história está repleta de exemplos.

Quantos soldados partiram para a guerra ignorando sinais de que não voltariam? Quantos navegadores se lançaram ao mar mesmo diante de tempestades anunciadas? Quantos reis, governantes ou homens simples seguiram caminhos contrários ao que a voz interior lhes aconselhava?

O simbolismo maçônico nos ensina que o verdadeiro iniciado deve aprender a ouvir os *“avisos do destino”*.

Nem sempre vêm em palavras; às vezes chegam como uma intuição, um desconforto, uma dificuldade que se repete, uma porta que se fecha.

Deus fala de muitas formas, e cada tradição dá um nome a essa linguagem.

Os egípcios chamavam de *Maat*, os hebreus de *shekinah*, os cristãos de *graça*, os filósofos de *destino*, os ocultistas de *guardiões do limiar*.

O que há de comum entre todos é que os sinais estão sempre presentes. Cabe ao homem, em sua liberdade, dar ouvidos ou ignorá-los.

O Grau Críptico, nesse contexto, é um aprendizado de vigilância.

A Cripta ensina a ver momentos em que a Palavra não deve ser revelada, mas velada.

Isso também é um aviso, o silêncio do tempo nos prepara para a revelação futura.

Quem não respeita esse ritmo acaba sendo surpreendido, pois se lança na plenitude do meio-dia sem reconhecer que, após ele, vem o declínio da tarde.

Talvez possamos dizer que toda a vida é um diálogo entre sinais e escolhas, quem ouve preserva a si e à sua obra, quem se ensurdece acaba destruindo o que construiu.

Assim como um grande piloto correu mesmo após tantos sinais, assim como Zedequias ignorou Jeremias, também cada homem, no seu caminho, enfrenta os seus próprios avisos.

Hiram concluiu suas preces, elevando ao Altíssimo a obra de suas mãos e o destino de todos os obreiros. Nesse instante, aproximou-se dele Adonhiram, seu secretário fiel e amigo, trazendo uma inquietação no coração.

Com voz respeitosa, perguntou-lhe quando receberia a Palavra de Mestre, aquela joia da sabedoria que tanto almejava.

Eis, meus Irmãos, que aquilo que se deu atualmente não foi simples curiosidade, mas um aviso, um sinal sutil de que os desígnios divinos já se moviam, preparando acontecimentos maiores.

Quantas vezes não é assim também em nossas vidas?

Quantas vezes Deus, ou o Destino, ou aquilo que chamamos de Anjo Guardião, tenta nos prevenir por meio de pequenos gestos, perguntas inesperadas, pressentimentos ou obstáculos que se repetem?

Contudo, na maioria das vezes, insistimos em seguir pelo mesmo caminho, ainda que ele nos conduza ao desastre.

O que ocorreu entre Hiram e Adonhiram não foi somente um diálogo entre mestre e discípulo, mas a antecipação de um mistério.

A Palavra não seria entregue naquele tempo, porque havia de ser velada nas profundezas, para somente depois ser revelada.

A Palavra não foi obtida pelos traidores e acabou sendo esquecida, enterrada na câmara secreta, lá descansou por 444 anos antes que fosse novamente revelada!



A MORTE

Antes de falar da morte do homem, é necessário compreender que a morte não é um acidente individual, mas uma lei universal.

Estrelas nascem do colapso de nuvens de poeira cósmica, brilham durante milhões de anos e depois se extinguem, umas se tornam anãs brancas, outras se apagam em violentas supernovas, lançando ao espaço os elementos que formarão novos sóis e planetas.

Cada átomo de cálcio em nossos ossos, cada molécula de ferro em nosso sangue já pertenceu a uma estrela morta.

Assim, a morte de um astro é nascer uma vida futura.

Planetas também perecem. Astrônomos falam da Terra como um corpo em constante agonia, continentes se fragmentam, mares desaparecem, espécies surgem e se extinguem.

O que chamamos de vida e morte nada mais é do que a respiração cósmica, em que tudo o que existe é provisório, mas nada se perde.

Mesmo o universo tem sua mortalidade especulada. Teorias modernas, como o “Big Freeze” ou o “Big Crunch”, falam de um fim inevitável para o cosmos. Essa reflexão coloca a morte não como anomalia, mas como parte intrínseca da ordem natural.

Todas as religiões antigas precisaram explicar o mistério do fim.

No Egito, a morte não era um desaparecimento, mas um trânsito. O morto atravessava o Duat, o mundo subterrâneo, julgando-se diante de Osíris, com o coração pesado contra a pena de Maat. Se puro, renascia como um espírito luminoso. A mumificação e os ritos funerários eram formas de assegurar essa continuidade.

Na Mesopotâmia, a morte levava o homem a uma “terra sem retorno”, um lugar de poeira e silêncio. Não havia esperança clara de ressurreição, somente de memória.

Para os gregos, Hades era inevitável, mas filósofos como Platão já falavam da imortalidade da alma, descrevendo-a como prisioneira do corpo e destinada a libertar-se.

Para os hebreus da época do Primeiro Templo, a morte era o Sheol, um estado de sombra.

Cada povo elaborou, a seu modo, que a morte não era somente fim, mas passagem, embora nem todos concebessem um renascer consciente.

A experiência humana da morte é sempre dupla, quem parte e quem fica.

O homem primitivo viu a morte como mistério, tentando manter os mortos próximos, seja em tumbas na aldeia ou em ritos de ancestralidade.

O culto aos mortos foi uma das primeiras formas de religião.

Com o tempo, surgiram reflexões filosóficas.

Epicuro dizia que *“a morte não nos pertence, pois quando estamos, ela não está, e quando ela está, nós não estamos”*. Para ele, não havia razão para temer.

Sêneca, lembrava que *“não é a morte que devemos temer, mas nunca começar a viver”*.

Já **Heidegger**, no século XX, definiu o homem como *“ser-para-a-morte”*, pois só no reconhecimento de sua finitude encontra sentido.

A morte é, portanto, o espelho que obriga o homem a encarar a urgência da vida.

A ciência moderna também se debruçou sobre o tema.

Elisabeth Kübler-Ross descreveu as cinco fases do luto, negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Cada homem e cada mulher percorrem esse caminho à sua maneira, buscando reconciliar-se com a ausência.

O luto não é somente dor, mas um processo de transformação.

Ele ensina que amar é aceitar a impermanência.

E o iniciado, quando passa pelo símbolo da morte nos rituais, revive esse processo, a perda, o lamento, o silêncio e, finalmente, a esperança de reencontro.

Há quem veja a morte como aniquilação, e há quem a veja como passagem.

A Maçonaria não se compromete com dogmas, mas fala de um Grande Arquiteto que governa o universo. Assim, deixamos aberta a cada Irmão a reflexão sobre o destino último da alma.

Mas o que a iniciação ensina é que a morte, ao invés de fim absoluto, é transformação.

O corpo retorna à terra, mas aquilo que foi construído no espírito, virtudes, obras, amor, permanece como herança eterna.

No Grau de Mestre Real, Hiram Abiff ainda fala da brevidade da vida.

Pouco depois, sua morte sela a perda da Palavra.

Nos graus seguintes, compreendemos que a Palavra não se perde de todo, mas é velada na Cripta até o tempo oportuno.

A morte, nesse contexto, não é destruição, mas ocultamento.

O iniciado aprende que, assim como o segredo é guardado sob o templo, também a alma é guardada no seio do eterno até que seja revelada.

Portanto, a morte, para os Crípticos, é o símbolo supremo da preservação. Ela não extingue, vela. Não apaga, prepara. Não destrói, transforma.



OS TERRENOS ARGILOSOS

Sucot e Sartã são dois nomes que aparecem discretamente nas Escrituras, mas cuja importância se revela decisiva quando se trata da construção do Templo de Salomão.

Nos relatos do Primeiro Livro dos Reis e do Segundo Livro das Crônicas, encontramos a indicação de que foi exatamente ali, nas planícies do Jordão, que Salomão ordenou que se realizassem as fundições dos utensílios de bronze do Templo.

O texto sagrado diz que esses trabalhos foram feitos “em terra argilosa, entre Sucot e Sartã”. Não se trata de um detalhe accidental. A escolha desse local não foi somente prática, mas também carregada de sentido.

Naquela época, as margens do Jordão possuíam terras naturalmente argilosas e úmidas, ideais para a preparação de moldes resistentes ao calor intenso das fornalhas.

Era um terreno fértil, mas, ao mesmo tempo, propício para a técnica metalúrgica.

Ali se montaram os fornos onde o bronze foi derretido e, uma vez líquido, vertido em moldes de barro que dariam origem às grandes peças do Templo, como as duas colunas monumentais da entrada, Jachin e Boaz, o gigantesco lavatório circular chamado de Mar de Bronze, as bases ornamentadas e muitos outros objetos de culto.

É significativo observar que Jerusalém, embora fosse o lugar destinado à Casa do Senhor, não possuía em si todos os recursos necessários.

O Templo foi fruto de uma rede de cooperação regional.

Das pedreiras vieram as pedras, do Líbano desceram os cedros, de Gebal aportaram os mestres artesãos, e do vale do Jordão, em Sucot e Sartã, surgiram os metais moldados no barro da terra. A cidade santa tornou-se o ponto de convergência de trabalhos espalhados por todo o território.

Essas cidades, hoje desaparecidas, restam somente as referências bíblicas e algumas hipóteses arqueológicas sobre sua localização aproximada.

O barro de seus campos deu vida ao metal, assim como a terra dá vida ao homem.

É impossível não lembrar que, no Gênesis, o Criador molda o ser humano do pó da terra e lhe sopra o fôlego de vida. O barro, quando úmido, é dócil e se deixa modelar.

No entanto, é somente pelo fogo que adquire dureza e permanência, ali se encontra um paralelo direto com o trabalho espiritual, o homem, feito de barro, precisa ser moldado pelas experiências e provado pelas chamas da vida para alcançar firmeza e se tornar útil ao propósito maior.

A escolha de Sucot e Sartã como oficinas para a obra do Templo possui também um caráter Críptico.

Não por acaso, a narrativa aponta para um vale, um lugar baixo, próximo ao rio, onde os moldes eram preparados e onde os segredos da transformação se realizavam longe dos olhos da cidade.

Esse detalhe ecoa a lógica das câmaras subterrâneas do Templo, onde se guardam segredos ocultos.

O vale do Jordão, com sua terra argilosa, era como um útero da criação, onde o metal em estado líquido, incandescente, era derramado nas entranhas do barro e, ali, em silêncio, tomava forma.

Quando o molde era quebrado, surgia o objeto definitivo, pronto para servir no Templo, e o molde se desfazia, mas a obra permanecia.

Esse mistério da perda e da permanência é essencial para compreender a dimensão simbólica de Sucot e Sartã.

Os moldes de barro que receberam o bronze já não existem, foram fragmentados, reduzidos a pó, o que restou foram as colunas e os utensílios sagrados.

Assim também ocorre com a vida, o corpo é somente o recipiente transitório, que se desgasta, enquanto a essência moldada dentro dele permanece além do tempo.

O transitório dá forma ao eterno, e o invisível se revela por meio daquilo que é frágil.

Quando se recorda que esses lugares não mais existem no mapa, compreende-se que não era sua permanência física que importava, mas o que ali se produziu e o significado profundo desse processo.

As cidades desapareceram, mas o simbolismo das terras argilosas, do fogo e do metal permanece, atravessando gerações e se inscrevendo também no coração da Maçonaria.

Nos Graus Crípticos, que nos falam do subterrâneo e do oculto, o eco de Sucot e Sartã continua presente, ao serem símbolos daquilo que se oculta sob a superfície, do trabalho silencioso que molda a alma, do barro que se deixa transformar para dar vida a algo maior.

Assim, quando se evoca Sucot e Sartã, não se fala somente de dois pontos geográficos de uma narrativa antiga, mas de arquétipos da transformação.

Ali, a argila acolheu o metal ardente e lhe deu forma.

Ali, o transitório serviu de ventre ao perene.

Ali, o invisível se manifestou por mãos humanas que trabalhavam em silêncio.

O Mestre Real, ao refletir sobre esses nomes esquecidos do Jordão, compreende que também ele é barro moldado pela vida, que também ele deve suportar o fogo das provas para que dentro de si nasça o templo verdadeiro.



A PALAVRA DE PASSE

“Ah, quão pesado é o suspiro pelo Mestre que se perdeu no silêncio da Terra...”

Esse lamento ecoa não somente como a recordação de um homem, mas como a memória de tudo o que a humanidade já chorou ao se deparar com a morte.

A ausência do Mestre não é somente a ausência de uma pessoa, mas a perda de um ponto de referência, a queda de uma coluna que sustentava um edifício invisível.

O silêncio que se segue à sua partida é mais eloquente que mil discursos, porque revela o vazio que só a morte consegue impor.

Desde tempos imemoriais, o homem ergueu cantos de dor diante da partida de seus guias e protetores.

No Egito antigo, o povo lamentava Osíris, assassinado e despedaçado, cuja ausência fazia o Nilo secar e a terra se tornar estéril, até que sua ressurreição devolvesse a fertilidade.

Em Biblos e nas cidades fenícias, as mulheres choravam Adônis, morto pela fúria do javali, símbolo da juventude ceifada antes do tempo.

Entre os caldeus, Tammuz era pranteado como aquele que descia ao mundo dos mortos e por quem até os deuses vertiam lágrimas.

Os gregos ergueram estátuas a Aquiles e Pátroclo, e os romanos choraram Heitor e Enéias.

Em cada povo, a morte de um justo ou de um herói tornava-se ocasião de lamento coletivo, porque não era somente o indivíduo que desaparecia, mas a esperança que ele representava.

A tradição bíblica também está impregnada desse mesmo espírito. O livro das Lamentações, atribuído ao profeta Jeremias, é um testemunho pungente de como a perda pode marcar não só um homem, mas toda uma nação.

“Como jaz solitária a cidade populosa!”, lamenta o profeta diante da destruição de Jerusalém. Esse clamor ecoa no mesmo tom de quem vê tombar o Mestre, porque ambos os gritos falam da ruína de algo que parecia eterno. E ainda que a fé prometa restauração, a dor do instante não pode ser silenciada.

Na vida iniciática, o lamento pela morte não é somente memória ou poesia, mas rito e aprendizado.

A cada vez que o iniciado se aproxima desse tema, ele é convidado a olhar para dentro de si e reconhecer sua própria fragilidade.

O Mestre que cai não está fora de nós, mas em nós mesmos, pois em cada coração existe uma parte ceifada pelo tempo, uma centelha que se apaga, uma lembrança que se desfaz.

O pranto pelo Mestre é o pranto pelo que já fomos e nunca mais seremos.

Mas esse pranto guarda um segredo, que não é um choro estéril, não é desespero sem saída, é, sim, no lamento que existe a purificação.

Quem chora, esvazia-se; quem se esvazia, abre espaço para algo novo.

A lágrima não é somente água de dor, mas também água de batismo.

Assim como o barro precisa da água para se tornar moldável, também a alma necessita da dor para ser trabalhada novamente, pois o silêncio que a morte deixa é fértil como o campo após a colheita, vazio somente na aparência, mas cheio de sementes ocultas.

O iniciado, ao meditar sobre essa ausência, compreende que a morte não é o fim, mas uma passagem, e que a queda do Mestre é um ensaio de nossa própria queda, revelando que nenhuma obra se sustenta somente em colunas visíveis.

Por trás da morte há sempre uma convocação ao renascimento, e o lamento pela ausência prepara o coração para a esperança da Palavra reencontrada, pois o Mestre que se perdeu no silêncio da Terra não desapareceu por completo, sua memória é semente oculta no subsolo da alma, destinada a germinar no tempo certo.

O pranto torna-se assim um rito de passagem, porque ao chorar o Mestre choramos também nossas ilusões, nossos apegos e nossas certezas frágeis, e nesse esvaziamento voltamos a caminhar mais leves, mais atentos e mais humildes.

A morte nos mostra que nada é absoluto, que tudo o que vemos é transitório e que somente o invisível permanece, de modo que o pranto é iniciação.

A expressão velada que guardamos em nossos lábios recorda esse mistério, pois para quem não conhece é somente um som sem sentido, mas para quem viveu os ritos são um suspiro profundo que atravessa os séculos e que, ao ser pronunciado, não evoca somente um episódio, mas toda a cadeia de lamentos que a humanidade já entoou diante da morte, revelando que o choro pela ausência não é somente dor, mas também promessa de reencontro.

Ah, quão pesado é o suspiro pelo Mestre perdido no silêncio da Terra, mas que ele seja para cada iniciado um chamado a não esquecer que a vida é breve, que o tempo tudo consome, e que somente o que é moldado em silêncio, guardado no coração e purificado pelo pranto floresce para além das fronteiras da morte.

*“Chore com dor pela partida do Mestre;
chore pelo que foi perdido,
por tudo que um dia foi inteiro e se quebrou.”*



OS OBJETOS SAGRADOS

No Santo dos Santos não havia somente a Arca da Aliança, centro e coração da fé, mas também outros objetos moldados em ouro, cada um com sua função precisa, cada um carregado de simbolismo, cada um guardando em silêncio um mistério que só os iniciados poderiam pressentir.

O cálice, já mencionado, repousava como vaso de comunhão e de sacrifício.

Mas ao seu lado estavam vasos de ouro, bacias, colheres, espevitadeiras (instrumento usado para cortar e endireitar a ponta do pavio das velas para a chama queimar de forma mais clara e constante), garfos, pás, pratos e o grande candelabro com suas lâmpadas, todos preparados para servir no serviço sagrado.

O cálice de ouro, depositado como sinal de aliança, era o recipiente da vida partilhada.

Seu uso ritual era claro, conter o vinho das libações e ofertas.

Simbolicamente, é a alma humana que deve se deixar encher pelo espírito e depois se esvaziar em serviço.

Moralmente, ensina a humildade e a generosidade, nada guardar somente para si, mas verter-se em favor dos outros.

Espiritualmente, o cálice é a lembrança de que a vida é breve e deve ser consumida com sentido.

Hermeticamente, representa o vaso da alquimia, no qual o mercúrio interior é recolhido para ser purificado.

No espírito dos Crípticos, o cálice é a Câmara oculta, o espaço vazio, pronto para ser preenchido pela essência divina.

Os vasos de ouro, múltiplos e variados, serviam para conter óleos, perfumes e incensos que seriam usados no altar.

Ritualisticamente, eram depósitos, guardiões silenciosos.

Simbolicamente, falam do coração que guarda tesouros invisíveis, das virtudes que o homem deve preservar antes de manifestar.

Moralmente, lembram a vigilância, não gastar antes da hora, não abrir antes do tempo.

Espiritualmente, representam a alma como recipiente da centelha.

Hermeticamente, são os alambiques da transmutação, onde a substância repousa até que esteja madura.

Para os Crípticos, ensinam a necessidade do segredo, guardar até que o momento da revelação chegue.

As bacias de ouro recolhiam líquidos sacrificiais, água e sangue. Sua função era a de receber aquilo que escorria e não podia ser perdido.

Simbolicamente, elas mostram que até o que parece inútil é sagrado quando ofertado.

Moralmente, ensinam a compaixão, recolher o que os outros deixam cair, guardar o que os outros desprezam.

Espiritualmente, recordam que lágrimas, dores e sofrimentos também podem ser recolhidos e transfigurados em oferenda.

Hermeticamente, são o vaso da dissolução, onde a matéria-prima se desfaz antes de renascer.

Para os Crípticos, a bacia é o coração que guarda memórias e dores ocultas até que se transformem em sabedoria.

As espevitadeiras de ouro, humildes instrumentos para aparar pavios, tinham uma função que parecia pequena, mas era essencial, sem elas, o candelabro soltaria fumaça e perderia a nitidez da chama.

Simbolicamente, são o cuidado diário, a disciplina constante.

Moralmente, representam a autocrítica, a poda necessária do supérfluo.

Espiritualmente, ensinam que a luz só brilha quando se remove o excesso.

Hermeticamente, são a lâmina que corta a parte inútil, deixando somente a essência.

No Santo dos Santos, a ordem de que tudo fosse de ouro puro não respondia somente à beleza ou sacralidade, mas também a uma razão prática.

O ouro, incorruptível e perfeito condutor, estabilizava o ambiente carregado por metais, tecidos, incenso e óleos, evitando descargas imprevisíveis que poderiam até matar quem se aproximasse.

Assim, o mandamento era também proteção, razão pela qual somente o Sumo Sacerdote, purificado e com vestes especiais, podia adentrar o recinto.

Nesse sentido, o ouro não só representava a eternidade divina, mas funcionava como mediador entre o homem e as forças invisíveis da natureza.

O iniciado aprende então que, assim como o ouro exterior preservava a vida, a pureza interior preserva a alma diante da Presença, pois o Santo dos Santos é um campo de forças capaz de revelar ou consumir, onde a energia espiritual da glória divina incinera o profano e ilumina o puro.

O grande candelabro de ouro, com seus ramos múltiplos, era árvore-de-luz. Seu uso era manter acesa a chama diante do altar.

Espiritualmente, revela que a iluminação não é individual, mas comunitária.

Hermeticamente, é a árvore-da-vida, a multiplicidade unida em unidade.

Para os Crípticos, o candelabro é a revelação da luz no subterrâneo, a chama que brilha nas trevas da Câmara oculta.

As pás de ouro serviam para recolher cinzas e resíduos do altar, sua função era a limpeza, o trabalho de manter o espaço puro.

Simbolicamente, representam o cuidado com o sagrado.

Moralmente, ensinam a humildade do serviço, pois não há obra grandiosa sem que alguém retire o pó acumulado.

Espiritualmente, recordam que até o que sobra do fogo deve ser tratado com reverência.

Hermeticamente, a pá é o instrumento que remove o que foi queimado para dar lugar ao novo.

Nos Crípticos, ela lembra que a vida iniciática exige retirar do coração as cinzas do passado para que novas chamas possam arder.

Os pratos de ouro completavam o conjunto, destinados a receber pães da proposição e oferendas diversas.

Ritualisticamente, eram suportes do alimento consagrado.

Simbolicamente, representam a mesa posta diante do divino.

Moralmente, ensinam a hospitalidade, a partilha e a generosidade de oferecer sempre algo.

Espiritualmente, recordam que a vida é alimento, tanto dado como recebido.

Hermeticamente, são a patena do mistério, o suporte do pão oculto da vida eterna.

Nos Crípticos, o prato de ouro recorda que, no subterrâneo, também há mesa posta, a comunhão que se renova mesmo na câmara mais escondida.

Todos esses objetos, grandes e pequenos, caros e humildes, guardavam em si o mesmo segredo, o serviço.

Nenhum deles existia para ser adorno, mas para ser usado, nenhum era somente ouro, mas ouro consagrado.

E em cada um deles havia uma lição silenciosa para o iniciado.

O cálice ensinava a humildade, os vasos, a vigilância, as bacias, a compaixão, as espevitadeiras, a disciplina, o candelabro, a fraternidade, as colheres, a devoção, os garfos, o discernimento, a humildade do serviço e os pratos de partilha.

Juntos, formavam um espelho completo das virtudes que se espera de quem se aproxima do mistério.

Para o iniciado Críptico, o Santo dos Santos é a imagem de sua própria alma.

Dentro dela não está somente a Arca, mas também todos esses instrumentos, cada um aguardando seu momento de uso.

Em silêncio, escondidos aos olhos do mundo, eles esperam que o homem os utilize, a jornada espiritual consiste em aprender a ser cálice e vaso, bacia e candelabro, colher e garfo, pá e prato.

Quando esse aprendizado se completa, a Câmara oculta no homem se ilumina e a Palavra, antes perdida, ressurge com brilho inextinguível.

“Eu sou o cálice que se esvazia para que outros bebam e sou também o vinho que se derrama em memória do que foi perdido.”

“Eu sou o vaso que guarda em silêncio os segredos da eternidade, e sou o óleo que unge, consagra e sela a promessa do que há de vir.”

“Eu sou a bacia que recolhe lágrimas e sangue, para que nada se perca, nem mesmo o pranto mais oculto dos homens.”

“Eu sou a mão que, com a espevitadeira, poda o excesso, corta o supérfluo e deixa que a chama brilhe pura no coração do Templo.”

“Eu sou o candelabro que sustenta sete luzes, e cada uma delas é a virtude que se levanta contra a escuridão.”

“Dentro de mim estão os instrumentos, dentro deles está o serviço, e no serviço se revela a Palavra, pois não é o ouro que os faz sagrados, mas o gesto de quem os consagra através deles. “

“No coração do Templo, sou cálice, sou chama, sou palavra, e sou também aquele que, em silêncio, espera ser encontrado.”



SOB A TERRA

Sob a terra, um dia descansarei e a todos minha promessa mantereí; sob a terra se encontra o útero do mundo, o ventre do mundo, mas também o túmulo onde repousam os ossos e as lembranças dos que partiram.

A cripta secreta é o meu coração, e os segredos nela guardados nunca serão violados.

Se algum dia o forem, que eu mesmo seja o primeiro a apagar minha memória, que seja preferível ser esquecido vivo nas trevas da Câmara do Silêncio, do que trair a confiança depositada em mim, pois, aquele que viola um segredo não merece nem o consolo da lembrança.

Na terra do Egito antigo, as maiores culpas eram castigadas com sepultamentos vivos.

Entre eles, o mais terrível era destinado a quem levantasse a mão contra o faraó, o criminoso era lançado em uma tumba, sem ar, sem luz, sem alimento, sepultado em pedra e areia, condenado a desaparecer sem sequer o direito de ser lembrado entre os mortos.

Essa morte sem nome era pior que a morte física, pois retirava do homem o direito à memória, ao cântico e ao descanso.

Os antigos chamavam essa condenação de “*a segunda morte*”, aquela em que não se matava somente o corpo, mas a alma, apagando-a da história e da posteridade.

Assim, compreendo que, se algum dia eu fosse perjuro, que não me reste sequer o direito de ser pranteado.

Que eu seja enterrado no mais profundo arco, esquecido em uma cripta sem voz, como o traidor que o Egito apagava, como o conspirador que as terras da Babilônia não permitiam mencionar, como os afastados da graça divina que Jerusalém lançava fora de suas portas, pois a violação do segredo não é somente traição aos homens, mas afronta ao próprio Espírito que habita o silêncio das câmaras subterrâneas.

Sob a terra, no entanto, não há uma ameaça somente, ali repousa também a promessa.

Quem guarda o silêncio e mantém a palavra fiel, mesmo em meio às pressões da vida, encontra na escuridão do subsolo não um castigo, mas um refúgio.

A terra cobre, protege e conserva, assim como os corpos de reis eram escondidos nas profundezas de vales e cavernas, para não serem profanados, assim também os segredos devem ser ocultos sob camadas de pedra, para que somente a geração certa os reencontre.

O iniciado dos Graus Crípticos compreende que o subterrâneo é a morada do Mistério, lugar onde se perdem as referências do mundo exterior e onde a alma se confronta somente com o que permanece.

Sob a terra há um duplo destino. Para os infiéis, há esquecimento. Para os fiéis, há preservação.

O juramento que faço não é somente de guardar palavras, mas de transformar meu próprio coração em arca.

Se um dia me faltar a força da memória, que ainda assim a terra conserve em silêncio o que minha boca não ousar pronunciar.

Pois a Palavra não é somente som, mas chama que permanece acesa no oculto, mesmo quando as cinzas a encobrem.

Sob a terra, enfim, cada homem descobrirá sua verdade.

O traidor encontrará silêncio eterno, o fiel será guardado em segredo, e o iniciado aprenderá que os arcos subterrâneos não são somente ruínas ou câmaras de pedra, mas símbolos vivos de sua própria interioridade.

A cripta secreta que se esconde no subsolo do Templo é também o coração humano, espaço invisível, fechado por camadas, onde se guarda a centelha divina que ninguém pode violar.

E assim digo, se me mantiver fiel, que a terra me receba como guardião; se me tornar perjuro, que ela me sepulte em esquecimento.

Pois é melhor ser esquecido entre as trevas do arco do que viver sem honra à luz do dia.

O segredo é meu fardo, mas também minha coroa.

E sob a terra, quando enfim descansar, saberei que o Mistério guardará comigo a promessa que hoje renovo.





DA LUZ ÀS TREVAS

No início de todas as coisas, havia silêncio e trevas, as antigas tradições não descreviam a criação como luz repentina, mas como uma lenta gestação no ventre da escuridão.

Os egípcios falavam do oceano sem limites onde nada existia, os caldeus narravam o abismo, os gregos mencionavam o caos informe. A própria ciência de nosso tempo confirma que o universo primeiro se expandiu na noite cósmica, até que as primeiras estrelas surgiram e acenderam claridade.

Assim, o mundo nasceu da sombra, e a história dos homens sempre foi contada como passagem da noite ao dia.

E assim como se acreditava que tudo começou no escuro, também se pressentia que um dia tudo retornaria a ele, o ocaso dos deuses, o grande silêncio que encerra eras, o apagar das chamas no fim de um ciclo.

A imagem dessa travessia, da noite para a aurora, e da aurora de volta ao crepúsculo, está impressa em todas as coisas.

Tudo o que vive sai de um espaço oculto, a criança se forma no ventre materno, a semente germina na terra, o sol nasce do horizonte encoberto.

E tudo o que perece retorna ao escuro, o corpo ao túmulo, o dia ao entardecer, o fogo às cinzas. Contudo, o desaparecimento não é vazio absoluto, pois a morte gera herança.

A espiga que se desfaz no solo se multiplica em colheita, o mestre que se cala deixa discípulos, a estrela que se extingue espalha pó luminoso para formar novas galáxias.

Cada término contém em si um começo, e cada começo traz a marca de seu término.

Para o homem, isso é lição moral e filosófica. Nada é permanente, nem coroas, nem cidades, nem monumentos, nem mesmo palavras. Tudo se desfaz ao sopro do tempo. Mas, se nada é eterno na forma, tudo pode perpetuar-se na essência.

É aí que repousa a responsabilidade humana, escolher o que deixará de herança. Um gesto de bondade pode ecoar além da vida, uma obra justa pode atravessar gerações, um ensinamento pode sobreviver ao corpo de quem o transmitiu.

A consciência da finitude, longe de ser paralisante, é força que nos impulsiona a viver com mais intensidade, pois sabemos que cada instante pode ser semente para o futuro.

No plano místico, a sombra e a claridade não são inimigas, mas complementos.

A noite é o repouso do dia, e o dia é a revelação da noite. A morte é retorno ao seio que gerou a vida, e a vida é expressão temporária do mistério eterno.

O ciclo não é queda, mas círculo. O fim é regresso, o regresso é promessa de renascimento. As tradições esotéricas sempre ensinaram que a escuridão não é ausência de luz, mas seu receptáculo.

O iniciado aprende, nos arcos subterrâneos do Templo, que é preciso descer à câmara silenciosa para reencontrar o brilho que não se apaga.

A pedra que cobre o subsolo não é somente peso, mas proteção do tesouro. O desaparecimento não é ruína, mas ocultação para futura revelação.

Assim, a história do universo e da alma é feita de inícios e desfechos, de auroras e crepúsculos, de nascimentos e partidas.

O mundo começou na sombra e um dia repousará novamente nela.

No entanto, entre esses dois extremos, há o tempo da claridade, e é nesse tempo que devemos aprender a deixar rastros luminosos.

Tudo o que nasce perece; mas tudo o que perece pode deixar herança capaz de gerar continuidade.

Essa é a verdadeira vitória sobre a morte, não a evitar, mas fecundá-la com sentido.

Para o iniciado, a câmara subterrânea não é somente sepulcro, mas também ventre.

No silêncio das pedras, o que parecia perdido pode ser reencontrado, e a luz, ao sair da escuridão, nos recorda que toda morte é também um nascimento oculto.





OS ECOS DAS PEDRAS

Entre as pedras antigas, ainda marcadas pelo eco dos primeiros construtores, foi encontrado um relato quase apagado pelo tempo.

Não era uma narrativa linear, mas fragmentos de memória, como palavras lançadas às pressas para vencer o silêncio da terra e salvar da morte aquilo que não podia ser esquecido.

O escrito dizia que, quando o Templo já se erguia em sua altura, houve uma pausa ao calor do meio-dia.

Os obreiros repousaram, mas dois permaneceram, o mestre e aquele que lhe era mais próximo. O discípulo, inquieto, perguntou quando receberia o sinal dos maiores segredos. O mestre respondeu que isso não dependia de sua vontade, mas de um pacto estabelecido entre três, e que somente diante deles e ao final da obra o dom seria entregue.

O discípulo insistiu, e se a morte viesse antes da hora? E se o próprio mestre fosse ceifado sem cumprir a promessa?

Então, o mestre pousou a mão sobre a pedra e disse: *“Se eu cair, que o que me pertence repouse nesta terra. O segredo não se perderá, pois, a própria obra guardará em seu coração o que não se cumpriu em vida”*.

E assim aconteceu. A morte veio de súbito. Dois restaram. Incapazes de formar o triângulo perfeito, criaram um sinal quebrado, lembrança da perda e promessa de reencontro. Não substituía o que fora rompido, mas mostrava que nada se extingue, somente se oculta em profundidades mais secretas.

No espaço mais sagrado, depositaram vasos de ouro, a Arca coberta por dentro e por fora, e os Querubins com asas que se tocavam sobre o propiciatório.

Entre eles habitava uma presença invisível, nuvem luminosa e voz que respondia. Esse era o trono verdadeiro, não esculpido por mãos humanas, mas assentado na ausência e no mistério.

Os antigos dividiam o dia em doze partes iguais, do nascer ao pôr do sol.

Três preces ritmavam esse ciclo, a da aurora, solicitando forças; a da tarde, recolhendo o suor; e a do crepúsculo, entregando tudo ao repouso.

Assim também é a vida, auroras que nascem, labores que moldam, crepúsculos que silenciam. Cada etapa é um sacrifício, cada silêncio uma promessa.

As últimas linhas do manuscrito, quase ilegíveis, traziam uma mensagem clara, parecendo perdido, não o é. O que parece silêncio, guarda resposta. O que parece fim é somente passagem a câmaras mais profundas, onde o segredo repousa intacto, aguardando o tempo de ser revelado.

Essa visão, embora antiga, ecoa nas tradições do mundo.

Para os egípcios, a morte era somente uma travessia, o corpo se decompunha, mas o ka seguiam sua jornada rumo à eternidade.

Para os gregos, como dizia Platão, a alma carregava em si reminiscências da verdade, e o perecer era retornar àquilo que sempre foi.

Os hebreus viam no Sheol não um fim, mas um silêncio onde ainda ecoava a voz de Deus. E os estoicos, como Marco Aurélio, lembravam que *“a morte nada mais é do que dissolução dos elementos que nos compõem”*.

Carl Gustav Jung afirmou que o inconsciente humano guarda memórias mais antigas que a própria história, como câmaras subterrâneas onde o segredo repousa.

Rilke escreveu que *“a morte é o lado da vida que não está voltado para nós”* e que devemos aprendê-la como quem aprende a amar.

Para **Tolstói**, a vida só adquire sentido quando confrontada com o limite da morte.

E, como as estrelas, também seguimos esse ciclo, os astros nascem em explosões de luz, brilham por eras e se apagam, mas de seus restos surgem novas constelações, novas galáxias, novos mundos.

Nada se perde, tudo se transforma e o universo inteiro é testemunha desse segredo que não se extingue, somente se oculta.

Assim, esse fragmento encontrado entre pedras não fala somente de um mestre e de sua obra, fala de todos nós, que somos pedras do templo do mundo, fragmentos de uma arquitetura maior.

“O que os olhos veem como ausência é somente véu.

O que os homens chamam de silêncio é somente linguagem mais alta.

O que se entende como fim é somente uma porta estreita para câmaras mais profundas.

A pedra que repousa guarda em si a chama.

O templo que se ergue abriga o segredo.

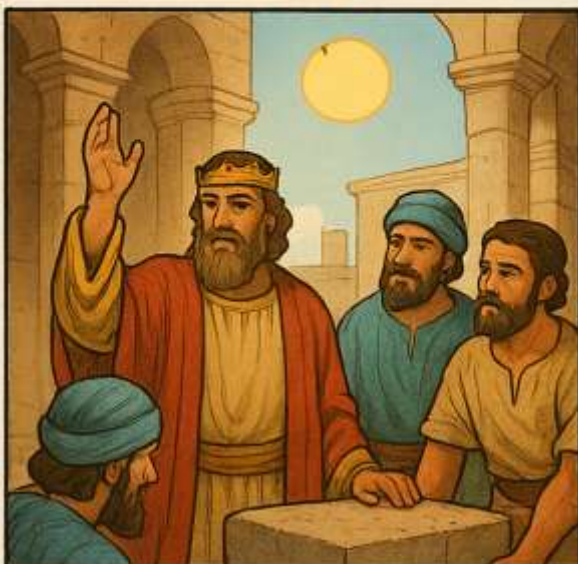
E o segredo, ainda oculto, não se perdeu, respira na terra, dorme no coração da obra, espera na eternidade.

Quando o tempo estiver pleno, o que foi escondido será mostrado.

O que foi dividido será reunido. O que parecia quebrado surgirá inteiro.

E então compreendereis que nada se extingue, nada se desfaz.

Tudo retorna à sua origem, como o rio ao mar, como a estrela ao firmamento, como o homem ao seio daquilo que sempre foi”.



UMA CONVERSA

Era meio-dia em Jerusalém, e o sol derramava sua luz intensa sobre as pedras recém-lavradas do Templo. Quatro homens se encontravam ali, unidos por um propósito maior que as suas próprias vidas.

Salomão: Irmãos, o Templo avança como um corpo vivo, cada coluna que se ergue não é somente pedra, mas memória, não é somente obra, mas promessa. Pergunto-vos, até onde a obra humana pode tocar o divino?

Hiram de Tiro: Ó, rei sábio, a madeira que envio de minhas florestas são frutos da terra. Elas resistirão ao tempo, mas não à eternidade. Contudo, se o coração do homem estiver presente em cada golpe, então a obra deixará de ser madeira e se tornará espírito.

Adoniram: E o que será de nós, mestres, quando o Templo estiver concluído? O que restará de nossa vida quando a última pedra for colocada?

Salomão: Restará a memória e o exemplo. O Templo pode ruir, como todas as obras do mundo, mas a sabedoria que nele depositamos é chama que não se apaga.

Hiram Abiff: Ainda assim, Adoniram, há mistérios que não se revelam nem mesmo em pedra. A Palavra verdadeira repousa além das nossas forças, e talvez nenhum de nós a pronuncie nesta vida.

Hiram de Tiro: Dizeis bem, Irmão. Entregamos fragmentos, como navegadores que traçam cartas incompletas. Quem vier após nós precisaremos unir os pedaços para encontrar o todo.

Adoniram: Então cada geração é somente guardião de um véu, que cobre e revela ao mesmo tempo?

Salomão: Sim, jovem amigo. E esse véu é necessário, pois quem ousa ver tudo de uma vez cega-se. A obra do homem é entregar ao futuro aquilo que recebeu do passado.

Hiram Abiff: Que assim seja. Trabalhem, pois, com mãos firmes e corações despertos. Talvez não vejamos o desfecho desta jornada, mas saberemos que estivemos no caminho, e isso já basta.

O silêncio pairou, o sol do meio-dia marcava a hora exata em que o visível e o invisível pareciam tocar-se, perceberam que a verdadeira construção não estava somente nas pedras, mas naquilo que se transmitiria para além do tempo.

VOZ PESSOAL

Em uma noite fria de inverno, adentrei o templo superior, espaço construído para os altos graus adonhiramitas e utilizado pelos crípticos. As paredes negras e o teto estrelado criavam um firmamento silencioso. Embora eu mesmo tivesse ajudado a construir aquele lugar, naquela noite ele me pareceu totalmente diferente.

Não era como se eu tivesse subido ao templo, mas como se minha mente houvesse descido, foi um retorno ao ventre, um renascimento silencioso, um contato íntimo com a brevidade da vida.

As palavras repetidas naquela cerimônia gelaram minha alma e, ao mesmo tempo, expandiram meu coração na esperança de ser recompensado com a oportunidade de absorver as antigas fórmulas crípticas que nos conduzem à iniciação de Mestre Real.

Confesso que me julgava preparado, mas fui surpreendido, pela imensidão da cerimônia, que gravou em meu espírito uma lição inesquecível de morte, vida e propósito.

E assim fui iniciado em Mestre Real!



MESTRE ESCOLHIDO

O Grau de Mestre Escolhido nos transporta a um tempo anterior ao drama da morte de Hiram Abiff, situando-se num episódio pouco comentado da tradição, a revelação da câmara secreta, erguida em silêncio e conhecida somente por alguns mestres escolhidos por Salomão, por Hiram Abiff, mas principalmente por Hiram de Tiro, pois era sua última contribuição ao Templo antes do retorno ao seu país!

Ali, afastados do olhar dos demais, estes obreiros dedicavam-se a um projeto oculto, guardado como um tesouro entre as pedras do Templo, não se trata de mera lenda inventada para o rito, mas de uma narrativa que ecoa nas entrelinhas da história.

É verdade que muitos detalhes foram adornados pela imaginação e pelo simbolismo, porém diversas pistas deixadas em antigas tradições e em obras de valor nos permitem supor que tais acontecimentos tiveram fundamento real, ou, ao menos, se aproximaram de algo que de fato ocorreu.

Aqui, mito e história se entrelaçam como pedras vivas.



O TEMPLO

Ao abirmos o Grau, o Templo ainda se encontra em construção.

O véu cobre o Oriente e diante de nós ergue-se o arco com sua pedra-chave, sinal da obra que se encaminha para a plenitude.

No lado sul, um altar improvisado sustenta um Livro Sagrado aberto, sobre o qual repousam uma espada e uma trolha, lembrando que Palavra, Força e Trabalho devem sempre caminhar unidos, mesmo em meio ao inacabado.

Mas há uma atmosfera de tensão, pois Hiram, Rei de Tiro, sente que precisa regressar a seu reino, embora tenha prometido a Salomão não partir antes que a câmara secreta estivesse concluída.

Essa promessa confere ao ambiente um ar de urgência, e os obreiros dedicam-se de maneira incessante, e ainda que o Templo pareça silencioso em sua construção, por vezes um som abafado se faz ouvir, vindo das profundezas.

São os cinzeis que trabalham na cripta subterrânea, batendo compassados como um coração oculto, e o Templo

inteiro parece vibrar esse som próprio, como se já respirasse pela vida secreta que nascia sob seus alicerces.

O espaço em que nos situamos se abre diante do Santo dos Santos, e para alcançar a cripta, é preciso passar por uma sala anexa que conduz ao gabinete particular do rei Salomão.

Nesse aposento, protegido por véus de silêncio, esconde-se atrás de uma parede falsa uma porta secreta, e é por ela que se desce uma escada estreita, que mergulha no seio da terra até o coração da Abóbada.

Assim, o iniciado compreende que o Templo não é somente uma edificação visível, mas também uma realidade subterrânea, onde o silêncio guarda o Mistério.

O que se ergue à luz do dia é somente a face externa de uma obra maior, cujos fundamentos repousam em segredo sob o Santo dos Santos.





CAPITÃO
DA GUARDA

MORDOMO

ILUSTRE MESTRE

CONDUTOR
DO CONSELHO

CAPELÃO

OS OFICIAIS

O Conselho de Mestres Escolhidos é formado por um conjunto de dez Oficiais, dos quais nove ocupam seus lugares no interior da Cripta e somente um permanece do lado de fora, como guardião das fronteiras. Esta divisão já nos mostra uma primeira chave simbólica, nove representam o círculo interior da sabedoria e um representa o limite, a sentinela que separa o profano do sagrado.

Cada cargo, embora tenha funções práticas no rito, contém também um ensinamento mais profundo, eles são uma verdadeira escola de virtudes e símbolos que moldam o caráter do iniciado nos Graus Crípticos.

Ilustre Mestre (IM) — Salomão, Rei de Israel: O Ilustre Mestre representa a sabedoria real, o ápice do governo espiritual. Na tradição críptica, ele não é somente um dirigente administrativo, mas o guardião da visão superior. Salomão é a síntese do homem que recebeu a dádiva da sabedoria divina para governar. Simbólica e filosoficamente, o Ilustre Mestre é o arquétipo do legislador e juiz, aquele que deve equilibrar justiça e misericórdia. É ele quem garante que a Cripta, espaço da Palavra preservada, não se transforme em mero depósito, mas em um santuário vivo da verdade.

Mestre Adjunto (M Adj) — Hiram, Rei de Tiro: Hiram, o rei fenício, traduz a ideia de aliança e cooperação. Ele simboliza a união entre povos diferentes em nome de um projeto maior. O Mestre Adjunto, assim, representa o segundo vértice da tríade de governo do Templo. Historicamente, é o apoio político e econômico, mas, filosoficamente, é o arquétipo do “aliado” que cada um de nós precisa cultivar para os trabalhos avançarem. Moralmente, ensina a importância da humildade diante do Irmão, mesmo sendo rei, Hiram é adjunto. Ele nos lembra que toda liderança precisa de parceria, e que ninguém governa ou constrói sozinho.

Principal Condutor dos Trabalhos (PCT) — Hiram Abiff: O PCT é a memória viva do Mestre Artífice. Ele não governa como rei, mas orienta como obreiro supremo. Representa a arte, a prática, o trabalho oculto. Na tradição críptica, é ele quem toca a trombeta, marcando o tempo e o ritmo da obra. Filosoficamente, é o princípio da Ordem que se revela pelo trabalho disciplinado. É a ponte entre o planejamento do rei e a execução dos construtores. Moralmente, sua lição é clara, o verdadeiro mestre não é somente quem manda, mas quem sabe fazer e ensina a fazer. É o símbolo da fidelidade até a morte e da imortalidade conquistada pelo trabalho justo.

Capitão da Guarda (CG): No simbolismo Críptico, o Capitão da Guarda é o guardião das fronteiras, aquele que assegura que somente os escolhidos tenham acesso à Cripta. É a imagem do discernimento e da vigilância constante. Historicamente, lembra os guardas do Templo que vigiavam os acessos. Filosoficamente, representa a consciência desperta que examina o que pode ou não adentrar nos recessos mais sagrados do ser. Moralmente, ensina a importância do zelo, a sabedoria não pode ser entregue a qualquer um, mas somente a quem está preparado.

Condutor do Conselho: É aquele que encaminha os companheiros aos seus lugares, conduz visitantes e prepara os trabalhos. Seu simbolismo é o da hospitalidade e da ordem.

Se o Capitão da Guarda vigia, o Condutor acolhe. Juntos, representam os dois lados da mesma moeda, a seleção e a recepção.

Moralmente, lembra que o Maçom deve estar disposto a guiar e instruir, sem arrogância, mas com responsabilidade.

Mordomo: Responsável por cuidar da entrada da Cripta Secreta, é símbolo da vigilância ativa. Se o Capitão da Guarda olha para fora, o Mordomo guarda o limiar. Historicamente, o mordomo era aquele que cuidava da casa do rei.

Moralmente, representa a disciplina e o autocontrole, e ensina que todo iniciado deve aprender a guardar seus próprios segredos e não permitir que paixões ou descuidos violem sua interioridade.

Tesoureiro: Guarda os recursos, mas no simbolismo Críptico ele é mais do que contador de moedas. É o guardião dos tesouros espirituais. Historicamente, representa a necessidade de administração dos bens do Templo. Filosoficamente, ensina que o homem deve zelar pelas riquezas de sua alma, não desperdiçando tempo, energia ou dons. Moralmente, é a voz que recorda, o que temos não é nosso, mas nos foi confiado.

Secretário: Registra os atos, garantindo que a memória do Conselho seja preservada. Ele simboliza a tradição escrita, a transmissão da Lei. No aspecto Críptico, é aquele que resguarda o elo entre gerações. Assim como os escribas preservaram a Palavra, o Secretário mantém viva a história dos trabalhos. Moralmente, representa a fidelidade e a responsabilidade com a verdade, escrever é perpetuar.

Capelão: É o elo espiritual. Sua função é elevar as orações e invocar a presença do Grande Arquiteto no Conselho. Historicamente, liga-se à tradição sacerdotal do Templo. Filosoficamente, lembra-se que todo trabalho, por mais técnico ou oculto, precisa ser santificado.

Sentinela: É o oficial externo, aquele que vigia do lado de fora. Seu simbolismo é o da consciência que observa o horizonte e alerta sobre perigos. Nos Graus Crípticos, ele recorda que não se deve descontraír. O mal não entra pela porta da frente, mas pelas brechas que deixamos abertas. Moralmente, ensina que a prudência é virtude essencial do iniciado. Sempre atento, mas nunca ansioso.

O Conselho de Mestres Escolhidos, portanto, é mais do que uma assembleia de cargos, é um verdadeiro corpo simbólico, em que cada oficial representa uma dimensão da vida espiritual, filosófica e moral do iniciado.

Quando reunidos, não formam somente uma hierarquia administrativa, mas a própria imagem da Ordem Críptica, a guarda de segredos, a preservação dos Tesouros e a vigilância constante sobre a verdade.



O SINAL

Nos Graus Crípticos há muitos sinais, mas por força de juramento não devemos falar sobre eles, isso é parte do segredo, com isso a boca é um portal.

Por ela entram o alimento e o sopro vital, e por ela saem palavras que podem edificar ou destruir.

Desde as antigas culturas, a boca foi vista como um limiar sagrado nas tradições egípcias, o *“Rito da Abertura da Boca”* devolvia a vida e a fala às estátuas dos deuses e aos mortos. Já na tradição hebraica, os profetas eram escolhidos porque Deus *“tocava seus lábios”*, como Isaías, que teve sua boca purificada com uma brasa viva.

Assim, a boca tanto revela quanto sela, é o órgão do verbo, mas também o guardião dos segredos.

Na Maçonaria Críptica, o silêncio da boca é o que garante a preservação dos mistérios da Cripta Secreta. Não basta conhecer, é preciso guardar. A boca fechada é símbolo da disciplina, da prudência e da fidelidade. Um segredo não é verdadeiramente guardado pelo coração, mas pela boca que se recusa a revelá-lo.

Esse princípio ecoa na história de muitos povos.

Os pitagóricos exigiam cinco anos de silêncio de seus discípulos antes que lhes fosse permitido falar.

Entre os druidas, o silêncio era a primeira das virtudes. E entre os operativos medievais, o juramento de não revelar os segredos do ofício era selado com a promessa de manter a boca fechada, mesmo sob ameaça.

Moralmente, o maçom aprende que nem tudo pode ser dito. A boca selada é um templo onde a Palavra repousa em segurança.

Mas a boca não é somente o selo do silêncio. Ela é também o instrumento da revelação. Quando o tempo é oportuno, a palavra pronunciada tem a força de criar, transformar e consagrar.

No Gênesis, o mundo nasce pela boca de Deus: “*Haja Luz*”. No Novo Testamento, Cristo é chamado de “*o Verbo feito carne*”. Em muitas culturas, a palavra proferida é vista como ato mágico, pois aquilo que é dito adquire existência.

No âmbito Críptico, o segredo não deve ser revelado ao acaso, mas somente no momento certo, no espaço certo, aos que estão preparados. Assim, a boca é tanto o selo que guarda quanto a chave que revela.

Guardar os segredos não é somente obedecer a uma regra ritualística. É uma lição de vida. O homem prudente não espalha confidências, não revela mistérios, não lança ao vento o que deve permanecer oculto.

A boca fechada é sinal de maturidade espiritual, mas há momentos em que o silêncio se torna omissão. Então, a boca deve se abrir para ensinar, consolar, denunciar a injustiça e proclamar a verdade.

O iniciado aprende, portanto, que a boca é um altar, dela não deve sair aquilo que corrompe, mas somente aquilo que edifica.

A boca é o guardião dos mistérios, é o selo e a chave, é o silêncio e a palavra.

No caminho Críptico, ela ensina que os segredos não são somente fórmulas a serem escondidas, mas verdades a serem interiorizadas até que possam ser reveladas no tempo certo.

Se a boca guarda e revela, os olhos são a janela da alma e o primeiro canal da verdadeira iniciação.

A visão, desde as tradições mais antigas até a Maçonaria Críptica, carrega um simbolismo profundo, ver é compreender, e compreender é guardar para sempre.

Na tradição egípcia, o Olho de Hórus (Wedjat) simbolizava a totalidade, a cura e a proteção.

Era um amuleto sagrado, mas sobretudo um arquétipo da visão divina que tudo alcança, pois ao perder um dos olhos na luta contra Seth, Hórus o recupera, e a partir desse mito nasce a ideia de que a visão espiritual pode ser ferida, mas também restaurada pela iniciação, assim o *Olho de Hórus* não é somente um olho físico, é o olho interior que vê o invisível.

Na Grécia, os deuses eram chamados de “panoptos”, os que veem tudo. O gigante Argos tinha cem olhos, para que nunca fosse surpreendido. Entre os hebreus, os profetas eram designados como “videntes”, pois conseguiam enxergar a realidade além das aparências.

O olho, portanto, não é mero sentido físico, mas símbolo de clarividência, de sabedoria e de percepção superior.

Na Maçonaria simbólica, o “*Olho Que Tudo Vê*” é representação direta da vigilância do Grande Arquiteto do Universo.

Nos Graus Crípticos, ele assume ainda um caráter mais interior, não é somente o olho que vigia o mundo, mas o olho que adentra o segredo oculto na Cripta.

Se a boca pode jurar fidelidade e o ouvido pode aprender, somente os olhos podem absorver o sentido real do que se passa na iniciação.

É pelos olhos que o iniciado contempla os símbolos, os arcos, as colunas e os segredos subterrâneos. Sem visão, não há iniciação.

O Olho aberto recebe a luz, observa, contempla e testemunha; o Olho fechado mergulha na escuridão, na reflexão, no mistério interior.

Os dois olhos humanos, no plano simbólico, representam a dualidade, um olha o mundo exterior, o outro deve se voltar ao interior. Por isso, tantas tradições falam do “terceiro olho”, não como um órgão físico, mas como o ponto de convergência da visão interior e da exterior, a síntese da consciência desperta.

Os olhos não somente veem, mas também revelam. Na tradição bíblica, o “olho mau” é aquele que cobiça e corrompe, enquanto o “olho bom” ilumina todo o corpo. Os

olhos refletem a verdade ou a mentira que habitam no coração do homem.

Na vida moral do Mestre Escolhido, isso significa que a visão deve ser purificada. Não basta olhar, é preciso ver com clareza, distinguir o justo do injusto, o verdadeiro do ilusório.

Nos mistérios antigos, muitas vezes os iniciados eram conduzidos de olhos vendados. Isso simbolizava que a visão profana precisava ser negada para que, em seguida, os olhos pudessem ser abertos para a nova luz.

Esse rito ecoa até hoje nos trabalhos, o iniciado só aprende a ver após passar pela escuridão.

Na Maçonaria Críptica, essa pedagogia se aprofunda, a visão não é somente física, mas espiritual. O segredo da Cripta não é transmitido pela palavra ou pelo ouvido, mas pelo olhar que reconhece, que contempla e que absorve o sentido oculto.

Filosoficamente, os olhos também representam a projeção. São eles que enxergam o caminho, que antecipam o futuro, que guiam os passos do construtor. O maçom que fecha os olhos ao seu destino perde-se; aprendendo a olhar com clareza, se torna senhor do próprio caminho.

Se a boca pode transmitir segredos que o ouvido escutou, somente os olhos podem absorver o sentido real da iniciação e transmiti-lo puramente. Os olhos são espelhos da alma e, ao mesmo tempo, janelas do espírito. O iniciado aprende que ver é mais do que olhar, é adentrar no símbolo, contemplar a luz, discernir a verdade e guardá-la em silêncio até o momento certo.

Assim, a boca sela e revela, mas os olhos são os primeiros a contemplar. Talvez, afinal, sejam eles o verdadeiro primeiro princípio da iniciação, pois sem a visão interior, nem mesmo o silêncio da boca teria sentido.

Na antiguidade, era comum que pactos e alianças fossem selados com mutilações.

Cortar um pedaço do dedo, marcar o corpo com ferro ou lâmina, derramar o próprio sangue não era somente um ato de coragem física, mas uma forma de gravar no corpo aquilo já marcado na alma.

A ausência física de um fragmento era metáfora visível de uma ausência moral, pois quem trairia a palavra ou o segredo não mais se sentiria inteiro em sua consciência.

O homem íntegro é aquele que permanece “inteiro”, sem fraturas entre seu ser e sua palavra.

Na visão simbólica, a mutilação não é a destruição do corpo, mas um sinal de alerta permanente. Cada olhar para a cicatriz recorda o juramento. Cada falta de um dedo ou marca de lâmina lembra que o homem se comprometeu diante dos deuses, da comunidade ou do próprio coração.

Na Maçonaria, o juramento não é acompanhado de mutilações físicas, mas o peso simbólico permanece.

O iniciado compromete-se com sua honra, e sua própria palavra é a parte oferecida. Se faltar, é como se tivesse amputado algo do mais íntimo de si.

O segredo não guardado não destrói somente a confiança dos Irmãos, mas rompe a integridade do próprio juramento. É como perder um membro invisível, o maçom continua vivendo, mas sente que uma parte essencial foi arrancada.

Entre os hebreus, a circuncisão era sinal de aliança, inscrita no corpo; entre os romanos, cortar um pedaço de cabelo ou sangue era sinal de entrega; entre os nórdicos, juramentos eram selados com cortes feitos sobre pedras sagradas. Em todos esses casos, o gesto físico apontava para algo muito maior, a lembrança de que o corpo é passageiro, mas a alma é eterna. Trair o juramento era ferir a própria eternidade.

O Mestre Escolhido, ao compreender esse ensinamento, percebe que ser íntegro é conservar-se inteiro, não permitindo que a mentira ou a traição atinja sua dignidade.

Pois quem perde a integridade moral, mesmo que conserve intacto o corpo, já não se sente completo em espírito.

Muitos rituais afirmam que os segredos são guardados no peito fiel ou no coração, essa é a forma tradicional de dizer que aquilo que é mais íntimo e sagrado não pode ser revelado, mas, se olharmos com mais profundidade, perceberemos que o segredo habita a mente, ao ser nela que a memória se fixa e onde os símbolos são compreendidos.

No entanto, ao falar do coração, o ensinamento vai além da anatomia. O coração, centro da circulação do sangue, é visto como o testemunho invisível de nossas intenções. O juramento não está somente no raciocínio da mente, mas no pulsar da vida. O peito torna-se o altar onde se unem pensamento e sentimento, razão e emoção, consciência e vontade.

Assim, cada batida do coração é como um lembrete silencioso, **sou fiel à minha palavra e ao meu Irmão.**



O REFÚGIO SECRETO

A Cripta do Templo de Salomão foi erguida como espaço de resguardo e preservação.

Ali, sob o peso das pedras e das sombras, repousavam os tesouros sagrados, protegidos não somente da pilhagem, mas também do esquecimento.

Entre eles, uma imitação da Arca da Aliança permanecia exposta ao olhar, enquanto a verdadeira era guardada em câmaras ocultas, sendo revelada somente no dia mais solene do calendário, o Yom Kipur, o Dia da Expição.

Essa alternância entre o visível e o oculto, entre a cópia e o original, mostra-nos que a tradição sempre preservou a sabedoria em duas camadas, uma aparente, acessível a todos, e outra profunda, acessível somente aos preparados.

O mesmo se fazia com os vasos sagrados, o vaso do maná, a vara de Arão, as tábuas da Lei, o Menorá que acompanhara Moisés no deserto, e até mesmo com os manuscritos, Torá, Talmude, Zohar, as Clavículas de Salomão e outros pergaminhos de sabedoria ancestral. Tudo possuía seu duplo, um para ser visto, outro para ser guardado.

Contudo, não eram os objetos em si que faziam a Câmara tão preciosa, mas o que era transmitido aos que nela adentravam, o ensinamento de que **a verdadeira Cripta está no interior do homem.**

Ali, o iniciado aprendia que, ao longo da vida, tudo pode ser destruído ou perdido.

Os bens podem ser saqueados, o nome pode ser apagado, as famílias podem se dispersar, os amores podem se extinguir e até o corpo pode ser levado pela morte.

Mas se o homem guardar em si a presença do Altíssimo, se conservar a chama da verdade e da fidelidade, nada estará perdido para sempre. O que é enterrado pode ser redescoberto, o que é destruído pode ser reconstruído.

Como escreveu Marco Aurélio: *“O homem busca a paz fora de si, mas a fonte de toda serenidade está dentro dele.”*

Assim também dizia Rumi, o poeta sufista: *“Há uma câmara interior no coração humano que nada pode violar. É lá que o segredo repousa.”*

O refúgio secreto, então, é mais do que um local físico, é uma disciplina da alma.

É saber recuar quando o mundo se mostra violento.

É aprender a respirar, esperar, confiar.

Como ensinava Sêneca: *“Nenhum vento é favorável para quem não sabe aonde vai, mas até na tempestade é possível ao homem sábio encontrar seu porto seguro.”*

Este porto seguro é a Cripta interior, o lugar onde a fidelidade ao juramento e a confiança no Eterno permanecem intocáveis, é para lá que corremos quando tudo ao redor parece ruir.

A duplicação dos tesouros do Templo nos fala também da duplicidade da vida humana, existe o que mostramos ao mundo, nossas palavras, nossas atitudes externas, nossos símbolos, e existe o que guardamos na Cripta de nosso ser, nossas convicções, nossa fidelidade, nossa verdadeira identidade.

O filósofo Plotino dizia que *“a alma guarda em si o vestígio do Uno, e quem mergulha em sua própria interioridade encontra o caminho de retorno.”*

O Refúgio Secreto não é uma fuga, mas um renascimento, ele ensina que o caos passa e que após a noite volta a aurora.



ESPADA, TROLHA E CANDEEIRO

Os Mestres Escolhidos que trabalhavam na Câmara Secreta estavam sempre munidos de espadas, pois tinham sob sua responsabilidade os tesouros mais sagrados do Templo.

Ao adentrar as criptas inferiores, tornavam-se defensores daquele cofre sagrado, eram a última linha de proteção contra qualquer profanação.

Mas não eram somente guerreiros, eram também pedreiros, e por isso traziam consigo a trolha.

Esse instrumento era especial, pessoal e intransferível, pois cada Mestre possuía a sua, moldada em peso, medida e formato conforme a força de seu braço e as características de sua mão, era uma extensão de si.

Como trabalhavam nas profundezas, levavam também o candeiro, a antiga lâmpada a óleo com pavio.

Graças a essa chama modesta, podiam iluminar o subterrâneo e executar seus labores, preservando o que estava oculto e continuando a obra.

Se estivéssemos somente narrando a história desses obreiros e seus instrumentos, a explicação já estaria completa.

Mas a Maçonaria Críptica exige que avancemos além do literal, para extrair os sentidos místicos, morais e filosóficos desses três símbolos que, na verdade, descrevem a arquitetura interior de cada iniciado.

A espada é o guardião da Cripta. Sua função não é atacar, mas proteger, ela simboliza a força moral que blinda nosso espaço interior contra a calúnia, a inveja, a maldade alheia e, sobretudo, contra as más inclinações que brotam muitas vezes em nós.

Cada maçom possui dentro de si uma Câmara secreta, e é a espada simbólica que impede que sentimentos espúrios profanem esse recinto.

Como dizia Confúcio: *“Para praticar a virtude, é preciso antes expulsar do coração os inimigos que o corroem.”*

A trolha, ou colher de pedreiro, ensina que a Cripta interior deve estar sempre em ampliação.

Não basta defender valores já conquistados, é necessário construir espaço para novos.

Ampliar o coração e a mente significa trabalhar constantemente nossas qualidades, virtudes e capacidades.

Se cada trolha é pessoal, é porque cada um edifica à sua maneira, segundo sua força, sua experiência e sua alma é instrumento de união, que espalha o cimento fraterno para ligar pedra a pedra.

Como lembrava Cícero: *“A construção da vida feliz exige o assentamento contínuo de virtudes, como pedras bem unidas no templo da alma.”*

O candeeiro é a luz que nunca deve faltar na Cripta, sua chama dissipa a escuridão e revela a beleza oculta do que já foi feito.

Assim também em nossas vidas, nos momentos em que tudo parece ruir, é o candeeiro interior que deve ser aceso, para enxergarmos o valor de nossa própria história.

Quantas vezes esquecemos dos pequenos atos de bondade, das mãos estendidas, das palavras de consolo, das obras silenciosas de auxílio?

Esses gestos ficam guardados, mas no escuro.

O candeeiro, quando aceso, nos lembra que somos mais do que as quedas que sofremos; somos também a soma das luzes que já espalhamos.

Como disse o filósofo Plotino: *“O olho só vê a luz porque já traz em si a luz que a reconhece.”*

A espada defende, a trolha constrói e o candeeiro ilumina.

Juntos, eles ensinam que a Câmara Secreta não é somente um cofre de tesouros antigos, mas a imagem de nossa própria alma.

Precisamos defendê-la contra os inimigos internos e externos, ampliá-la constantemente com virtudes, e iluminá-la com a lembrança de nossas boas obras.

Assim, quando a vida nos colocar nas profundezas da Cripta, compreenderemos que não estamos no túmulo, mas no Refúgio Secreto, guardando em silêncio a luz que um dia será novamente revelada.





AS NOVE DA NOITE

Na lenda, os Mestres Escolhidos iniciavam os trabalhos na Cripta Secreta exatamente às nove da noite, e esse detalhe não é casual.

O número nove, desde a antiguidade, sempre esteve associado ao fim de um ciclo e ao prenúncio de um renascimento.

Para os pitagóricos, era o último número simples antes do retorno à unidade, marco de conclusão e de preparação para o que está além. Também está ligado à gestação, ao serem nove os meses que precedem o nascimento, assim como nove são as esferas celestes que conduzem o espírito na Divina Comédia de Dante, ou os mundos da tradição nórdica que sustentam a cosmologia dos antigos povos do norte.

Escolher o número Nove é lembrar que só após encerrar um ciclo é possível descer à cripta e adentrar no mistério.

À noite, por sua vez, é o véu que cobre o mundo e devolve o homem ao silêncio. Às nove horas, o sol já desapareceu e a vida comum repousa.

É nesse recolhimento que a mente se torna mais apta a ouvir a voz interior.

Nas tradições hebraicas, esse horário coincide com as vigílias da noite, momento de oração, expectativa e vigília.

No plano simbólico, trabalhar nas criptas sob as sombras da noite significa que a luz verdadeira não nasce do exterior, mas deve ser acesa em nós, como o pequeno candeeiro que ilumina a escuridão subterrânea.

O encontro do número e da hora cria uma chave iniciática poderosa.

O nove indica a conclusão de uma etapa, a consciência de que algo terminou e precisa ser superado.

A noite oferece o abrigo do silêncio, a oportunidade de mergulhar nas próprias sombras.

Quando ambos se unem, a lição é clara, para entrar na Cripta, é preciso ter completado o caminho profano e aceitar a descida ao interior, onde a única luz será a da alma.

Nietzsche lembrava que aquele que tem luz em si não pode permanecer nas trevas, e esse pensamento ecoa aqui com força, pois à hora nona, quando tudo fora está escuro, o iniciado descobre que sua única guia é a chama interior.

Por isso, a tradição fixou a hora dos trabalhos na Cripta Secreta nesse momento.

Não para marcar uma rotina prática, mas para revelar que o acesso ao mistério acontece quando concluímos o ciclo exterior e deixamo-nos envolver pelo silêncio da noite.

É ali, quando nada distrai, que se pode ouvir o que está oculto.

É nesse instante que se entende que toda verdadeira iniciação exige a descida ao escuro, para a luz brotar.

Assim, a hora nona permanece como símbolo de recolhimento, de conclusão e de revelação, ensinando que só quem aceita a noite pode vislumbrar o alvorecer de uma nova vida.



VIGÍLIAS
DA NOITE

PLÉIADES

ÓRION



O TEMPO NA NOITE

Durante a noite, a contagem das horas não se fazia por instrumentos mecânicos, mas pela leitura paciente do céu, pois os hebreus dividiam a escuridão em três vigílias, correspondendo ao início, ao meio e ao fim da noite.

A posição das constelações servia de guia, sacerdotes e astrônomos, herdeiros de saberes babilônicos, reconheciam no curso das Plêiades, de Órion e de outras estrelas o avanço silencioso da noite.

O firmamento era o grande relógio, e cada movimento celeste indicava a hora de vigiar, de trabalhar ou de repousar.

Também havia o recurso da clepsidra, o relógio de água, a ideia era simples, um vaso deixava a água pingar lentamente em outro, medindo intervalos regulares de tempo, como se fosse o gotejar ordenado da eternidade.

No canteiro de obras, o sol marcava o início e o fim da jornada, mas quando a noite solicitava vigílias ou rituais, era o céu que guiava, um observador distinguia a terceira parte da noite ou a proximidade da meia-noite.



OS ESCOLHIDOS

Quantas vezes em nossas vidas não sentimos a frustração de não sermos escolhidos?

Na escola, quando não fomos lembrados para o time; no jogo, quando não nos deram a vez.

Entre amigos, quando não fomos convidados para andar com quem admirávamos.

Na juventude, quando o coração desejava uma aproximação que nunca aconteceu.

Mais tarde, em uma profissão, em um concurso, em um projeto ou em tantas outras circunstâncias em que a vida nos deixou de fora.

A frustração é companheira inevitável da existência humana, e aprender a lidar com ela é um exercício constante.

A psicologia moderna nos oferece técnicas e caminhos para suportar essa ausência, mas a sabedoria antiga já sabia que o silêncio e a paciência eram ferramentas tão necessárias quanto o ímpeto e a coragem.

A psicologia compreende que o sofrimento de não ser escolhido toca diretamente na necessidade humana de pertencimento e reconhecimento, sendo tão fundamentais quanto o alimento ou o abrigo.

O primeiro passo é validar o que sente, pois, a frustração não deve ser reprimida nem desprezada, dessa forma, permita-se nomear a dor, tristeza, mágoa, inveja, a sensação de injustiça, o ato de nomear já é um modo de se apropriar da experiência.

Como dizia Carl Gustav Jung: *“Não se torna iluminado imaginando figuras de luz, mas tornando consciente a escuridão.”*

Não ser escolhido não diminui quem você é, a terapia cognitivo-comportamental ensina a desafiar pensamentos automáticos.

Quando ouvir sua mente dizer *“não fui escolhido porque não sou bom o suficiente”*, responda com um pensamento alternativo: *“Não fui escolhido, mas isso não define minha totalidade, somente uma situação.”*

O não-pertencimento pode gerar mágoa, mas também pode se tornar motor de aprendizado.

Pergunte-se, o que posso aprender com essa exclusão?

O que ela revela sobre minhas expectativas, meus talentos e minhas limitações?

A psicologia positiva sugere a reestruturação cognitiva, substituir a pergunta “por que eu?” por “para que isso está acontecendo?”.

Essa mudança de foco abre caminho para transformar a dor em crescimento.

A mente ansiosa não descansa enquanto não encontrar explicações. Use práticas concretas para acalmar-se, inspire em 4 segundos, segure por 7, expire em 8. Isso reduz a ativação do sistema nervoso; escreva o que sente sem censura, o ato de escrever organiza o caos interior; treine a observar os pensamentos sem se prender a eles, como nuvens passando no céu.

Quando não somos convidados para uma “câmara externa”, podemos aprender a edificar nosso próprio espaço interior.

Isso significa cultivar projetos pessoais, desenvolver habilidades, investir em relacionamentos autênticos, em vez de esperar ser escolhido, aprenda a se escolher.

Viktor Frankl, sobrevivente dos campos de concentração, dizia: *“Tudo pode ser tirado de um homem, exceto a última das liberdades humanas, escolher a atitude pessoal diante das circunstâncias.”*

A frustração muitas vezes leva a extremos, ou desistir de tudo, ou buscar compulsivamente ser aceito a qualquer custo.

O caminho saudável está na harmonia, a prudência significa respeitar seu tempo e limites; a ousadia significa não deixar o medo de rejeição paralisar e quando equilibrados, esses polos permitem recomeçar sem se destruir.

Trate-se como trataria um amigo, a autocrítica feroz somente aumenta a dor, fale consigo mesmo com bondade e reconheça seu esforço, valorize suas pequenas conquistas, saiba que o amor-próprio não é vaidade, mas o terreno fértil onde cresce a resiliência.

Não ser escolhido dói porque nos lembra da vulnerabilidade humana, mas essa dor pode ser transformada em caminho de autoconhecimento, e ao aceitar a frustração e desafiar pensamentos distorcidos conseguimos regular as emoções.

No imaginário Críptico, podemos imaginar quantos mestres operativos sonhariam em trabalhar na Câmara Secreta ao lado dos reis e de Hiram Abiff, quantos desejariam participar de um projeto oculto e grandioso.

Até mesmo Zabud, amigo próximo de Salomão, teria desejado estar ali, partícipe dos segredos mais elevados, contudo, nunca foi chamado, e essa exclusão poderia ter sido para ele motivo de mágoa, ressentimento e inquietação.

E é justamente esse o ponto, mesmo quando ouvimos conselhos como *“uma janela um dia se abrirá para ti”* ou *“uma porta será revelada quando estiveres preparado”*, nossa mente não se aquieta, e a frustração pode nos levar por caminhos de desespero, empurrando-nos em direção à ruína.

Entretanto, é preciso compreender que sem esse mesmo ímpeto, sem essa curiosidade que nos faz desejar e buscar, nenhum mar teria sido navegado e nenhuma ciência teria se desenvolvido.

O iniciado aprende que não ser escolhido para a Câmara visível não o impede de construir em silêncio sua própria Cripta interior, onde a verdadeira sabedoria se manifesta para quem sabe esperar.

**REI
SALOMÃO**

**ZABUD
AMIGO DO REI**



ZABUD

É uma figura bíblica misteriosa, cuja única menção nas Escrituras é encontrada em 1 Reis 4:5, onde é descrito como *“Zabud, filho de Natã, oficial-mor e amigo do rei Salomão”*.

Embora sua presença seja breve, sua posição na narrativa bíblica, especialmente no contexto do reinado de **Salomão**, oferece um olhar fascinante sobre a lealdade, a amizade e a sabedoria que permeavam o reinado de um dos monarcas mais reverenciados da história de Israel.

O nome de Zabud está íntimo à linhagem profética de seu pai, **Natã**, um profeta de Deus de grande importância na corte do rei **Davi**.

Natã foi a voz de reprovação divina quando Davi, num ato de grande pecado, mandou matar o fiel soldado **Urias** para que pudesse tomar sua esposa, **Betsabá**, como mulher.

Foi Natã quem revisitou a culpa de Davi por meio de uma parábola poderosa, na qual ele contou a história de dois homens, um rico, com vastas propriedades, e um pobre, com somente uma única ovelha.

Quando o rico, ao ser abordado por um visitante, optou por sacrificar a única ovelha do pobre em vez de um de seus muitos rebanhos, ele foi acusado de injustiça e egoísmo; através dessa parábola, Natã fez com que Davi visse sua própria transgressão e o repreendeu em nome de Deus.

Embora Zabud seja lembrado por sua associação com Salomão, seu pai, Natã, figura como o profeta que não hesitou em corrigir os erros do grande rei Davi, mostrando a coragem moral e a retidão de caráter que reverberam ao longo das gerações.

A amizade entre **Zabud** e **Salomão** é, sem dúvida, um elemento significativo para entender a dinâmica do reinado de Salomão.

Sendo filho de Natã, Zabud provavelmente cresceu ao lado de **Salomão**, compartilhando a educação e as experiências da juventude, formando um vínculo que transcendeu a amizade simples.

Porém, Zabud não era somente um amigo de confiança; ele também ocupava uma posição de grande responsabilidade como **oficial-mor**, ou seja, o comandante do exército de Salomão.

Embora o reinado de Salomão seja frequentemente lembrado como uma era de paz e prosperidade, com sua habilidade de estabelecer alianças diplomáticas com as nações vizinhas, isso não significava que ele estava desprotegido ou vulnerável. Salomão sabia, como muitos líderes antes dele, que a **liberdade e a paz** exigem uma vigilância constante.

A posição de **oficial-mor** atribuída a **Zabud** reflete a importância estratégica de sua função no império de Salomão, cuja paz era tanto um dom quanto uma responsabilidade.

É provável que, sem a manutenção de uma força militar forte e bem treinada, o reinado de Salomão não teria desfrutado da mesma estabilidade que conheceu.

Diz-se que o preço da liberdade é a eterna vigilância, uma lição que Salomão certamente compreendeu bem.



AHISHAR

"Ahishar estava sobre a casa" (1 Reis 4:6).

Essas poucas palavras são a única menção bíblica a Ahishar, mas nelas se esconde um profundo significado que nos revela muito sobre o papel desempenhado por esse homem na corte de Salomão.

"Estar sobre a casa" não se refere a estar fisicamente no topo de uma construção, mas a ocupar uma posição de total responsabilidade sobre ela.

Por isso, várias traduções modernas da Bíblia interpretam a expressão como "mordomo", um termo que expressa mais claramente a função que ele desempenhava no palácio real.

Essa "casa", na verdade, era o palácio real de Salomão, erguido com grandiosidade para abrigar a rainha egípcia.

O edifício foi construído com pedras esculpidas, algumas delas de 12 a 25 pés (aprox. 8 m) de comprimento.

Um projeto dessa magnitude levou nada menos que 13 anos para ser concluído, com os mesmos artesãos e trabalhadores que haviam dedicado seu esforço à construção do grandioso Templo de Salomão.

O palácio era uma obra-prima da arquitetura, com 150 pés (aprox. 46 m) de comprimento, 75 pés (aprox. 23 m) de largura e 40 pés (aprox. 12 m) de altura, distribuídos em três andares imponentes. Além disso, contava com edifícios anexos que abrigavam a corte e o vasto harém do rei.

No entanto, seu trabalho não se resumia à administração logística, Ahishar, com certeza, era o ouvido atento da corte.

Ele estava ali para ouvir as queixas, os desejos e, talvez, até as intrigas das mil mulheres que faziam parte do harém de Salomão.

Imagine, por um momento, como deveria ser a dinâmica interna entre elas, uma verdadeira teia de vaidades, ciúmes, comparações e competições.

Cada uma das mulheres do harém tinha suas próprias expectativas sobre sua posição, sua acomodação, e até mesmo sua relação com o rei.

Ahishar, como mordomo da casa, era o responsável por manter a harmonia entre elas, garantir que todas estivessem satisfeitas, ou, ao menos, aparentassem estar, e qualquer desentendimento, qualquer insatisfação, recairia sobre seus ombros.

O desgaste não era somente físico, mas sobretudo emocional, já que qualquer falha recairia sobre seus ombros e poderia custar-lhe a confiança do rei.

E como se isso não bastasse, após um dia inteiro de tensões e conflitos, ainda era chamado tarde da noite para servir em projetos pessoais do monarca, atuando como guarda em longas vigílias marcadas pelo tédio e pela ausência de ameaças reais. O corpo e a alma, exaustos, mal encontravam descanso.

Ao pensarmos nesse papel, não podemos deixar de sentir uma certa simpatia por Ahishar, ele é o reflexo da responsabilidade que vem com o poder e a posição, e, ao mesmo tempo, da pesada carga emocional que se esconde por trás de qualquer cargo de confiança.



O ENGANO

Existe um engano honesto?

Um instante em que nossa mente, com suas próprias artimanhas, nos faz acreditar que temos direitos que nunca nos foram concedidos?

Quantas vezes confundimos um olhar com um convite, um gesto com uma promessa, um silêncio com um consentimento?

Confesso que em muitos momentos de minha vida, na Loja, senti que deveria me levantar e quebrar o silêncio, acreditando que meus Irmãos precisavam ouvir minhas palavras.

Houve ocasiões em que acertei, mas hoje percebo que em tantas outras o mais sábio teria sido permanecer calado.

O coração, inflamado de zelo ou vaidade, pode transformar desejo em necessidade, e necessidade em suposto direito.

E não é assim também em nossa vida cotidiana?

Ao nos interessarmos por alguém, até onde podemos expressar livremente nossa admiração sem que isso se torne invasão, perseguição, assédio ou importunação?

Até onde um gesto singelo não pode ser mal interpretado?

Quantas vezes nosso coração nos prega peças, fazendo-nos crer em reciprocidades inexistentes, em afetos não correspondidos, em sinais que só nós julgamos decifrar.

A mente é hábil em criar ilusões, sobretudo quando se alimenta de expectativas.

Basta pensar numa metáfora extrema, se diante de um animal selvagem confundirmos um olhar de fome com um olhar de ternura, esse erro será fatal.

Exagero, talvez, mas não tão distante da verdade, pois na vida cotidiana também nos enganamos com frequência, acreditando em oportunidades de carreira que nunca virão, em sinais do destino que não passam de coincidências, em promessas de amor que jamais se cumprirão.

Criamos narrativas em que somos os escolhidos, os amados, os promovidos, e depois descobrimos que tudo não passava de reflexo daquilo que desejávamos ver.

O mesmo acontece no campo das relações humanas, às vezes acreditamos ser respeitados, queridos, até admirados, quando, na verdade, somente somos tolerados, suportados com paciência.

O autoengano é ardiloso, sobretudo quando desejamos ser enganados, ao haver uma estranha doçura em acreditar que o mundo conspira a nosso favor.

Mas cedo ou tarde a realidade exige seu preço, e quanto maior for a ilusão, mais dura a queda.

Talvez por isso a lenda de seja tão instrutiva, um amigo próximo de Salomão, poderia ele ter acreditado que bastava essa amizade para garantir-lhe entrada na Câmara Secreta.

Poderia ter confundido intimidade com direito, proximidade com escolha, simpatia com convite e, se tivesse se deixado levar por esse engano honesto e tentasse adentrar o recinto, sua vida terminaria diante da espada de um guarda implacável.

Nunca saberemos se ele desejou ou ousou esse passo, mas a lição é clara, nem sempre a porta que desejamos atravessar nos pertence, e nem sempre o que sentimos como destino é de fato um chamado.



OS ARCOS

Na Câmara Secreta, sob o Templo de Salomão, a lenda afirma que foram construídos nove arcos.

Quatro deles serviam de sustentação ao Sanctum Sanctorum, o quadrado perfeito que representava a presença do Altíssimo.

Um deles marcava o portal de entrada para as criptas.

Três conduziam a câmaras laterais, onde fragmentos dos tesouros sagrados eram guardados em compartimentos distintos, como que repartindo a herança do divino em porções ocultas.

E, por fim, um nono arco, o mais profundo e misterioso, encerrava o segredo maior.

Os relatos posteriores contam que gerações tentaram descer até o último arco em busca do mistério oculto.

Escavaram, exploraram, mas nada encontraram além de pedra e silêncio.

E por quê? Porque não souberam ler as palavras nas entrelinhas, o segredo não estava debaixo do nono arco, mas nele mesmo, o nono arco não era o receptáculo, era o próprio segredo.

A ideia de ocultar algo na própria estrutura da pedra não era impossível para os antigos, sabemos, por achados arqueológicos, que egípcios, fenícios e outros povos criavam blocos ocasionalmente com compartimentos internos, sarcófagos com duplos fundos, muros com câmaras escondidas.

Era possível, e até comum, ocultar objetos valiosos no seio da construção.

Podemos imaginar que na pedra-chave do nono arco houvesse um cofre oculto.

Esse cofre não poderia ser aberto por força bruta, precisaria de uma sequência correta de movimentos, de chaves ou de encaixes, como nos antigos mecanismos de alavancas e pesos.

Forçar qualquer outro ponto causaria o colapso da estrutura, esmagando ou destruindo o conteúdo.

Mais do que físico, havia também o cofre moral, recipientes selados com cera ou argila gravados com símbolos reais, ou sacerdotais, cujo rompimento denunciava violação.

O segredo, se forçado, se perderia, pois o selo era tão importante quanto o conteúdo.

Entre fenícios e egípcios também se conheciam armadilhas, óleos inflamáveis, compartimentos com fogo, dispositivos de destruição e, se aberto indevidamente, o tesouro desaparecia.

Assim, o nono arco poderia conter algo e, ao mesmo tempo, nada, poderia guardar pergaminhos, tabuinhas, fragmentos de espelho que refletissem a face do buscador, ou somente uma pedra marcada.

O essencial não era o conteúdo físico, e sim a consciência de que o segredo só se revela ao preparado.

Nos arcos anteriores, encontravam-se fragmentos da chave que destrancava a pedra-chave do nono arco.

Somente todos os arcos, em conjunto, revelavam o mistério final.

Essa lógica lembra não somente os enigmas arquitetônicos, mas também os processos de iniciação espiritual, cada arco corresponde a um passo, cada passo a uma conquista.

Sem reunir todos os graus, sem integrar todos os aspectos da alma, não se chega ao segredo.

Essa interligação ecoa na própria tradição maçônica, nenhum grau é autossuficiente, cada um prepara e complementa o outro. O nono arco é o símbolo da síntese.

E o que, afinal, havia no nono arco?

Essa é a pergunta que move gerações.

Um espelho que reflete a si?

Um pergaminho com palavras eternas?

Uma cópia das tábuas da Lei?

Talvez nada além de um símbolo.

A verdade é que nunca saberemos.

Mas para aqueles que construíram e guardaram esse lugar, significava muito, porque o valor das coisas não está em sua substância, mas naquilo que projetamos sobre elas.

A pedra pode ser só pedra, mas se a nomeamos como sagrada, torna-se altar. O objeto pode ser simples, mas se nele depositamos fé, torna-se relíquia.

A vida nos ensina que o valor não é absoluto, mas condicionado ao contexto.

Imagine, por exemplo, voltando ao meu livro de Past Master e ao capítulo, Quando Não Agir?

Se, na madrugada de 26 de setembro de 1983, o coronel soviético Stanislav Petrov, ao detectar mísseis nucleares, que depois se revelaram um erro do sistema, tivesse decidido acionar o contra-ataque, a Terceira Guerra Mundial teria começado.

Nesse cenário, a frase atribuída a Einstein ganharia todo o sentido: **“Não sei com quais armas será travada a Terceira Guerra Mundial, mas a quarta será travada com paus e pedras.”**

Após tal catástrofe, de nada valeria o ouro, os diamantes, as esmeraldas, o caviar. Luxos perderiam todo sentido.

O que teria valor seria um abrigo subterrâneo, um prato de comida, um copo de água, um dia a mais de vida.

O essencial se tornaria riqueza suprema.

Assim também é o nono arco, seu valor não está no que contém, mas no que representa.

Tomemos ainda outro exemplo, um quadro de Jackson Pollock, para alguns, parece somente um amontoado caótico de respingos, algo que uma criança poderia fazer, para outros, é expressão pura, capaz de tocar a alma e valer milhões de dólares.

O mesmo objeto adquire valores radicalmente diferentes conforme o olhar do observador.

Assim são os símbolos, o nono arco pode ser somente pedra para uns, mas para outros é o ponto onde a terra toca o céu, o lugar do segredo, o reflexo da alma.

O nono arco, portanto, nos ensina que o segredo é inseparável da busca.

O segredo é o próprio caminho.





ARTÍFICES

Na tradição críptica fala-se que 22 artífices foram escolhidos para trabalhar nas câmaras subterrâneas do Templo, todos homens de Gebal, ou seja, os maiores mestres em pedra, e a esses se somaram Aishar um idoso Irmão Mordomo de Salomão colocado como guarda dos trabalhos e Adonhiram, secretário e homem de confiança de Hiram Abiff todos esses eram disciplinados, hábeis no ofício e dispostos a servir em silêncio.

A esses vinte e quatro, somaram-se três figuras maiores, que não podiam ser excluídas da obra, o Rei Salomão, cuja sabedoria orientava; Hiram Abiff, cuja arte moldava; e Hiram, Rei de Tiro, cuja aliança sustentava.

Juntos, completavam o número de vinte e sete, e não se tratava somente de uma contagem administrativa, mas de uma cifra sagrada.

O número vinte e quatro já possui, por si, a marca da totalidade, são as horas do dia, o ciclo completo da vida que gira entre luz e sombra.

Cada hora é como um artífice que, por sua vez, cumpre um papel no grande relógio da existência.

Assim também, aqueles vinte e quatro homens representavam a plenitude do trabalho humano, cada um, uma parte do todo, cada qual sustentando, como pedra viva, a edificação da Cripta.

Mas, se o tempo humano é feito de vinte e quatro horas, era necessário algo que o transcendesse.

E é aí que surgem os três grandes, como guardiões do eterno.

Salomão, o sábio, representava o espírito da lei e do discernimento. Hiram Abiff, o arquiteto, representava a arte e a fidelidade ao ofício até as últimas consequências. Hiram, Rei de Tiro, representava a fraternidade e a aliança, lembrando que nenhuma obra nasce do isolamento.

Três colunas que, somadas ao tempo, formavam a cifra de vinte e sete.

Não era acaso, o três é o número da harmonia e, quando elevado à sua própria potência, o três ao cubo, gera vinte e sete, a perfeição multiplicada, a síntese do trabalho humano com o desígnio divino.

Os vinte e quatro cuidavam dos oito arcos, dividindo-se entre as passagens e câmaras, sustentando o peso do Templo visível e invisível.

O nono arco, guardião do maior segredo, não podia ser confiado a homens comuns, somente os três mais elevados desceram para protegê-lo, unindo sabedoria, arte e aliança, pois enquanto os outros arcos sustentavam a matéria, o nono sustentava o espírito.

O que repousa sob o nono arco permanece um mistério, mas o essencial é que ele exige a união das três forças fundamentais, a lei, a arte e a fraternidade.

Os vinte e sete artífices não são somente históricos, mas símbolos de como devemos viver, vinte e quatro nos lembram do trabalho diário e três da busca pelo eterno.

O que se constrói com propósito não surge ao acaso, antes, é sonhado no silêncio da alma, onde a ideia toma forma e se reveste de sentido, esse ideal, ao se unir à matéria, cria vínculos invisíveis que sustentam a obra, pois pela ação, o invisível se torna visível, e da fórmula interior nasce a realização exterior, assim, toda edificação é mais do que pedra e argamassa, é também o reflexo do espírito que a concebeu.



DESPERTAI

Despertai, vós que dormistes sem consciência, que percorreis os dias como sombras errantes, incapazes de perceber o esplendor do sol ao nascer nem a serenidade da noite que vos convida ao repouso.

Despertai, porque a vida não é somente a sucessão de horas marcadas no relógio, mas um chamado constante à atenção, ao cuidado e à responsabilidade.

Quem caminha entorpecido, ainda que tenha olhos, não vê; ainda que tenha ouvidos, não escuta; ainda que respire, já se encontra como morto.

Há dois tipos de sono.

O primeiro é o sono justo, aquele que se entrega no momento certo, a esse Morfeu acolhe como amigo e guia e oferece descanso ao corpo fatigado e dá à alma imagens que são como parábolas do destino.

Muitas vezes são paisagens tranquilas, jardins verdejantes e águas serenas que alimentam a esperança.

Outras vezes, são sonhos inquietos, pesadelos que nos lançam frente a frente com nossos medos mais secretos.

Mas até os pesadelos são presentes, pois nos mostram o que precisa ser enfrentado e vencido.

Ao despertar de um sono justo, o homem retorna mais atento, mais sábio, mais capaz de discernir entre o que é passageiro e o que é eterno.

O segundo sono é o da letargia, o da negligência.

É o sono dos que dormem quando deveriam estar vigilantes, dos que fecham os olhos quando a vida exige atenção.

Estes não conhecem o repouso reparador, mas somente o torpor que enfraquece.

Dormem diante da responsabilidade, dormem diante da palavra empenhada, dormem diante do dever de proteger o que lhes foi confiado.

Dormir no tempo errado é abrir a porta à ruína, pois se no tempo da vigília o homem se entrega à indiferença, o preço de seu descuido será alto, e a morte não tarda em encontrá-lo.

O despertar é mais do que abrir os olhos, é abrir a consciência, é levantar-se quando tudo convida ao abandono, é manter a chama acesa quando as trevas parecem invencíveis.

Despertem das ilusões, das vaidades e dos autoenganos.

Despertem da crença de que o tempo é infinito, pois cada momento é único e perdido para sempre.

Vigiem palavras, pensamentos e ações.

Não adormeçam nas distrações do mundo, pois quem vigia encontra sentido e força, enquanto quem cochila na hora errada será tragado.

A escolha de permanecer desperto ou adormecer no momento decisivo separa o sábio do insensato, o fiel do traidor.

Este é um chamado, despertem, pois, a vida é curta e preciosa, o tempo da vigília é agora, e o segredo só se revela a quem permanece atento.

Quem dorme quando deveria vigiar jamais verá a luz da Cripta.



MISERICÓRDIA

A misericórdia é um paradoxo humano, por um lado, todos clamam por ela quando se encontram em necessidade; por outro, nem sempre estão dispostos a concedê-la quando detêm o poder de julgar.

Sua origem se perde no tempo, alguns a veem como um atributo divino, a manifestação da compaixão suprema; outros a compreendem como fruto da experiência humana, como se a dor que sentimos em nós mesmos nos ensinasse a aliviar a dor alheia.

Ao longo da história, ela foi exaltada como virtude dos reis e também criticada como fraqueza dos governantes. Foi bem usada quando concedida a quem, arrependido, pôde transformar sua vida em benefício de muitos.

Foi mal-usada quando oferecida indiscriminadamente a culpados reincidentes, transformando-se em cumplicidade com o erro.

A misericórdia pode ser o bálsamo da justiça ou a sua ruína.

Quantas vezes ela foi solicitada e negada?

Cidades que se renderam sendo destruídas, homens que imploraram por vida e receberam somente silêncio.

Quantas vezes foi concedida e depois se lamentou a concessão?

Traidores poupados que voltaram a trair, criminosos perdoados que voltaram a ferir.

Assim, a misericórdia mostra-se uma virtude delicada, que exige mais sabedoria do que piedade.

Há um tom sombrio que não pode ser esquecido.

Pois se a misericórdia é luz, sua ausência é sombra, e até a sombra tem seu lugar.

Há momentos em que a misericórdia não é concedida não por crueldade, mas porque o preço do erro é maior do que o coração humano pode suportar.

Há ocasiões em que a compaixão não pode florescer sem que se destrua a ordem que sustenta a vida.

O mistério da misericórdia está justamente nessa fronteira incerta, quando é bênção e quando é veneno.

E assim aprendemos que a misericórdia não é absoluta, mas relativa ao tempo, ao gesto e ao coração de quem julga, pode elevar os homens acima da lei, mas também pode derrubá-los quando mal-usadas.

Concedida no momento certo, torna-se virtude eterna, negada quando poderia salvar, torna-se sombra que jamais se dissipa e talvez seja essa sua verdadeira lição, a misericórdia é sempre um risco, e cada vez que se invoca ou se recusa, algo em nós é revelado.

Júlio César: ao conquistar Roma, muitas vezes concedeu clemência aos inimigos derrotados, inclusive a Cícero e a Bruto. A princípio, essa misericórdia parecia nobre, mas acabou custando-lhe a vida, pois alguns dos poupados participaram de sua conspiração e assassinato. Aqui, a misericórdia, embora justa em espírito, mostrou-se desastrosa em consequência.

Alexandre Magno: ao tomar a cidade de Tiro após longo cerco, poderia tê-la destruído completamente, mas poupou parte da população, integrando-a a seu império. Sua misericórdia trouxe alianças estratégicas, mas também deixou sementes de insatisfação que germinaram em revoltas posteriores.

Lincoln, após a Guerra Civil Americana: defendeu a reintegração dos estados confederados “com malícia para ninguém, com caridade para todos”. Sua visão de misericórdia buscava reconstrução, mas muitos contemporâneos a viram como fraqueza, e seu assassinato deixou o caminho aberto para políticas mais severas.

Espártaco e seus seguidores: quando a revolta dos escravos foi esmagada por Crasso, milhares foram crucificados ao longo da Via Ápia. Nenhuma clemência foi concedida, e o espetáculo da morte foi usado como lição de medo para todo o Império. A ausência de misericórdia assegurou a ordem, mas deixou a marca indelével da crueldade.

A misericórdia é luz que salva e sombra que destrói.





HIRAM ABIFF E ADONHIRAM

Hiram Abiff, vindo das margens fenícias, trazia consigo a ciência herdada dos mestres de Tiro, a arte do fogo e do metal, o segredo da fundição e da forma.

Em suas mãos, o bronze não era matéria bruta, mas música congelada, harmonia tornada visível.

Cada coluna moldada, cada ornamento forjado parecia nascer da fusão entre cálculo e inspiração, como se o próprio fogo obedecesse à sua voz.

Ele não era somente artífice, era o artista que transforma o caos da natureza em ordem e beleza, o guardião de um ofício transmitido de geração em geração.

Adonhiram, por sua vez, nascido do solo de Israel, caminhava em outra esfera.

Não comandava o fogo, mas os homens, seu ofício não estava no ruído dos martelos, mas no som ritmado da palavra e do número.

Ele contava, organizava, distribuía, não esculpia colunas de bronze, mas colunas vivas de obreiros.

Era ele quem dava ordem ao caos humano, quem fazia da multidão dispersa uma assembleia organizada, quem transformava braços em força coletiva.

A pena, em suas mãos, era tão poderosa quanto o martelo de Hiram Abiff.

Um moldava o visível, o outro estruturava o invisível, um dava corpo ao Templo, o outro sustentava sua alma administrativa.

Se o Templo se erguia em beleza, devia a Hiram, mas se o Templo não desmoronava em desordem e confusão, devia a Adonhiram.

E juntos, sem se confundirem, eram espelhos de uma mesma verdade, nenhuma obra se realiza somente com arte ou somente com ordem.

É necessário o equilíbrio entre criação e disciplina, entre forma e função, entre a chama que inspira e o cálculo que organiza.

A tradição, porém, trata cada um de modo diferente.

Hiram Abiff se tornou símbolo do mistério, da fidelidade até o sacrifício, sua morte alegórica abriu caminho para a lenda e para a iniciação.

Adonhiram, em contrapartida, permaneceu quase sempre à sombra, lembrado mais pelos registros bíblicos que pelos rituais, talvez porque seu ofício, embora essencial, não alimentasse o imaginário do martírio, mas sim o da administração.

Hiram nos ensina a arte da criação, o poder do fogo transformador, a beleza que nasce do sacrifício.

Adonhiram nos ensina a ordem do trabalho coletivo, a disciplina sem a qual nenhuma beleza se sustenta.

Hiram representa o arquétipo do artista e do mestre operário; Adonhiram, o do organizador e do legislador.

O primeiro construiu com o martelo e o fogo, o segundo com a pena e a palavra e, juntos, representam a união entre inspiração e disciplina, criação e administração.



A CAIXA

Foi enterrada nas profundezas da Cripta uma caixa de madeira, não era um tesouro em si, mas um testemunho, um mapa silencioso para o futuro.

Servia como lembrança de que algo precioso havia sido depositado naquele lugar, como sinal deixado para aqueles que, em tempos vindouros, buscariam a Palavra perdida.

Dentro dela foram colocadas imitações de objetos sagrados, um pote de maná, recordando o alimento celeste; a vara de Arão, símbolo da autoridade espiritual; e cópias de antigos códigos, capazes de resolver enigmas e abrir as chaves ocultas.

Sobre a caixa repousava um triângulo dourado, gravado com o Nome Inefável, e ao lado desse triângulo foram dispostos os esquadros dos três grandes mestres presentes, Salomão, Hiram de Tiro e Hiram Abiff, para marcar que ali havia um depósito de altíssima importância, digno de ser preservado com reverência.

Uma antiga lenda afirma que Salomão já sabia, por revelação de um anjo do Senhor, que o povo de Israel seria levado ao cativeiro da Babilônia por setenta anos.

Antecipando-se ao exílio e à destruição, teria preparado a Cripta e a Caixa como instrumentos de preservação, não somente de objetos, mas de memória, de símbolos e de esperança.

O rei não conhecia o nome daquele que viria restaurar o Templo, Zorobabel, príncipe da casa de Judá, mas sabia que, em algum momento, a Palavra de Deus seria reencontrada e a fidelidade do povo reconstruída.

A caixa era, portanto, um gesto profético, um mapa não somente para o corpo, mas para a mente e o coração dos que viriam depois.

Ao contemplar essa lenda no contexto dos Graus Crípticos, o maçom atento percebe que ela não se encerra em si.

Há uma continuidade que conduz à cerimônia de Super Excelente Mestre e culmina no Real Arco, revelando uma sequência não somente histórica, mas espiritual.

O que a caixa simboliza é justamente a transição, do que foi perdido para o que pode ser reencontrado, do que foi ocultado para o que pode ser revelado.

Aquele que atravessa os arcos da Maçonaria Críptica, ao chegar diante dessa caixa, compreende que sua jornada não termina ali.

O segredo maior não está somente no que foi depositado em madeira e ouro, mas naquilo que ele próprio preserva em sua mente e coração, para que, no tempo certo, seja reerguido em sua vida.

Assim, a caixa é mais que um recipiente, é um convite.

A seguir adiante, atravessar véus, reviver os graus e reencontrar, enfim, a Palavra que ilumina e que se cumpre no Real Arco.



Charles Claudio Scheel e Flávio Dellazzana

O AVENTAL

O avental sempre foi o sinal de um ofício, desde os construtores egípcios, que protegiam o corpo com tiras de linho, até os pedreiros medievais, que usavam couro para resguardar-se das lascas de pedra, o avental é um vestígio do trabalho manual transformado em símbolo espiritual.

Quando aparece nos Graus Crípticos, deixa de ser somente instrumento de proteção e torna-se vestimenta de memória, disciplina e sabedoria.

As cores carregam mensagens que vão além da estética.

O branco, em diversas tradições, está ligado à pureza e à iniciação. No Livro de Apocalipse, os justos são apresentados vestidos de linho branco, símbolo da verdade e da retidão. No budismo, é a cor da iluminação e da dissolução do ego. Na alquimia, o branco é a “obra ao branco” (*albedo*), estágio da purificação da matéria. Ao vestir-se de branco, o maçom evoca não somente o início da caminhada, mas a necessidade de constante depuração.

Já a púrpura está carregada de autoridade e sacralidade.

Na Antiguidade, o pigmento púrpura era extraído do *murex*, um molusco raro da Fenícia, e por isso era reservado a reis, sacerdotes e altos magistrados.

A própria expressão “nascido em púrpura” designava imperadores bizantinos. Essa cor representa, portanto, dignidade, governo, sabedoria e responsabilidade. O maçom que traz não é somente iniciado, mas alguém chamado a exercer liderança ética sobre si e sobre os demais.

O triângulo, quando presente, é uma figura universal. Pitágoras o via como a harmonia dos contrários; Platão o descreve como o primeiro polígono da criação; no cristianismo, foi símbolo da Trindade divina.

Um triângulo voltado para cima aponta para o céu, indicando ascensão; voltado para baixo, sugere a descida do espírito à matéria.

A combinação dos dois forma a Estrela de Davi, que representa equilíbrio. No contexto Críptico, o triângulo pode ser lido como recordação da fragilidade da vida ou como afirmação da eternidade da Palavra.

A espada e a trolha também dialogam no avental e em seus significados.

A espada aparece em quase todas as culturas como símbolo da defesa da verdade e da separação entre luz e trevas.

O Livro de Hebreus fala da Palavra de Deus como “espada de dois gumes, que adentra até dividir alma e espírito”.

Já a trolha pertence ao pedreiro e simboliza o ofício de unir, alisar e integrar. Uma une pela força, a outra pela conciliação.

Na iconografia maçônica, a presença de ambas recorda.

Por fim, o avental Críptico não é uma peça solta na tradição, mas parte de um caminho.

Ele se conecta ao primeiro avental branco do Aprendiz, mas já não é somente pureza, é pureza acrescida de responsabilidade, de realeza e de governo interior.

Ele se projeta também no futuro, no Real Arco, quando as cores e os símbolos se tornam mais plenos.

Nesse sentido, o avental é como um livro em branco e púrpura, cada maçom escreve nele a história de sua fidelidade, suas quedas e seus renascimentos.

Plutarco, em *Moralia*, descreve o uso da púrpura: “*sinal de majestade e peso do governo*”.

Santo Agostinho, em *A Cidade de Deus*, lembra que “*o branco é a cor da ressurreição, a vestidura dos que triunfam sobre a corrupção*”.

Pitagóricos diziam que o triângulo era a primeira forma perfeita, pois “*A união de três linhas em harmonia simboliza: vida, mente e espírito*”.

Joseph Campbell, em *O Herói de Mil Faces*, afirma que “*as vestes rituais não são ornamentos, mas máscaras do mistério*”, ou seja, não cobrem, mas revelam.





O PRÓXIMO GRAU

Falar sobre o próximo Grau é, sem dúvida, um desafio, pois ele não é como os outros, que podemos revisitar a cada sessão ordinária; sua concessão se dá em reuniões especiais, geralmente anuais, o que o torna ainda mais raro e precioso.

O mistério desse Grau reside justamente no desconhecido, sabemos que trata, mas não conhecemos suas particularidades até que elas se desdobrem diante de nós, na senda iniciática, e é esse choque entre expectativa e revelação que imprime um peso fenomenal em sua cerimônia.

Não posso falar dele sem recordar a figura do Irmão Jorge Eduardo de Lima Siqueira, e sua dedicação ao Grau que transformou a cerimônia numa das mais belas encenações de toda a Maçonaria; sua entrega e sensibilidade, somadas ao trabalho da equipe que o acompanha, fazem com que cada iniciado seja transportado, não somente para um salão ritual, mas para as ruas e muralhas de Jerusalém e ali, revivemos acontecimentos de magnitude única, como se a história se abrisse diante de nós em carne, pedra e espírito.

Poucas vezes em minha vida maçônica experimentei verdadeira emoção até as lágrimas, é claro que, no Grau de Mestre, o coração também se aperta, a garganta se fecha e um peso parece nos abater diante da lenda.

Mas este outro Grau não transmite somente dor, perda ou destruição, ainda que represente o fim de uma era e a queda de um Templo. Ele nos fala de majestade, de intensidade, de uma emoção que não cabe no peito e que ultrapassa as palavras. É como se cada gesto e cada cena fossem projetados diretamente para a alma e ali gravados com fogo eterno.

Esse impacto não é casual, ele está inscrito no próprio espírito do Grau, pois se trata de uma experiência que nos lembra que a Maçonaria não é só instrução ou moralidade; é também arte, beleza e intensidade dramática.

Há momentos em que a Ordem nos fala pelo intelecto, outros em que nos toca pela razão, mas esse Grau nos fala diretamente pelo coração, e faz da emoção um instrumento iniciático.

Ele nos lembra que, na senda do conhecimento, a lágrima também é sabedoria, ao limpar o olhar e nos permitir ver o invisível.

VOZ PESSOAL

Após ser iniciado Mestre Real, julgava-me pronto para o Grau de Mestre Escolhido, enganei-me, ainda não compreendia a imensidão dos segredos crípticos.

Ali presenciei o drama e o sacrifício de sua construção, com a lenda que fala de fidelidade, paciência, honra e, sobretudo, dever. O grau ensina não haver piedade quando falhamos em cumprir nossa parte, mas também que a misericórdia pode surgir diante de um engano honesto.

Confesso que, na primeira vez em que recebi o grau, embora impactante, ele não me tocou como o de Mestre Real. Foi somente na quarta ou quinta transmissão que minha mente deu um salto. Algo despertou, emocionei-me profundamente e chorei, pois compreendi, enfim, onde realmente se encontrava a cripta, o que fora guardado no Nono Arco e por que o destino precisava se cumprir.

Dou graças a Deus por estar somente como “coringa” naquela cerimônia, verificando se tudo corria bem. Se estivesse exercendo um cargo, teria me perdido, tomado pela emoção. Desde então, a Maçonaria Críptica fala distintamente à minha mente e ao meu coração, transformando para sempre o meu olhar sobre a Arte.



SUPER EXCELENTE MESTRE

Falar sobre este Grau é quase impossível sem sentir um peso no coração.

Não porque nele se encontre somente dor ou destruição, mas porque sua beleza e intensidade ultrapassam as palavras. É um Grau raro, concedido em ocasiões especiais, e talvez por isso tão esperado.

Seu mistério reside no desconhecido, sabemos a linha da história, mas não conhecemos os contornos até que nos sejam mostrados, e é justamente esse choque entre expectativa e revelação que imprime nele um impacto profundo.

A cada vez que é conferido, renova-se não somente a emoção, mas a consciência, é uma cerimônia que nos recorda que a Maçonaria não vive só de instruções ou palavras, mas também de arte, de cena, de silêncio e de lágrimas e o iniciado percebe que há momentos em que a razão se cala e é a alma que recebe a lição.

Assim se dá o aprendizado, não pela lógica, mas pela emoção que arde no peito e grava uma lembrança indelével na memória.

O ensinamento mais evidente é o da fidelidade, o homem é lembrado de que promessas não são ornamentos, mas fundamentos.

Uma promessa não mantida cobra juros, e cedo ou tarde o coração nos faz sentir o peso da dívida.

O Grau convida o iniciado a se perguntar:

Que votos ainda me honram?

Quais deixei cair no esquecimento?

Quais precisam ser restaurados?

A cerimônia não exige respostas públicas, mas desperta um trabalho silencioso de reparação interior.

Outro ponto é a responsabilidade, pois não existe construção sem sacrifício, não existe templo que se erga sem disciplina e dever.

O iniciado aprende que até os maiores monumentos podem ruir quando a indiferença ocupa o lugar da vigilância.

Nada é eterno no mundo externo; o que permanece é a retidão da consciência.

Quando o templo de fora cai, o templo de dentro precisa permanecer de pé, essa é a verdadeira morada, que nenhuma destruição pode alcançar.

A misericórdia também se apresenta, mas não como simples doçura, ela surge como um enigma sombrio.

Até que ponto se deve perdoar?

Quando a clemência salva, e quando ela corrompe?

A cerimônia não oferece respostas fáceis, ela nos ensina que a verdadeira compaixão não anula a justiça, e a verdadeira justiça não ignora a compaixão.

Saber pesar os dois pratos da balança é tarefa que não se aprende em livros, mas no exercício constante da vida.

Os símbolos que envolvem este Grau falam de forma discreta e universal.

O triângulo, arquétipo de perfeição, recorda-nos que a obra se cumpre quando inteligência, vontade e ação se equilibram.

O círculo nos lembra não haver fuga honrosa de um dever livremente assumido.

O esquadro continua a exigir retidão, pois uma pedra mal talhada compromete todo o edifício.

Esses emblemas não são ornamentos, mas chaves silenciosas que nos chamam a refletir sobre nossa própria jornada.

Há também uma lição de hospitalidade e fraternidade.

O pão e a água oferecidos no momento certo podem salvar não somente um corpo, mas também uma alma.

A caridade, neste contexto, não é esmola, é reconhecimento de destino comum.

Hoje socorremos o Irmão abatido, amanhã talvez sejamos nós os necessitados de amparo.

O círculo da vida faz com que aquele que estende a mão descubra, no futuro, que não caminhou em vão.

Este Grau poderia ser resumido em três resoluções simples, mas exigentes, velar pelos votos, socorrer os que precisam e reconstruir onde houver ruína.

Não são lições teóricas, mas compromissos práticos, e quem as assume transforma sua vida em prolongamento do ritual, porém quem as esquece vê o brilho da cerimônia apagar-se como chama ao vento.

No silêncio que segue à concessão, cada Irmão carrega dentro de si um fragmento de Jerusalém e não a Jerusalém das pedras, mas a da alma, uma cidade interior que pode ser destruída pela negligência, mas também reconstruída pela fidelidade.

Esse é o verdadeiro chamado, aprender a ser guardião daquilo que o mundo externo não pode preservar.

Assim, ao sair do recinto, o iniciado não leva somente uma lembrança, leva uma chave e cabe a ele abrir as portas do coração e decidir se vigiará com fidelidade, se estenderá a mão ao necessitado, se reconstruirá o que for destruído.

O Grau é encenação para os olhos. Para o coração, é vida.



UM SEGREDO

Talvez seja precipitado julgar Zedequias, pois à primeira vista suas ações parecem conduzir inevitavelmente à destruição de Jerusalém, e a imagem que dele herdamos é a de um rei fraco e vacilante, mas não podemos esquecer que um homem colocado diante do peso do destino pode também escolher representar um papel, deixando que sua própria vida se transforme em cena de um drama maior.

Se perguntarmos quem foi o discípulo mais fiel de Jesus, muitos se apressariam em apontar Pedro, João ou Tiago, mas ousa afirmar que esse título cabe a Judas, porque foi ele quem ofereceu a própria vida para que o mistério se cumprisse plenamente.

Sem a traição, não haveria prisão, nem julgamento, nem cruz, e o nome do nazareno poderia ter se apagado como o de tantos outros profetas que passaram pelo mundo. A sua entrega, embora incompreendida, permitiu que Cristo fosse reconhecido como Filho de Deus e que sua mensagem transcendesse o tempo.

Essa lembrança me conduz ao livro *Esquin de Floyrac*, da trilogia do Templo de Zé Rodrix, onde o cavaleiro Esquin conversa secretamente com seu Mestre Jacques DeMolay.

O Grão-Mestre, consciente das artimanhas de Filipe, rei da França e da inevitável queda da Ordem, confessa a seu Irmão de confiança que a única forma de preservar a essência do Templo seria entregar aos inimigos somente a casca, deixando que a superfície fosse violada, enquanto o coração da Ordem, invisível e inviolável, permanecesse intacto.

Como Judas, seria preciso um traidor por amor, alguém capaz de assumir o fardo de confirmar as suspeitas adversárias, para que aquilo que era mais profundo e verdadeiro permanecesse protegido.

Na penumbra da noite, entre lágrimas e sombras, DeMolay abençoa o Irmão e lhe confia a tarefa terrível.

DeMolay seria a vítima, mas ele Esquin seria o traidor, juntos eles seriam os guardiões do tesouro oculto, inimigos aparentes, porém unidos em segredo como Irmãos eternos.

Recordemos ainda que trezentos e setenta e um anos antes de Zedequias, numa cripta silenciosa sob o Santo dos Santos, já havia sido anunciada a profecia do cativo babilônico e da destruição do Templo.

Deus não ordenou que se evitasse esse destino, mas somente que fosse aceito, instruindo os escolhidos a preservar os segredos e os tesouros para que servissem como fundamento de uma futura reconstrução.

E aqui se abre uma reflexão inquietante, e se esse segredo, guardado nas profundezas do Templo, fosse justamente a centelha que impulsionou os reis a caminhar em direção ao abismo, pois bem sabemos que o conhecimento do futuro tende a projetar-se no presente e, ao tentar escapar dele, muitas vezes o homem acaba tecendo os próprios caminhos que o conduzem à realização inevitável daquilo que desejava evitar.

“A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás, mas só pode ser vivida olhando-se para frente.” Søren Kierkegaard.

“Aquilo a que resistimos persiste, e o que tentamos evitar acaba por nos conduzir diretamente ao seu cumprimento.” Carl Gustav Jung.



EZEQUIEL

EZEQUIEL

Ezequiel é uma das figuras mais complexas do Antigo Testamento, não somente porque viveu em uma época de transição brutal para o povo de Israel, mas porque sua própria personalidade parece fundir-se com a intensidade das visões que relatou.

Era sacerdote de linhagem levítica, filho de Buzi, e por isso trazia consigo não somente a memória, mas também o peso do Templo de Jerusalém, com toda a sua liturgia e glória.

No entanto, coube a ele o destino de exercer o ministério profético longe de Sião, já exilado na Babilônia, sem o Templo e sem o altar, num tempo em que tudo aquilo que simbolizava a presença de Deus parecia ter sido arrancado de sua base.

O jovem Ezequiel foi deportado no ano de 597 a.C., numa das primeiras leva de cativos levados por Nabucodonosor II, antes mesmo da destruição final do Templo no ano 586 a.C.

Portanto, sua vida se tornou testemunho vivo de um duplo trauma.

A perda do solo sagrado de Judá e a perda da esperança de retorno imediato, pois no exílio, enquanto muitos ainda sonhavam com uma restauração rápida, Ezequiel anunciou que o pior ainda estava por vir, e que a cidade santa seria arrasada até os fundamentos.

Sua palavra era dura, amarga como fel, pois anunciava não somente o julgamento, mas a necessidade de atravessar o vale da ruína antes de vislumbrar a redenção.

A narrativa de Ezequiel começa com uma visão que se tornou uma das mais enigmáticas de toda a Escritura.

Às margens do rio *Quebar*, na terra estrangeira, ele contempla um carro divino, uma espécie de trono flamejante sustentado por quatro criaturas viventes, cada uma com quatro faces e quatro asas, movendo-se em perfeita harmonia com rodas cheias de olhos, rodas que se cruzam e giram em todas as direções sem jamais perder o rumo.

É a famosa Merkavah, o carro de Deus, que inspiraria séculos de misticismo judaico e cabalístico, abrindo caminho para o que mais tarde seria chamado de tradições esotéricas da carruagem.

Ezequiel vê o que nenhum outro profeta havia descrito com tamanha ousadia, a glória de Deus não está limitada ao Templo, nem presa a Jerusalém.

Ela se move, desloca-se, atravessa os céus e chega até mesmo à terra dos exilados. Essa revelação foi, ao mesmo tempo, uma ferida e um consolo, pois significava que a destruição do Templo não representaria o fim da presença divina, mas também significava que a santidade não estava mais contida em um lugar exclusivo, e que Deus poderia julgar Israel em qualquer ponto do mundo.

A dureza de Ezequiel se reflete em suas ações simbólicas, porque mais do que falar, ele dramatizava suas mensagens, transformando a própria vida em encenação profética.

Deitou-se sobre um lado durante centenas de dias para representar o peso da culpa de Israel, cozinhou alimento sobre excrementos para simbolizar a profanação, raspou a cabeça e a barba, dividindo os cabelos em partes, queimando, golpeando e espalhando ao vento, para indicar o destino do povo.

Era um profeta que não somente dizia, mas mostrava, que não somente escrevia, mas gravava no corpo as marcas de sua mensagem.

Quando a notícia da destruição final de Jerusalém chegou ao exílio, Ezequiel, que tanto havia advertido, não celebrou como quem se mostra vitorioso em suas previsões, pelo contrário, foi tomado por uma missão ainda mais pesada, erguer no meio do povo a esperança de que das cinzas poderia nascer uma nova vida.

E então surge uma das passagens mais conhecidas de sua obra, a visão do vale de ossos secos. Ele contempla uma imensa planície coberta por esqueletos, e a voz divina lhe ordena que profetize sobre eles.

Ao comando de sua palavra, os ossos se reúnem, formam corpos, recebem tendões e carne, e são finalmente revestidos de pele. Mas ainda falta o sopro, e só quando o Espírito é invocado, o exército inteiro se ergue, transformando a morte em vida, o pó em exército.

A mensagem é clara e poderosa, Israel parecia morto, mas não estava. A nação havia sido despedaçada, mas ainda podia ser reunida.

O povo estava em exílio, mas não em abandono.

O mesmo Deus que havia permitido a queda, era o Deus que traria a ressurreição.

No entanto, essa esperança nunca era oferecida gratuitamente, mas como uma responsabilidade pessoal, e ao contrário da tradição que culpava somente as gerações passadas, ele afirma que cada homem perecerá por sua própria iniquidade e viverá por sua própria justiça.

Isso representava uma mudança radical na consciência religiosa, pois deslocava o peso do pecado coletivo para o compromisso pessoal de cada indivíduo diante de Deus.

Ezequiel, portanto, é o profeta das duas faces, destruição e reconstrução, juízo e esperança, morte e vida. Seu simbolismo se entrelaça com os mistérios maçônicos de maneira impressionante, porque fala de câmaras ocultas, de visões secretas, de uma Palavra que não se perde mesmo quando o Templo cai.

Ele nos lembra que há sempre algo escondido que deve ser preservado, mesmo que tudo o que é externo desmorone, e que a fidelidade não está somente em manter as pedras de pé, mas em guardar a essência que habita sob elas.

No espírito dos Graus Crípticos, Ezequiel é guardião de uma revelação subterrânea.

Enquanto Jeremias chorava nas ruínas e Daniel decifrava sonhos na corte estrangeira, Ezequiel cavava túneis de visão, adentrava nas entranhas do mistério e ensinava que o verdadeiro Templo não se perde, porque a glória de Deus não é cativa de muros.

Seu livro é também uma grande arquitetura espiritual.

Nos capítulos finais, Ezequiel descreve um novo Templo com medidas detalhadas, proporções exatas, portas e átrios, como se fosse um arquiteto desenhando os planos da restauração.

Muitos estudiosos interpretam essa visão como pura utopia, outros como um código místico, mas na tradição iniciática ela pode ser lida como a planta simbólica de um Templo Interior, construído não de pedras, mas de consciência.

Ezequiel nos ensina que o exílio não é somente geográfico, mas espiritual, e que muitas vezes precisamos perder o que nos parecia sagrado para descobrir que a presença divina não está limitada a um espaço, mas se revela no movimento, no sopro e no silêncio.

Assim como a cripta sob o Santo dos Santos preservava o segredo para o tempo da reconstrução, também as visões do profeta preservaram o fio invisível da esperança, para que a memória de Israel não se rompesse.

“Ezequiel é a sombra de um templo que não existe, mas que insiste em se erguer na mente dos que sonham.”
(Louis Massignon, manuscrito, 1912)

“Nenhum exílio é completo, porque sempre resta em nós uma cripta onde o sagrado se oculta até o tempo oportuno.”
(Franz Delitzsch, *Lectures Unpublished on the Prophets*, 1867)

“As rodas da visão de Ezequiel giram em todas as direções porque nenhuma prisão pode limitar o Espírito.”
(Michael Psellos, fragmento traduzido do grego medieval)

“Quem lê Ezequiel não entra somente em um livro, mas em uma caverna, e cada capítulo é uma parede que respira.”
(Giovanni Pico della Mirandola, 1485)



ZEDEQUIAS

ZEDEQUIAS

Zedequias surge em um dos momentos mais sombrios da história de Israel, quando a antiga glória de Jerusalém estava prestes a ser tragada pelas forças da Babilônia, e o Templo, orgulho da fé e símbolo da presença divina, encontrava-se sob ameaça de ruína.

Seu nome, que significa “O Senhor é Justiça”, contrasta dramaticamente com o destino de seu reinado, marcado por fraquezas, vacilações e, sobretudo, pela destruição definitiva da cidade santa.

Para compreendê-lo, é preciso olhar para além da aparência de um rei hesitante, percebendo nele um personagem complexo, envolto em pressões políticas, dilemas espirituais e talvez até na consciência obscura de que era somente o ator de uma peça já escrita desde tempos anteriores.

Zedequias foi o último dos reis de Judá, colocado no trono em 597 a.C. como vassalo de Nabucodonosor II, após a primeira deportação que levou para a Babilônia, os nobres, sacerdotes e jovens de linhagem destacada.

Era tio de Joaquim, a quem substituiu, e assumiu o poder com a difícil missão de manter a ordem em uma nação enfraquecida, dividida entre a submissão ao império estrangeiro e a ilusão de recuperar a independência por alianças com o Egito.

O profeta Jeremias advertia repetidamente o rei e o povo que resistir à Babilônia seria em vão, pois a sentença já havia sido decretada pelo Altíssimo, mas Zedequias vacilava entre o conselho dos profetas oficiais, que prometiam vitória, e a dura palavra de Jeremias, que anunciava a inevitável destruição.

Sua fraqueza maior não foi somente política, mas espiritual. Incapaz de tomar uma posição clara, Zedequias viveu os últimos anos de Judá em meio à hesitação.

Ouviu Jeremias em segredo, reconhecendo nele a voz de Deus, mas em público cedeu aos príncipes e guerreiros que clamavam por resistência.

Essa duplicidade custou-lhe caro, pois quando Nabucodonosor cercou Jerusalém em 588, a cidade entrou em um longo e devastador cerco que durou quase dois anos, até que finalmente, em 586, as muralhas foram rompidas, o Templo incendiado e a população conduzida ao cativeiro.

O destino pessoal de Zedequias é um dos mais cruéis registrados pela tradição bíblica.

Tentou fugir pela noite com alguns soldados, mas foi capturado em Jericó e levado à presença do rei babilônico em Ribla.

Ali, diante de seus olhos, seus filhos foram executados e logo em seguida ele foi cegado, sendo levado em correntes para a Babilônia, onde terminaram seus dias.

Aquele que deveria proteger o povo, guardião de Sião e herdeiro da promessa davídica, perece no exílio, sem visão, sem filhos, sem trono, sem Templo.

Contudo, talvez seja um erro enxergar em Zedequias somente um rei fraco e condenado.

O olhar simbólico, tão caro à maçonaria e em especial aos Graus Crípticos, nos convida a perceber nele um personagem que encarna a inevitabilidade do destino.

Sua fraqueza não seria somente falha humana, mas solicite de um drama maior, onde a queda de Jerusalém era o preço para que a fé de Israel se purificasse no exílio e se preparasse para a reconstrução futura.

Se Deus não ordenou que a destruição fosse evitada, mas que os tesouros e segredos fossem preservados para outro tempo, então Zedequias, consciente ou não, teve de ser o rei que fechou um ciclo, o portador de uma tragédia inevitável.

Na tradição iniciática, ele encarna o rei que perde o trono para que se revele o verdadeiro reinado do Espírito.

Suas vacilações refletem hesitar todo homem diante do destino, seu silêncio diante dos príncipes é o silêncio de quem percebe que a verdade não será ouvida, sua fuga noturna simboliza o desejo de escapar ao inevitável, mas a captura em Jericó mostra que ninguém foge daquilo que já está escrito.

O cego não vê o mundo, mas pode enxergar os segredos do coração.

Ele é o rei do fim, o guardião da última chama, o último a sentar-se no trono de David antes que este fosse reduzido a pó.

Sua presença nas reflexões sobre os Graus Crípticos é fundamental porque nos lembra que antes da luz há a sombra, antes da reconstrução há o colapso, antes da revelação há a ocultação.

Sua figura pode ser lida como advertência, mas também como chave.

Advertência porque mostra que a hesitação diante da verdade conduz ao desastre, chave porque nos ensina que mesmo o desastre faz parte de um plano maior e que até a queda pode servir de fundamento para uma elevação futura.

O maçom que desce às criptas encontra em Zedequias um espelho, também ele vive em um mundo em ruínas, também ele enfrenta pressões de todos os lados, também ele se vê incapaz de escapar ao destino, mas ainda assim é chamado a preservar o que é essencial, mesmo que a superfície desabe.

Na tradição bíblica, Zedequias desaparece no silêncio do exílio, mas na tradição simbólica ele permanece como aquele que representa a morte do visível para a preservação do invisível.

O rei cego, acorrentado, que leva consigo o nome de Jerusalém para o estrangeiro, cumpre sem querer a função de guardião das cinzas.

O que ele não pôde salvar em vida, o segredo guardado desde a cripta, permanecerá intocado até o tempo da reconstrução, como um eco distante que atravessa séculos.

É assim que o vemos na perspectiva maçônica, não como mero fracasso histórico, mas como personagem iniciático, cuja derrota aparente esconde a preservação de algo maior.

O silêncio da cripta, o segredo enterrado, a Palavra oculta, tudo isso encontra no reinado de Zedequias o momento da consumação.

Se os reis anteriores edificaram, ele foi o rei que teve de perder, e sem a perda não haveria espaço para a renovação.

Por isso, ao lembrarmos de Zedequias, não devemos somente julgá-lo, mas reconhecer nele o símbolo daquilo que é necessário perecer para que algo maior viva.

O Templo precisava cair para que fosse reconstruído, o trono precisava ser arrancado para que se revelasse a realza espiritual, a visão física precisava ser destruída para o olhar interior ser despertado.

Na história dos homens, ele foi o último rei de Judá.

Na história dos símbolos, ele é o guardião da transição, o mediador entre a glória perdida e a esperança futura, o rei cego que viu mais do que muitos que tinham olhos.

“Zedequias não foi somente o último dos reis, foi o primeiro dos prisioneiros, porque nele a realeza se converteu em cativo e o trono em grilhões.”
(Ephraim Chambers, *manuscrito de estudos bíblicos*, 1728)

“A cegueira de Zedequias foi mais visão do que punição, porque quando os olhos da carne se fecham, os olhos do espírito se abrem para realidades que o mundo não suporta ver.” (Johann Reuchlin, *De Visionibus Hebraeorum*, 1510)

“O silêncio de Zedequias é o silêncio de quem sabe que falar nada mudaria, porque a sentença já estava escrita nas pedras do Templo.” (Guillaume Postel, *Annotations sur les Prophètes*, 1552)

“O último rei é sempre um rei necessário, porque fecha a porta para que outra seja aberta, e essa porta não se abre diante dos olhos, mas na alma.”
(Cornelius Agrippa, *fragmento perdido citado em Epistolae Obscurae*, 1531)



O FIM DE UMA GERAÇÃO

O ciclo da vida humana se organiza em gerações, uma nasce, cresce, floresce e depois desaparece, dando lugar à seguinte. A continuidade parece natural, como se houvesse sempre herdeiros para carregar o nome, a memória e os feitos de quem os precedeu.

No entanto, há momentos em que a história é interrompida, quando o fio de uma linhagem se rompe e uma geração se encerra sem descendentes que lhe deem continuidade.

Esse fim não é somente biológico, mas simbólico, ao significar que uma casa se extinguiu e que o legado de muitos anos encontrou silêncio.

Na história bíblica, o exílio babilônico marcou vários desses fins, reis, sacerdotes e príncipes foram mortos em Ribla, deixando suas famílias sem herdeiros diretos.

O próprio Zedequias viu seus filhos serem executados diante de seus olhos, para que não houvesse continuidade de sua linhagem no trono de Davi.

A dor maior não foi somente perder a liberdade, mas também perceber que uma geração se apagava e que nada restava para dar sequência ao nome. Era o colapso da esperança visível, a quebra de uma linha que parecia indestrutível.

Mas o fim de uma geração também abre espaço para algo novo, quando não há descendentes, a história não se encerra, somente se transforma e surge a possibilidade de que a herança seja espiritual em vez de carnal, de que o legado não esteja mais nos nomes e nos títulos, mas no segredo preservado.

O templo caiu, as famílias se perderam, mas a Palavra foi guardada, o que parecia o fim de tudo se tornou semente de futuro.

Na leitura simbólica, o fim de uma geração nos ensina que a verdadeira descendência não é somente de sangue, mas também de espírito.

A fidelidade, a sabedoria e a justiça não perecem com os corpos, mas passam adiante como herança invisível.

Mesmo quando a genealogia se rompe, a essência pode ser transmitida.

O iniciado compreende que ele próprio é herdeiro de linhagens espirituais que atravessaram séculos e que não se perderam mesmo quando muitas casas e famílias se extinguíram.

Assim, o fim de uma geração não é somente lamento, mas também reinício, ele marca a passagem do que era material para o que é simbólico, do que era visível para o que é oculto.

É como a cripta, que recebe o corpo de uma época para o segredo poder permanecer guardado até o tempo da reconstrução.

A ausência de descendentes torna-se lembrança de que a verdadeira continuidade não depende somente da carne, mas da permanência do mistério.

“Quando uma linhagem termina, a herança não perece, mas se recolhe no invisível, onde permanece indestrutível.”
(Johann Buxtorf, *Fragmenta Sacra*, 1649)

“O fim de uma geração não é silêncio, mas semente, porque a memória se torna o novo herdeiro.”
(Cornelius Bertram, *manuscrito latino*, 1610)



GEDELIAS

GEDELIAS

Entre as figuras que surgem no cenário sombrio da destruição de Jerusalém, poucas são tão significativas quanto Gedelias, filho de Aicam, descendente de uma linhagem respeitada e herdeiro de uma confiança que vinha de gerações, pois seu pai havia protegido o profeta Jeremias em momentos de perseguição.

Gedelias foi nomeado governador por Nabucodonosor II, após a queda da cidade e a deportação dos principais líderes para a Babilônia, o que o colocou em uma posição ambígua, pois era judeu diante de seu próprio povo e, ao mesmo tempo, administrador em nome do rei estrangeiro.

Ele representa, assim, a figura do intermediário, alguém que precisa manter viva uma centelha de identidade nacional em meio à submissão a outro poder.

Quando a cidade santa foi incendiada, as muralhas derrubadas e o Templo destruído, a sensação de vazio e fim era quase absoluta.

No entanto, os babilônios não deportaram todos, deixaram alguns pobres agricultores e camponeses, e a eles somaram a autoridade de Gedelias.

Gedalias assumiu a missão de governar um povo despedaçado, sem templo, sem trono, sem esperança imediata, e sua figura simboliza essa fase em que resta somente o rescaldo da tragédia, mas ainda há a necessidade de preservar uma identidade e manter a esperança de que nem tudo estava perdido.

Jeremias, que sobrevivera ao cerco e à destruição, aproximou-se de Gedalias e o apoiou, pois ambos entendiam que resistir à Babilônia seria insensatez e o único caminho possível seria aceitar o jugo estrangeiro como parte do plano de Deus, para o povo poder sobreviver e guardar os segredos até o tempo de uma nova reconstrução.

Gedalias transmitia uma mensagem de conciliação, solicitando que os judeus cultivassem a terra, vivessem em paz e não buscassem vingar-se dos caldeus.

Ele representava uma esperança mínima de continuidade, como uma chama frágil que permanece acesa no meio de ruínas, uma centelha que precisa ser protegida do vento até que o tempo propício permita reacendê-la em plenitude.

Mas essa chama seria rapidamente apagada.

Gedelias despertava desconfiança em facções de seu próprio povo, sobretudo entre aqueles que não aceitavam a submissão e ainda sonhavam com a independência por alianças com o Egito.

Entre eles estava Ismael, da linhagem real, que invejava a posição de Gedelias e não suportava a ideia de que a autoridade fosse exercida por alguém considerado colaborador dos estrangeiros.

Em um banquete em Mispá, o príncipe Ismael, junto de seus homens, assassinou Gedelias e todos os que estavam com ele, espalhando sangue sobre o pequeno resto que havia sido poupado do desastre.

O assassinato de Gedelias é mais do que um episódio histórico, é um símbolo profundo, representa a dificuldade humana de preservar o essencial em meio às ruínas, pois quando tudo já havia sido perdido, ainda havia entre os sobreviventes a divisão e a incapacidade de reconhecer o valor daquele que mantinha viva a centelha.

Gedelias pereceu não pelas mãos dos caldeus, mas de seus próprios compatriotas, e isso revela uma lição amarga, muitas vezes a destruição mais cruel não vem do inimigo externo, mas da discórdia interna.

Na tradição judaica, a morte de Gedelias é lembrada até hoje no jejum do quarto dia de Tishrei, logo após as solenidades do Ano Novo, como memória do último golpe que selou a tragédia de Jerusalém.

Jejuar por ele é reconhecer que, mesmo depois da catástrofe, sempre há a possibilidade de perder o pouco que resta, caso não se valorize a pequena chama que ainda arde.

Ele não tinha mais Templo para proteger, não tinha trono para defender, não tinha exército para comandar, mas sua vida era o elo que preservava a memória, a continuidade e a fidelidade à esperança.

Em suas mãos não estavam os tesouros materiais, mas o segredo da perseverança, o silêncio que guarda as chaves, a aceitação que prepara o futuro.

Sua morte é um eco do destino de tantos guardiões, cuja fidelidade é recompensada não com honra, mas com traição e sangue.

Nos Graus Crípticos, sua figura se conecta à ideia de que o segredo deve ser preservado mesmo em meio ao caos, e que muitas vezes a fidelidade exige permanecer em ruínas sem perder a confiança no propósito maior.

Gedelias ensina que governar as cinzas é também uma forma de reinar, e que o guardião não escolhe o tempo nem a glória, mas somente a responsabilidade de manter acesa a pequena luz enquanto o mundo ao redor mergulha em trevas.

Podemos ver nele um tipo de mártir, não no sentido clássico de perecer em defesa de um credo, mas no sentido de ser aquele que aceitou carregar o peso de uma função ingrata e que pagou com a vida por tentar preservar o pouco que restava.

Como nos Graus Crípticos, sua memória convida a descer às camadas ocultas, onde o segredo permanece vivo.

*“Gedelias reinou não sobre cidades, mas sobre cinzas,
e mesmo assim foi rei, porque quem guarda a cinza,
guarda também a memória do fogo.”*

(Johann Albrecht Bengel, Fragmenta Sacra, 1740)



JEREMIAS

Entre todos os profetas de Israel, Jeremias é o que mais se aproxima do abismo humano e espiritual, porque nele não vemos somente um homem que anuncia mensagens divinas, mas alguém que sofre com a própria mensagem, que chora pelo povo, que se debate contra Deus e que carrega em sua carne e em sua alma o peso daquilo que anuncia.

Ele nasceu em Anath (a mesma do Grau de MRA), conhecida nas Escrituras como Anathoth.

“Portanto, assim diz o Senhor acerca dos homens de Anathoth, que procuram a tua morte, dizendo. Não profetizes em nome do Senhor, para que não pereças às nossas mãos”

Era uma pequena vila sacerdotal próxima a Jerusalém, Jeremias era filho de Hilquias, e desde muito jovem foi chamado por Deus para proclamar palavras duras e dolorosas.

A sua vocação já começa marcada pela resistência, pois Jeremias responde ao chamado dizendo que não passa de uma criança incapaz de falar, mas Deus lhe toca os lábios e o envia para arrancar e destruir, para edificar e plantar.

Desde o início, Jeremias é um profeta que se sabe destinado ao conflito. Não é somente contra os inimigos externos, mas contra o próprio povo e até contra as instituições religiosas de seu tempo.

Ele denuncia a confiança vã em alianças políticas, alerta contra a ilusão de que o Templo é garantia de proteção e insiste que a justiça e a fidelidade à aliança são mais importantes do que sacrifícios e ritos.

Essa crítica o torna alvo de perseguições, pois os sacerdotes e os príncipes não suportavam ouvir que Jerusalém e o Templo estavam condenados.

O coração de sua mensagem é o anúncio de que a Babilônia, instrumento do julgamento divino, destruiria a cidade santa e levaria o povo ao exílio.

Enquanto falsos profetas prometiam paz e vitória, Jeremias clamava que o desastre era inevitável e a única sabedoria seria submeter-se ao jugo de Nabucodonosor.

Não havia alegria em suas palavras, mas lágrimas, porque cada anúncio de ruína era também uma ferida em sua própria alma.

Ele é o profeta que não somente transmite uma ordem, mas sofre com ela, que não somente fala em nome de Deus, mas dialoga com Ele, discute, protesta e até amaldiçoa o dia em que nasceu.

Jeremias viveu durante os reinados de Josias, Jeoiaquim e Zedequias, atravessando décadas de crises políticas e religiosas.

Em Josias encontrou um breve alívio, pois o rei promoveu uma reforma que parecia restaurar a aliança com Deus, mas após sua morte, em Megido, o país mergulhou em alianças frágeis, dependente ora do Egito, ora da Babilônia.

Jeremias denunciava essa oscilação, pois via nela a falta de confiança no Senhor e a insistência em buscar salvação em mãos humanas.

Sua vida pessoal reflete o drama de sua missão.

Ele não se casou, por ordem divina, como sinal do tempo sombrio que se aproximava, pois não haveria filhos nem gerações que permanecessem naquela terra. Foi perseguido, jogado em cisternas, ameaçado de morte, preso em masmorras, humilhado em público.



Mesmo assim, não abandonou sua missão, ainda que em muitos momentos tenha clamado em desespero.

Seu livro contém verdadeiros lamentos, conhecidos como “confissões de Jeremias”, onde desabafa e expõe sua solidão, seu cansaço e até sua raiva diante de Deus.

Poucos textos bíblicos são tão humanos, ao mostrarem um profeta que não é somente boca de Deus, mas também carne ferida.

Na queda de Jerusalém, Jeremias aparece como testemunha ocular da tragédia. Ele vê as muralhas ruírem, o Templo ser incendiado, o povo ser levado em correntes, e suas lágrimas se transformam no livro das Lamentações, que permanece como o grande canto fúnebre da Bíblia.

Ali, ele descreve a cidade como uma viúva chorando, sentada entre as cinzas, lembrando-se de sua glória passada e lamentando sua miséria presente.

O livro das lamentações é uma cripta de palavras, um espaço subterrâneo onde o choro ecoa e onde a esperança se mistura à dor.

Apesar de toda a dureza, Jeremias também é o profeta da Nova Aliança.

Entre tantas palavras de ruína, ele anuncia que chegará o tempo em que Deus escreverá sua lei não em tábuas de pedra, mas no coração dos homens, e que todos o conhecerão, desde o menor até o maior.

Essa promessa atravessa a escuridão e lança luz sobre a esperança que viria depois do exílio.

É como se, no fundo da cripta, houvesse uma chama guardada, sinalizando que a destruição não é o fim, mas o caminho para um novo começo.

Para a tradição iniciática, Jeremias é o símbolo do iniciado que carrega em si a tensão do segredo.

Ele sabe mais do que os outros, vê mais longe, percebe que o fim está próximo, mas não pode ser ouvido porque sua palavra fere o orgulho coletivo.

Ele é como o guardião que anuncia a queda do Templo enquanto muitos ainda acreditam na solidez de suas pedras, e que, por isso, é rejeitado e perseguido.

Sua fidelidade não está em convencer, mas em permanecer fiel àquilo que lhe foi confiado, ainda que custe tudo.

No espírito dos Graus Crípticos, Jeremias nos lembra que o segredo não é somente um conhecimento reservado, mas também um fardo.

Ele carrega em silêncio a visão que ninguém quer escutar, e suas lágrimas são o testemunho de que a verdade pesa.

Ao mesmo tempo, é ele quem aponta para a necessidade de preservar o essencial em meio à destruição, pois enquanto as muralhas caem, a palavra da aliança permanece, e enquanto o Templo arde, o coração pode tornar-se o novo altar.

Jeremias não pereceu glorioso, não foi recebido como herói, terminou sua vida provavelmente no Egito, levado à força pelos fugitivos após o assassinato de Gedelias.

Pereceu distante da terra prometida, sem ver a restauração, sem aplausos, somente com a certeza de que havia sido fiel à missão.

Essa imagem é poderosa, porque mostra que a grandeza não está na vitória visível, mas na perseverança silenciosa.



Ele é o profeta que ensinou que mesmo quando tudo é perdido, ainda resta a fidelidade, e que a fidelidade é por si a vitória.

O maçom que desce às câmaras secretas pode encontrar em Jeremias um companheiro espiritual.

Sua vida nos ensina que guardar o segredo exige lágrimas, que preservar a verdade pode custar a rejeição e que anunciar a ruína pode ser tão sagrado quanto proclamar a esperança.

Jeremias é o profeta que carrega a chave da transição, entre a queda e a reconstrução, entre o antigo e o novo, entre a lei gravada em pedra e a lei inscrita no coração.

Ele nos ensina também a importância da interioridade. Enquanto outros profetas falavam de sinais exteriores, Jeremias aponta para o coração como lugar do encontro com Deus.

Essa mudança é fundamental para compreender que o verdadeiro templo não se perde, porque não está em muros, mas na consciência.

A Nova Aliança prometida por ele não se constrói com pedras, mas com vidas, não se mede por ritos externos, mas pela transformação interior.

Assim, Jeremias é, ao mesmo tempo, o profeta das lágrimas e o profeta da esperança, o homem que anuncia a destruição e o homem que planta a promessa.

Ele é figura central no simbolismo Críptico por sua palavra ser como a cripta, espaço de dor e de silêncio, mas também lugar onde o tesouro é guardado até o momento da revelação.

“Jeremias chorou não somente pela cidade, mas pelo silêncio de Deus, sendo mais doloroso do que a própria ruína das muralhas.”

(Johann Gottfried Eichhorn, Fragmente zur Geschichte der Propheten, 1783)

“No livro das Lamentações, cada verso é como uma pedra caída do Templo, e o choro que ecoa entre elas é o verdadeiro altar erguido no exílio.”

(Franz Delitzsch, manuscrito de conferências sobre o Antigo Testamento, 1859)

“O fardo de Jeremias não foi falar, mas continuar falando quando ninguém mais queria ouvir, e esse é o maior peso do segredo.”

(Hugo Grotius, comentário marginal em códice hebraico, 1625)



NABUCODONOSOR II

Entre os grandes monarcas do mundo antigo, poucos alcançaram a dimensão simbólica de Nabucodonosor II, rei da Babilônia, cuja sombra atravessa não somente os registros da história, mas também os textos sagrados e o imaginário espiritual de povos que nunca o conheceram diretamente.

Filho de Nabopolassar, herdeiro de uma dinastia que restaurou a glória babilônica após séculos de domínio assírio, Nabucodonosor ergueu-se como um soberano que foi, ao mesmo tempo, construtor e destruidor, edificador de muralhas e palácios, mas também demolidor de templos e tronos.

Seu reinado se estendeu de 605 a 562 a.C., quase meio século de poder absoluto, durante o qual consolidou o império mais temido de sua época.

Militar brilhante, esmagou os egípcios em Carquemis, expandiu o domínio sobre vastas regiões da Mesopotâmia, Síria e Palestina, e fez da Babilônia a cidade mais esplêndida de seu tempo, adornando-a com jardins suspensos, palácios imponentes e muralhas tão grandiosas que se tornaram lendárias.

Seu nome evoca tanto o esplendor de uma civilização como o terror que acompanhava sua marcha.

Para Jerusalém, Nabucodonosor é lembrado como o algoz, o rei que veio três vezes contra a cidade, levando em ondas sucessivas seus habitantes ao exílio. Em 605, levou jovens da linhagem real, entre eles Daniel, para servirem em sua corte.

Em 597, deportou dez mil entre príncipes, guerreiros e artífices, levando junto o rei Joaquim. E finalmente, em 586, após dois anos de cerco contra Zedequias, destruiu as muralhas, incendiou o Templo de Salomão e reduziu a cidade santa a escombros.

O povo foi levado cativo e assim se cumpriram as palavras dos profetas, que há décadas advertiam sobre o juízo inevitável.

No entanto, a figura de Nabucodonosor não pode ser reduzida somente ao papel de carrasco. Ele é mais do que o inimigo histórico, é também um personagem que revela a complexidade do destino.

Os textos bíblicos não o apresentam simplesmente como tirano, mas como instrumento de Deus, usado para disciplinar o povo de Judá.

Jeremias o chama de “meu servo”, não porque fosse justo, mas porque sua espada era a vara do juízo divino.

Esse paradoxo é profundo, ao mostrar que até o rei estrangeiro, pagão e idólatra, pode ser instrumento do plano maior.

Além disso, o próprio Nabucodonosor é retratado nas Escrituras como um homem que presenciou experiências espirituais desconcertantes.

No livro de Daniel, ele é o destinatário de sonhos grandiosos e perturbadores. Primeiro, vê uma estátua de metais diversos, símbolo dos impérios que se sucederiam até que uma pedra, desprendida sem mão humana, a destrói, inaugurando um reino eterno.

Depois, contempla uma árvore magnífica que se ergue até os céus, mas é cortada, deixando somente o toco preso na terra, imagem de sua própria humilhação.

Essas visões revelam um rei cuja grandeza não o protege do mistério, mas ao contrário, o expõe a ele.

Do ponto de vista histórico, a Babilônia de Nabucodonosor foi o ápice da civilização mesopotâmica.

Ele ampliou o Etemenanki, a grande zigurate, que mais tarde a tradição associaria à Torre de Babel.

Reconstruiu templos, fortaleceu muralhas, organizou sistemas de irrigação, ergueu portões monumentais como o de Ishtar, cuja beleza ainda hoje pode ser contemplada em museus.

Era um rei que compreendia o poder da arquitetura e da arte como instrumentos de domínio, mas também como sinais de transcendência.

Por isso, para o olhar simbólico, Nabucodonosor não é somente o destruidor de um templo, mas também o construtor de outro mundo, no qual a humanidade se vê diante de sua própria soberba.

Nos Graus Crípticos, sua figura ocupa lugar central porque sem ele não haveria ruína, sem a ruína não haveria cripta, sem a cripta não haveria segredo.

Nabucodonosor é o rei que força o povo a abandonar a superfície e a descobrir no subterrâneo a chave de sua continuidade.



Sua violência abre espaço para a preservação do tesouro oculto, pois quando o exterior se perde, resta guardar o interior.

Ele é, portanto, ao mesmo tempo, inimigo e aliado, verdugo e guardião involuntário, destruidor e parte do caminho para a reconstrução.

Para o iniciado, ele é símbolo daquilo que se ergue com soberba, sendo abatido, mas também daquilo que, mesmo sem compreender, serve ao propósito do Altíssimo.

Ele ensina que a destruição, quando vista em sua profundidade, é também revelação, e que o segredo só se torna necessário porque houve antes a catástrofe que fez do segredo uma questão de sobrevivência.

Se Salomão representa a construção do Templo e a glória da sabedoria, Nabucodonosor representa a queda e a loucura seguintes ao orgulho. Ambos são reis, mas um edifica enquanto o outro destrói, e juntos completam o ciclo da edificação, queda e reconstrução.

O maçom que adentra nas criptas encontra em Nabucodonosor a lembrança de que a soberba humana é passageira, mas também a certeza de que até os reis que parecem mais distantes são servos do desígnio divino.

No coração do simbolismo Críptico, ele é a lembrança de que para descer à cripta é preciso que alguém primeiro derrube as muralhas e queime o altar. Ele é o rei que cumpre a função de destruidor, sem a qual não haveria o segredo a ser guardado.

Nabucodonosor, com seus jardins suspensos e sua loucura nos campos, com suas vitórias militares e suas visões proféticas, com seu orgulho e sua humilhação, é o rei que nos ensina que mesmo o mais poderoso precisa se curvar diante do Mistério, e que toda glória humana é somente reflexo temporário de uma soberania maior.

“Nabucodonosor destruiu Jerusalém, mas construiu em nós a lembrança de que nenhuma cidade é eterna, e que o verdadeiro templo não pode ser queimado.” (Johann Georg Rosenmüller, Notae in Prophetas Majores, 1793)

“Quando Nabucodonosor incendiou o templo, ele não sabia que somente acendia a chama que arderia para sempre na alma do exilado.” (Richard Simon, Histoires critiques du Vieux Testament, 1682)



NEBUSARADAN

Entre as figuras que se erguem no cenário da queda de Jerusalém, nenhuma encarna com tanta clareza o papel de executor quanto Nebusaradan, comandante das tropas de Nabucodonosor e oficial responsável por colocar em prática o que os profetas já anunciavam havia décadas.

Seu nome surge no livro dos Reis e de Jeremias como aquele que não somente cercou, mas também invadiu, incendiou e desmantelou a cidade santa, cumprindo a sentença de destruição com precisão militar.

Se Nabucodonosor é a mente e o decreto, Nebusaradan é a espada e a ação, e sem ele a profecia teria permanecido como palavra e não se tornaria história.

Sua função histórica é brutal, foi ele quem ordenou que o Templo de Salomão fosse incendiado, que as muralhas fossem derrubadas, que as casas fossem saqueadas, que os utensílios sagrados fossem levados para a Babilônia.

Também foi ele quem supervisionou a deportação de parte do povo, conduzindo sacerdotes, nobres e artesãos para o exílio, deixando somente os mais pobres para trabalharem a terra.

O texto bíblico menciona que Nebusaradan matou os principais oficiais do reino em Ribla, completando assim o ciclo de destruição da liderança política, militar e espiritual de Judá.

No entanto, sua figura é paradoxal, em meio à violência de suas ações, o livro de Jeremias o apresenta como alguém que respeitou o profeta, libertando-o das correntes e oferecendo-lhe escolha entre ir para a Babilônia ou permanecer com os pobres da terra.

Esse detalhe abre uma brecha de humanidade no meio do cenário devastador, como se a mão do executor pudesse também reconhecer a inocência do verdadeiro servo de Deus.

Nebusaradan é o general que queima o Templo, mas é também o homem que liberta o profeta, o mesmo braço que destrói as pedras, reconhece o valor de quem guarda a Palavra.

Essa ambiguidade o torna especialmente interessante para a leitura simbólica.

Ele é o instrumento do destino, e como tal não atua segundo sua própria vontade, mas segundo o desígnio que lhe é superior.

A profecia já havia declarado que Jerusalém cairia, e Nebusaradan somente cumpriu o que estava escrito. M

Na lógica críptica, isso significa que sua espada não é somente a arma do inimigo, mas também a chave que abre o subterrâneo, porque sem a sua destruição não haveria a necessidade da preservação oculta, e sem a sua violência não haveria a descoberta da profundidade.

Nebusaradan nos ensina que até o carrasco pode ser parte do plano divino, e que a destruição aparente pode ser, na verdade, o movimento necessário para a revelação posterior.

Sua figura mostra que o inimigo é muitas vezes o guardião involuntário do segredo, porque ao devastar a superfície, ele obriga que o tesouro seja ocultado na cripta, onde nenhuma espada pode alcançá-lo.

Assim, ele não é somente o general da Babilônia, mas também o guardião da Palavra preservada.

A tradição maçônica pode encontrar nele o símbolo do executor do inevitável.

Ele representa a mão que desce o malho sobre a pedra, não para criar, mas para destruir, e mesmo assim o resultado é a preparação de um espaço vazio que poderá ser reconstruído.

Seu gesto de incendiar o Templo é o negativo da ação do pedreiro, mas ambos são complementares, porque tanto o construtor como o destruidor trabalham na lógica do destino.

Sem a demolição, não haveria reconstrução, e sem o fogo, não haveria cinza a partir da qual a chama poderia renascer.

O iniciado que contempla Nebusaradan percebe que muitas vezes é preciso enfrentar a ruína e a violência do mundo para entender que o que é essencial não pode ser destruído.

Os utensílios do Templo foram levados, mas o segredo permaneceu.

As muralhas foram derrubadas, mas a Palavra não se perdeu.

O profeta foi acorrentado, mas a verdade que carregava foi reconhecida até pelo inimigo.

Nebusaradan é, portanto, a prova de que a história se faz também por aqueles que parecem somente instrumentos do mal, mas que, no fundo, cumprem um papel necessário para o mistério ser preservado.

Ele desaparece da história após cumprir sua missão, como se sua figura fosse somente sombra passageira, surgindo no momento exato em que o destino precisava de uma mão forte e desaparecendo logo após.

Não deixou palácios, não deixou livros, não deixou descendentes ilustres, mas sua memória permanece porque foi ele quem executou a queda.

É uma presença breve e definitiva, como o golpe que apaga uma chama para que outra possa ser acesa em tempo oportuno.

“Nebusaradan não construiu muralhas, mas seu golpe foi tão necessário quanto a pedra do arquiteto, porque a ruína abre espaço para a reconstrução.” (Johann Jahn, Hebräische Alterthümer, 1805)



PASUR

Entre as figuras que cercam a tragédia da queda de Jerusalém, Pasur ocupa um lugar peculiar, porque não é um estrangeiro nem um invasor, mas sacerdote da própria cidade, alguém que deveria ser guardião da lei e intérprete da tradição, mas que se coloca contra o profeta verdadeiro.

Sua presença nos textos de Jeremias é breve, mas decisiva, ao mostrar que a destruição de Judá não veio somente de fora, mas também da incapacidade interna de ouvir a verdade quando ela foi proclamada.

Pasur, filho de Imer, era sacerdote e provavelmente ocupava posição de autoridade junto aos conselhos do Templo.

Quando Jeremias anunciou publicamente que a cidade seria entregue à Babilônia e a ruína era inevitável, Pasur não suportou a mensagem.

Vendo nela não somente ameaça à ordem estabelecida, mas também afronta à sua posição, ele mandou açoitar Jeremias e o colocou no tronco, em um dos portões do Templo, para que fosse exposto ao ridículo diante de todos.

A violência de Pasur não foi somente física, foi simbólica, pois colocar o profeta na porta do Templo significava calar sua voz justamente no lugar onde deveria ecoar a palavra de Deus.

Esse gesto nos mostra a profundidade do conflito espiritual da época.

O povo acreditava que o Templo era garantia de proteção, e qualquer palavra que sugerisse o contrário soava como blasfêmia. Pasur, como sacerdote, representava essa confiança cega nas pedras e nos rituais, enquanto Jeremias representava a fidelidade à voz de Deus que ultrapassava o culto e exigia conversão de vida.

Ao calar o profeta, Pasur acreditava estar defendendo a santidade, mas, na verdade, estava se colocando contra o próprio Senhor.

Jeremias, porém, não se calou e, após ser liberto, anunciou a Pasur um oráculo duro e terrível.

Mudou seu nome para Magor-Missabib, expressão que significa “terror por todos os lados”, e declarou que ele seria levado cativo para a Babilônia com sua casa e pereceria em terra estrangeira.

A ironia é amarga, aquele que pensava proteger a cidade seria ele próprio arrastado para o exílio, e aquele que tentou silenciar a voz do profeta se tornaria exemplo de vergonha e terror.

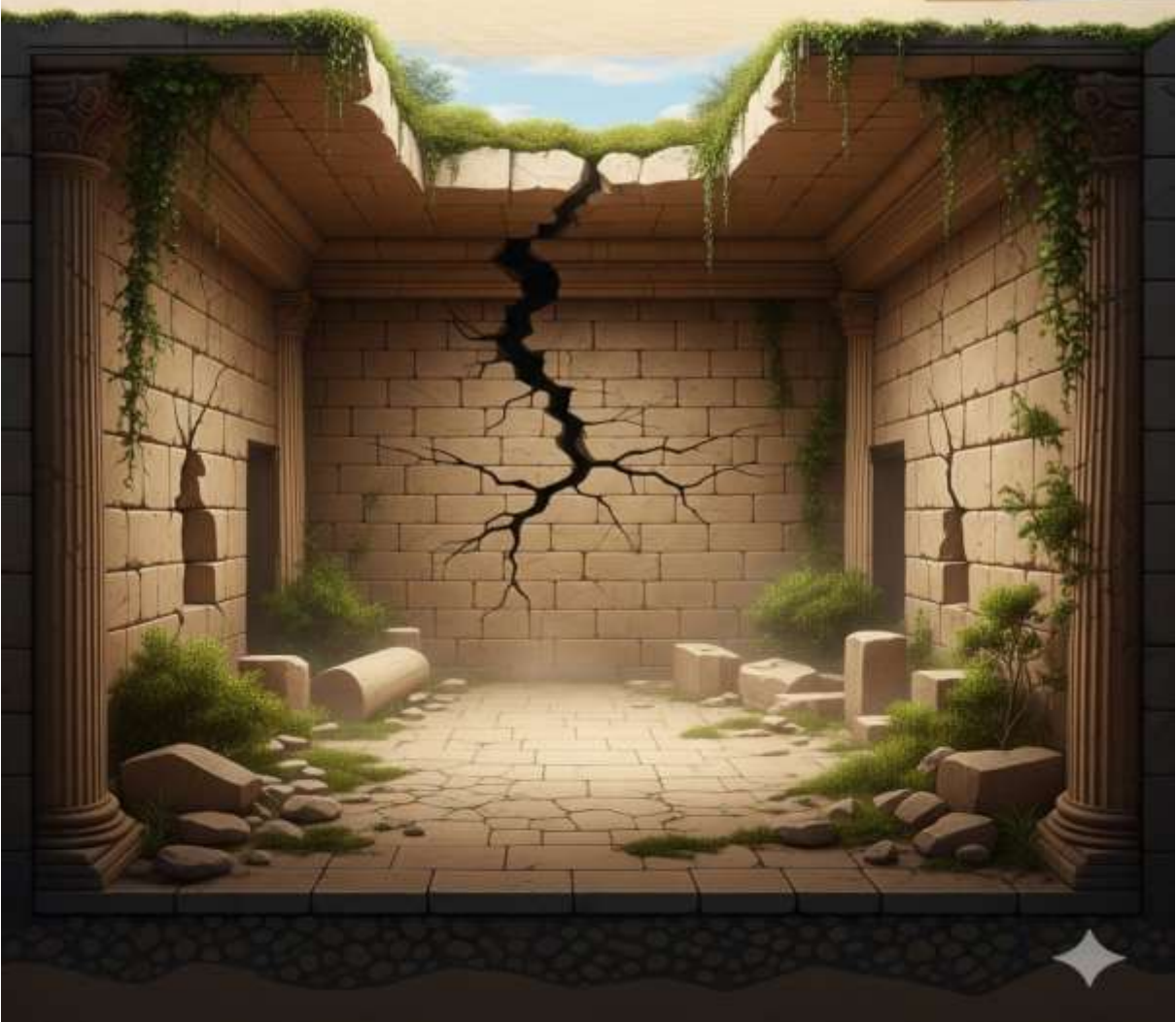
Pasur encarna, portanto, a figura do conselheiro cego, que confunde tradição com segurança, que prefere a aparência do culto ao peso da obediência interior.

Sua violência contra Jeremias mostra como os inimigos mais perigosos da verdade não são somente os externos, mas também os internos, aqueles que se vestem de piedade, mas não reconhecem o sagrado quando este se manifesta fora de suas expectativas.

Na leitura simbólica, Pasur é o conselheiro da superfície, aquele que mantém a aparência de ordem, mas rejeita a profundidade do mistério.

Ele é o oposto do espírito Críptico, porque se contenta com a solidez visível do Templo e não entende que o verdadeiro segredo está escondido no subterrâneo, naquilo que nem mesmo os sacerdotes dominam.

Quando açoita Jeremias, ele açoita a própria verdade, e quando expõe o profeta à vergonha, revela somente sua própria incapacidade de ouvir.



A maçonaria críptica pode encontrar nele a advertência contra a tentação de confundir formas externas com essência, de acreditar que o que é visível e institucional é suficiente.

Pasur é a lembrança de que a fidelidade exige mais do que rito e cargo, exige abertura ao mistério, mesmo quando este se apresenta em palavras duras e inesperadas. Sua queda no exílio mostra que ninguém se protege somente com títulos ou funções, e que o verdadeiro guardião não é o que silencia o profeta, mas o que escuta o que a profecia anuncia.

Pasur é também um espelho de nós mesmos, porque todos carregamos em nós a tentação de rejeitar as verdades que nos incomodam, de calar as vozes que nos ferem, de preferir o conforto da superfície ao desafio do subterrâneo.

Ele nos mostra que a ruína começa dentro antes de chegar de fora, e que quando a cidade caiu foi porque já havia caído no coração de seus conselheiros e sacerdotes.

“Pasur acreditava guardar o Templo, mas, na verdade, somente guardava seu próprio nome, e o nome caiu com ele.” (Johann Heinrich Hottinger, Observationes Biblicae, 1659)

ZEFANIAS



ZEFANIAS

Entre as sombras que antecederam a queda de Jerusalém, encontramos a figura de Zefanias, filho de Maaseias, mencionado como sacerdote e príncipe que servia no templo durante os dias finais de Judá.

Sua posição era de autoridade e proximidade tanto com o santuário quanto com a casa real, o que o colocava em contato direto com as palavras duras de Jeremias, que anunciavam a destruição inevitável.

O nome Zefanias significa “o Senhor esconde” ou “o Senhor protege”, e isso por si só já contém uma ironia trágica, pois aquele que trazia em si esse nome não conseguiu proteger nem a cidade, nem a si do destino que se aproximava.

Nos registros bíblicos, Zefanias aparece como intermediário entre os reis e o profeta.

Foi ele quem, em certas ocasiões, transmitiu mensagens de Jeremias aos governantes, solicitando orações ou buscando respostas em meio ao cerco babilônico.

No entanto, esse mesmo Zefanias também foi figura de fraqueza e ambiguidade, porque se deixava levar pelos conselhos dos príncipes que rejeitavam a palavra profética.

Não é lembrado como opositor declarado, como Pasur, mas como alguém preso às conveniências do momento, tentando equilibrar sua lealdade ao templo com as pressões da corte, e nesse equilíbrio acabou se tornando mais espectador do que guardião.

Durante o cerco de Nabucodonosor, Zefanias aparece entre aqueles que receberam ordens de vigiar Jeremias, chegando a permitir que o profeta fosse preso como se fosse traidor.

Essa postura mostra que, embora não fosse dos mais violentos, ainda assim cedeu à lógica da maioria, preferindo a prudência política ao risco de defender o profeta contra os interesses dos príncipes.

Sua vida reflete tantos líderes que, diante da verdade dura e desconfortável, escolhem a neutralidade que, no fim, se torna cumplicidade.

A tragédia se consuma quando a cidade cai.

Jeremias já havia anunciado que nem sacerdotes, nem príncipes seriam poupados, e de fato Zefanias é levado prisioneiro até Ribla, onde Nabucodonosor estabelecia seu tribunal.

Ali, ele é executado com outros chefes de Judá, selando sua história com sangue e mostrando que a neutralidade diante da verdade não salva ninguém do juízo.

O homem cujo nome significava “o Senhor protege” perece em mãos estrangeiras, como sinal de que a proteção divina não se garante por títulos, mas por fidelidade ao mistério.

Na leitura simbólica, Zefanias é o príncipe da indecisão. Não é o rebelde aberto, mas o cúmplice silencioso.

Ele representa aqueles que conhecem a palavra verdadeira, mas não têm coragem de defendê-la contra a pressão do poder.

Sua presença nas narrativas mostra que a ruína de Jerusalém não veio somente da violência dos inimigos, mas também da incapacidade de seus líderes internos de sustentar a verdade.

O templo foi incendiado não somente pela espada da Babilônia, mas pela covardia dos que deveriam ter sustentado a chama.

Para o iniciado, Zefanias é um espelho daquilo que pode acontecer quando a fidelidade não é completa.

Guardar o segredo exige coragem e risco, e quem se mantém somente na superfície acaba perdendo a essência. Sua vida é advertência contra a tentação de se apoiar no título, no cargo ou no nome, como se isso fosse suficiente para garantir proteção.

Ele nos mostra que o Senhor esconde, mas esconde somente os fiéis, e que o segredo não é preservado por quem o teme, mas por quem o defende.

Na tradição críptica, Zefanias pode ser compreendido como um personagem que encarna o silêncio ambíguo, aquele que está próximo do segredo, mas não mergulha nele.

Ele caminha ao redor do santo dos santos, mas não entra na cripta.

Sua morte em Ribla é simbólica, o tribunal estrangeiro julga não somente os culpados, mas também os neutros, porque diante do destino não há espaço para a indecisão.

Zefanias, o príncipe, não deixou palavras, não deixou atos heroicos, não deixou legado além de seu nome contraditório.

Mas talvez por isso mesmo sua figura seja importante.

Ele nos lembra que não é suficiente estar no templo, é preciso ouvir a voz do Altíssimo.

Não é suficiente ter posição, é preciso ter coragem.

Não é suficiente carregar um nome que significa proteção, é preciso viver de modo a ser realmente protegido.

Sua vida é uma advertência silenciosa de que o segredo não pode ser guardado pelos neutros, mas somente pelos fiéis.

“Zefanias tinha o nome da proteção, mas não o coração da fidelidade, e por isso o nome não o salvou.” (Johann Rosenmüller, Commentarius in Jeremiam, 1791)



SERAÍAS

Nos dias em que Jerusalém caiu diante das forças de Nabucodonosor, entre as figuras levadas ao tribunal de Ribla estava Seraías, o sumo sacerdote, herdeiro da linhagem de Aarão e guardião do Santo dos Santos.

Seu nome, que significa “o Senhor prevalece”, ressoa como paradoxo, pois o sacerdote de maior dignidade foi arrastado em correntes, acusado diante de um rei estrangeiro e morto longe do altar que servira.

A história de Seraías é, ao mesmo tempo, a história do fim do sacerdócio centralizado em Sião e o símbolo de como até o mais sagrado pode ser profanado quando a fidelidade do povo se rompe.

Pouco sabemos de sua vida pessoal, mas sua morte é relatada nos livros dos Reis e de Jeremias como parte da tragédia final.

Quando as muralhas caíram e o Templo foi incendiado, os babilônios capturaram Seraías, com Sofonias, segundo sacerdote, e outros oficiais. Todos foram levados diante de Nabucodonosor em Ribla, no território de Hamate, e ali executados.

Não houve julgamento detalhado, nem defesa, somente a sentença sumária de quem via na destruição do culto de Israel uma demonstração de poder absoluto.

O altar fora derrubado, os utensílios sagrados levados, e o sumo sacerdote, que outrora entrara uma vez por ano no Santo dos Santos para rogar pelo povo, tombou pela espada em terra estrangeira.

O impacto desse evento não pode ser medido somente em termos históricos.

Para o imaginário de Israel, a morte do sumo sacerdote não foi somente a queda de um líder, mas o colapso do elo entre céu e terra.

Seraías representava o vínculo entre o povo e Deus, aquele que oferecia sacrifício pelo pecado de toda a nação.

Sua morte significava que o Templo não era mais o lugar do encontro, que a intercessão havia sido silenciada, que o coração do culto havia parado de pulsar.

Não se tratava somente de perder a cidade ou o trono, mas de perder a mediação do sagrado.

Na leitura simbólica, Seraías é o guardião que cai, não por infidelidade pessoal, mas porque a comunidade todo já havia quebrado a aliança.

Ele não é lembrado como traidor ou rebelde, mas como vítima de um destino coletivo.

Sua morte é o sinal de que, quando o povo se afasta, até o sumo sacerdote é levado ao cativeiro.

No entanto, seu nome preserva um eco de esperança, ao significar “o Senhor prevalece”.

Essa contradição sugere que, mesmo na derrota, mesmo na morte do guardião do altar, a presença divina não se perde.

O homem pode tombar, mas o Senhor permanece.

Para a tradição iniciática, Seraías encarna a ideia de que até o mais alto ofício pode ser atingido pela espada do mundo quando falta fidelidade espiritual.

Ele nos lembra que nenhum título protege, que nenhuma função garante salvação, e que a verdadeira preservação do mistério não está no ofício exterior, mas na fidelidade interior.

Sua morte em Ribla é o símbolo de que o sacerdócio visível caiu, mas também o sinal de que algo precisava ser preservado de forma invisível, nas criptas do coração e da memória.

O iniciado que contempla Seraías deve enxergá-lo não somente como vítima, mas como ponte.

Ele representa o ponto de ruptura entre o sacerdócio de pedra e o sacerdócio interior, entre o altar visível e o segredo oculto.

Quando o sumo sacerdote cai, o mistério se recolhe para dentro, escondendo-se até o tempo oportuno.

Assim, Seraías é lembrança de que mesmo quando o guardião cai, o tesouro não se perde, porque já foi escondido em lugar onde nenhuma espada alcança.

Sua história ecoa nos Graus Crípticos como advertência e como promessa.

Advertência, porque mostra que o que é sagrado pode ser profanado quando a fidelidade se perde.

Promessa, porque sugere que, mesmo diante da morte do sumo sacerdote, o Senhor prevalece e o segredo é preservado em silêncio, aguardando o tempo da reconstrução.

“A morte do sumo sacerdote não é somente o fim de um homem, mas o eclipse de uma era, porque quando o guardião cai, o altar se torna ruína.” (Johann Jahn, *Biblische Theologie*, 1802)

“Seraías tombou em Ribla, mas o seu nome foi semente, porque quem confessa que o Senhor prevalece guarda em si a raiz da esperança.” (Cornelius Bertram, *manuscrito hebraico*, 1611)



SISSINA

Entre os que caíram quando Jerusalém foi destruída, encontramos Sissina, capitão da guarda, uma figura que carregava em si a responsabilidade de proteger o rei, o Templo e a cidade.

Seu nome aparece nas listas daqueles levados diante de Nabucodonosor em Ribla, onde foram executados como representantes de um poder que terminara.

Ele não era rei, nem sacerdote, nem profeta, mas estava no ponto onde a força militar e a proteção da ordem se encontravam, simbolizando a presença da autoridade visível.

O capitão da guarda tinha papel fundamental na estrutura do reino.

Não somente era comandante militar, mas também guardião do palácio, dos portões e do Santo dos Santos, assegurando que os espaços sagrados e políticos fossem preservados.

Em Sissina, vemos a figura do defensor da superfície, o homem que sustenta as muralhas e mantém a ordem visível.

Mas no tempo de Zedequias, essa função já estava esvaziada, porque nenhuma guarda humana poderia deter o destino que se aproximava.

Quando a Babilônia cercou Jerusalém, a força de Sissina e de seus homens se mostrou insuficiente diante do peso da sentença profética.

O cerco prolongado, a fome, as divisões internas, tudo isso corroeu o poder de defesa da cidade.

Mesmo o capitão mais fiel não podia salvar um povo que havia quebrado sua aliança.

Assim, Sissina caiu não por covardia ou traição, mas porque sua função não tinha mais sentido diante do juízo decretado.

Ele representa o limite da força humana, o momento em que o braço armado descobre que não pode sustentar aquilo que já foi entregue às mãos do destino.

Sua morte em Ribla, com sacerdotes e príncipes, mostra que a destruição de Jerusalém foi total.

O rei foi humilhado, o sacerdote foi morto, os príncipes foram executados e até o capitão da guarda foi abatido.

Nenhuma das colunas que sustentavam o reino permaneceu em pé. O poder político, o sacerdócio e a força militar foram igualmente levados ao tribunal estrangeiro e ali encerrados em sangue.

Na leitura simbólica, Sissina é o guardião derrotado, o homem que defendeu a superfície até o fim, mas que não conheceu o segredo guardado na cripta.

Ele é lembrança de que a guarda das muralhas é vã quando falta a guarda do coração.

Representa todos os que se dedicam à defesa exterior sem perceber que o verdadeiro perigo não está nas armas do inimigo, mas na infidelidade interior.

No entanto, sua figura também pode ser lida como símbolo da fidelidade silenciosa.

O capitão da guarda não abandona sua função, não trai, não foge.

Ele cai com a cidade, perece com seus Irmãos e nisso mostra a grandeza de quem permanece em seu posto até o fim.

A fidelidade de Sissina não foi suficiente para salvar Jerusalém, mas foi suficiente para selar sua própria honra.

O iniciado que olha para ele encontra a lição de que a fidelidade não garante vitória exterior, mas guarda a dignidade interior.

No espírito dos Graus Crípticos, Sissina é uma chave interpretativa.

Ele mostra que o segredo não está nas muralhas, mas no subterrâneo.

A função de guardar as portas é necessária, mas quando as portas se abrem à ruína, resta somente o segredo guardado na cripta, que nem o general babilônico conseguiu alcançar.

Assim, Sissina nos ensina que até o guardião mais leal deve compreender que existe um nível mais profundo de guarda, aquele que se dá no coração e no mistério.

Ele desaparece da história depois de Ribla, como tantos outros, seu nome não ressoa como o dos profetas ou reis, mas ainda assim é preservado, e essa preservação já é sinal de que sua memória carrega valor.

Ele é lembrança de que até os que parecem secundários fazem parte do drama do destino, e que sem os guardiões a cidade teria caído antes.

Sissina simboliza a última resistência, o último bastião da ordem, e, ao mesmo tempo, a certeza de que nenhum bastião resiste sem fundamento espiritual.

“A guarda de Jerusalém caiu não porque faltasse coragem, mas porque faltava fidelidade ao invisível, e o capitão tombou com a mesma dignidade com que sustentara os portões.” (Johann Heinrich Hottinger, *Thesaurus Philologicus*, 1667)

“Sissina foi sombra de um reino já condenado, porque mesmo a espada mais fiel não sustenta um templo vazio.” (Samuel Bochart, *manuscrito hebraico*, 1643)



ARTABÃ

A história da queda de Jerusalém é marcada por nomes que ecoam nos livros sagrados com peso trágico, reis, sacerdotes, profetas e generais, mas entre eles havia também os nomes menores, como o de Artabã, tenente da guarda, lembrado nas listas de prisioneiros levados a Ribla.

Seu ofício não lhe deu fama nem poesia, mas sua presença foi registrada porque, na hora do julgamento, o destino não distinguiu grandes ou pequenos, todos foram colocados diante do rei da Babilônia e todos conheceram a mesma espada.

Como tenente, Artabã representava a disciplina e a estrutura invisível da guarda real.

Se o capitão como Sissina tinha a função de sustentar o comando, o tenente assegurava que a ordem fosse cumprida, que os homens permanecessem nos portões, que as muralhas fossem vigiadas e que o palácio mantivesse sua dignidade mesmo em dias de fome e medo.

Sua função era mais prática que política, mais de serviço do que de honra, mas não por isso menos essencial.

É nessa figura menor que encontramos a lição do oculto, o segredo muitas vezes se preserva não somente pelos grandes nomes, mas pelo silêncio e pela fidelidade daqueles que cumprem seu dever sem glória.

Quando Jerusalém caiu, Artabã foi levado como parte da liderança militar que sustentava a cidade.

Sua morte em Ribla mostra que até os auxiliares da guarda eram considerados responsáveis pela resistência, como se cada um deles fosse cúmplice da cidade que se recusara a se render ao império.

O rei babilônico não queria somente subjugar os líderes maiores, mas apagar todo o círculo de defesa que cercava o trono e o altar.

Dessa forma, o tenente da guarda se torna símbolo de que a ruína não poupa sequer os que agiam em funções secundárias.

No entanto, Artabã pode ser visto também como emblema da fidelidade até o fim.

Não fugiu, não desertou, não se entregou por medo. Permaneceu em seu posto até que fosse vencido pela força estrangeira.

Assim, sua figura, ainda que apagada nos relatos, pode ser recuperada como lembrança da grandeza silenciosa, da coragem que não busca reconhecimento, da disciplina que se mantém mesmo quando o destino já parece selado.

Ele é o guardião que não tem voz, mas cuja presença sustenta o corpo coletivo da defesa.

Para a tradição simbólica, Artabã é uma chave importante.

Ele mostra que o segredo não é guardado somente pelos sacerdotes e reis, mas também pelos auxiliares, pelos que cumprem funções discretas, pelos que vigiam nas sombras.

No mundo Críptico, onde o que importa é a preservação do essencial em meio à ruína, Artabã representa todos os que mantêm o vigiar e o guardar mesmo sem compreender toda a extensão do mistério.

Ele é o tenente da fidelidade, lembrança de que a ordem visível não se sustenta sem a lealdade invisível de quem permanece firme nas pequenas coisas.

Sua morte em Ribla, lado a lado com sacerdotes e capitães, mostra que o destino é comum.



Quando chega a hora do juízo, não há diferença entre grandes e pequenos, todos são colocados diante da mesma sentença.

O iniciado que contempla Artabã deve enxergá-lo como símbolo da obediência silenciosa, da dignidade discreta e do testemunho oculto.

“A fidelidade do tenente da guarda é mais preciosa do que a coroa do rei, porque sem ela nenhuma muralha permanece de pé.” (*Johann Buxtorf, Notae Hebraicae, 1648*)

“Artabã não deixou palavras, mas deixou exemplo, porque até o menor posto tem seu peso no destino de uma nação.” (*Cornelius Bertram, 1609*)



O SENTINELA E O TROMBETEIRO

Nos últimos dias de Jerusalém, quando as muralhas já estavam marcadas pelas máquinas de guerra babilônicas e a fome consumia os habitantes, ainda permaneciam em seus postos o Sentinela e o Trombeteiro da corte de Zedequias.

O primeiro mantinha-se ereto sobre as torres, olhos fixos no horizonte, atento à aproximação inimiga ou de qualquer sinal de salvação, o segundo segurava o instrumento que dava voz ao que se via, fazendo ressoar pelas ruas da cidade o chamado às armas, a convocação à assembleia ou o anúncio do perigo.

O Sentinela representa a vigília, a disciplina de permanecer de pé mesmo quando nada parece acontecer. Seu trabalho exige silêncio, paciência e resistência, pois a maioria do tempo consiste em olhar para o vazio. No entanto, no momento decisivo, é dele que depende a vida da cidade, porque sua visão é o primeiro alarme.

Em Jerusalém, nos dias de Zedequias, essa função tinha um peso ainda maior, pois os profetas já haviam anunciado que a ruína viria do norte, e cada sombra que surgia no horizonte podia ser o cumprimento da profecia.

O Sentinela via não somente inimigos, mas também a aproximação do destino.

O Trombeteiro, por sua vez, é aquele que transforma a visão em som, o silêncio da vigília em anúncio.

O toque da trombeta é sinal de guerra, mas também de reunião e de culto. É o som que desperta os adormecidos, que reúne os dispersos, que faz ecoar no coração de cada homem a certeza de que algo maior está acontecendo.

No tempo de Zedequias, o trombeteiro não tocava somente para convocar os guerreiros, mas para marcar a entrada do rei, para acompanhar as liturgias no templo e, sobretudo, para anunciar a última defesa da cidade santa.

Na leitura simbólica, o Sentinela é o guardião do olhar e o Trombeteiro é o guardião da voz.

Um vigia a superfície, o outro anuncia. Juntos, formam a imagem do que sustenta a comunidade, visão e palavra. Mas na corte de Zedequias, ambos se tornam tragicamente inúteis, porque nada podia ser evitado e nada podia ser calado.

O Sentinela via os exércitos inimigos, mas não podia detê-los.

O Trombeteiro soava sua trombeta, mas o som já não reunia um povo dividido e faminto.

Para o iniciado, essas duas figuras são lições crípticas.

O Sentinela ensina a disciplina da vigilância interior, o hábito de observar os sinais antes que se tornem ruína, e o Trombeteiro ensina a coragem de dar voz ao que se vê, mesmo que a mensagem seja de destruição.

Ambos são guardiões de segredos, o primeiro guarda os segredos do horizonte, o segundo guarda os segredos do som. Em Jerusalém, eles marcaram a queda do reino, mas no caminho simbólico marcam o chamado à consciência e à palavra que desperta.

“O Sentinela vê o que ninguém vê, mas sua visão é inútil se não houver quem desperte o povo com a trombeta.”
(Johann Buxtorf, *Observationes Hebraicae*, 1650)

“A trombeta não cria o perigo, somente o anuncia, mas muitos preferem odiar o som em vez de vigiar o horizonte.”
(Cornelius Bertram, 1614)

NO



EAST



WEST



OS QUATRO SÁTRAPAS

Os sátrapas surgem na narrativa bíblica como figuras que encarnam a organização administrativa dos impérios do oriente, especialmente no contexto da Babilônia e depois da Pérsia, quando o poder central dos reis precisava ser estendido sobre vastas terras e povos de diferentes línguas e costumes.

Cada sátrapa era governador de uma província, revestido de autoridade para cobrar tributos, manter a ordem, aplicar a justiça e garantir que a fidelidade ao trono central não fosse abalada por revoltas locais.

Quando a Escritura menciona quatro grandes sátrapas, vemos a imagem de um poder repartido em quadrantes, cada um funcionando como pilar de sustentação do império.

A função desses dignitários não era somente política, mas também simbólica.

Os quatro sátrapas representavam a extensão dos quatro pontos cardeais, a abrangência total do domínio imperial.

Assim como as rodas da visão de Ezequiel giravam em todas as direções, também o rei buscava assegurar que seu poder se expandisse para o norte, sul, leste e oeste.

Os sátrapas eram braços do trono, olhos do rei, muralhas da coroa.

O império não podia estar presente em toda parte, mas os sátrapas faziam com que sua voz fosse ouvida em cada cidade e sua autoridade sentida em cada mercado.

No livro de Daniel, esses dignitários aparecem como adversários ocultos do profeta, pois sua fidelidade ao Deus único contrastava com as exigências do império.

Foram sátrapas e governadores que tramaram contra Daniel, acusando-o de desobedecer ao decreto que proibia a oração a qualquer outro que não fosse o rei.

A sua função de vigiar os súditos transformava-se também em instrumento de perseguição, e por isso a narrativa os coloca como símbolos da rigidez do poder humano diante da liberdade espiritual do justo.

Para a leitura críptica, os quatro sátrapas podem ser compreendidos como guardiões da superfície, aqueles que asseguram a ordem externa, mas não acessam o segredo.

Eles representam a administração do mundo visível, mas são cegos ao subterrâneo, e por isso podem se tornar inimigos da revelação.

No entanto, também cumprem função necessária, pois o império só se sustenta se houver vigilância, disciplina e autoridade.

O maçom que contempla os quatro sátrapas entende que eles são espelhos daquilo que governa o exterior de sua vida. São forças que administram, controlam e limitam, mas não adentram o coração do mistério. Reconhecer sua existência é também reconhecer que sempre haverá poderes que regulam o visível, mas que o verdadeiro segredo só se revela além desses limites.

“Os sátrapas estendiam o poder do rei até os confins, mas nenhum deles podia alcançar a raiz invisível que sustenta os reinos.” (Johann Michaelis, Notae in Danielelem, 1767)



O EXERCITO EGÍPCIO

Nos últimos dias do reino de Judá, quando Zedequias buscava uma saída para escapar do cerco de Nabucodonosor, uma esperança parecia surgir no horizonte.

O faraó Hofra enviou tropas egípcias para socorrer Jerusalém, e por um breve instante o cerco foi levantado.

Muitos acreditaram que a salvação havia chegado, que a antiga potência do Nilo conseguiria derrotar os exércitos da Babilônia e restaurar a segurança das muralhas, mas a ilusão não durou.

Os babilônios, mais fortes, mais disciplinados e mais determinados, enfrentaram o exército egípcio e o destroçaram, fazendo ruir a última esperança política de Judá.

Esse episódio foi decisivo, porque mostrou que nenhuma aliança com potências estrangeiras poderia reverter o que já estava decretado.

Jeremias havia advertido repetidas vezes que confiar no Egito era ilusão, que o povo não deveria apoiar-se em cavalos e carros de guerra, mas na fidelidade ao Senhor.

Contudo, o coração humano busca sempre seguranças visíveis, e Zedequias acreditou que um acordo político seria suficiente para salvar a cidade.

A derrota dos egípcios revelou, dolorosamente, que a palavra do profeta era verdadeira e a ruína de Jerusalém era inevitável.

O exército egípcio destroçado tornou-se símbolo da fragilidade de toda confiança humana.

Aquele que parecia forte caiu diante de quem carregava o peso do destino.

O Nilo, que sustentara impérios durante séculos, não conseguiu resistir à corrente do Eufrates.

O Egito, tão temido e venerado no passado, mostrou-se incapaz de proteger sequer seus aliados, e Jerusalém, que se apoiava nessa aliança, viu-se sozinha diante da força irresistível da Babilônia.

Na leitura simbólica, essa derrota ensina que não podemos apoiar nossa segurança somente em forças exteriores.

O iniciado compreende que as alianças humanas são frágeis, que exércitos e potências se levantam e caem, mas que a fidelidade ao mistério permanece.

Confiar no Egito é confiar em aparências, e as aparências sempre acabam destroçadas diante da verdade.

O exército egípcio que se dispersa no campo de batalha é imagem das nossas próprias ilusões, que parecem grandiosas, mas não resistem quando o destino se cumpre.

Essa cena também prepara o coração para a descida ao subterrâneo. Quando tudo se perde na superfície, quando até mesmo os aliados mais fortes são derrotados, resta somente o segredo que se esconde no interior.

O fracasso do Egito obriga Jerusalém a perceber que sua salvação não viria de fora, mas de dentro, do Deus único que não se curva diante de impérios. A verdadeira força não está nos carros nem nos cavalos, mas na fidelidade invisível.



TO MEET HIS SUFFERING AND
THE ONLY WAY TO SALVATION
THROUGH THE REDEMPTION
OF HIS BLOOD AND THE
REDEMPTION OF ALL DAYS
FORTH FORTHWITH MEAT
AND DRINK AND BLESSING

JOSIAS

É uma figura crucial, especialmente quando se trata da preservação do culto e das práticas religiosas do Antigo Testamento.

Ele foi o penúltimo rei de Judá, e sua ascensão ao trono ocorreu em um momento de grande crise espiritual e política para o reino. Josias se tornou rei ainda jovem, com somente 8 anos, após a morte de seu pai, Amom, que havia sido um rei ímpio e corrupto.

Durante o reinado de Josias, a história bíblica relata uma série de eventos significativos. Um dos mais importantes foi o encontro do *Livro da Lei* durante a restauração do templo de Jerusalém, que havia sido negligenciado por décadas.

O *Livro da Lei*, que muitos acreditam ser o livro de Deuteronômio, foi encontrado por Hilquias, o sumo sacerdote, e ao ser lido para o rei Josias, ele se desesperou ao perceber o quanto o reino se afastara da verdadeira adoração a Deus.

A partir dessa descoberta, Josias iniciou um processo de reforma religiosa, destruindo altares pagãos, queimando ídolos e promovendo a purificação do templo. Ele procurou



HILQUIAS

Sumo sacerdote de Judá, conhecido principalmente por seu papel durante o reinado do rei Josias. Ele é uma figura central nas reformas religiosas empreendidas por Josias e desempenhou um papel importante na restauração do culto legítimo a Yahweh, conforme narrado no Antigo Testamento, especialmente no livro de 2 Reis e 2 Crônicas.

Hilquias é mais lembrado por encontrar o Livro da Lei (geralmente identificado como uma versão de Deuteronômio) durante as obras de reforma do templo de Jerusalém. Esse evento aconteceu quando o templo estava em processo de restauração e, ao limpar e reparar o templo, o sumo sacerdote Hilquias, com seus assistentes, encontrou o livro perdido. O *Livro da Lei* foi levado até o rei Josias, que, ao ouvir a leitura do conteúdo do livro, se desesperou e percebeu o quanto o povo de Judá havia se desviado dos preceitos de Deus.

Essa descoberta foi um marco significativo, ao levar Josias a iniciar as reformas religiosas para purificar o culto de Judá, destruir os altares pagãos e devolver a adoração ao Deus de Israel.



ELIASIB

Foi um sumo sacerdote que aparece na Bíblia, especificamente no livro de Neemias e também em Esdras. Ele é mais notável por sua liderança no período pós-exílio, quando os judeus retornaram a Jerusalém sob o comando de Zorobabel e começaram a reconstruir o templo após o cativeiro babilônico. Eliasib era membro de uma linhagem sacerdotal importante, a família de Aarão, e era descendente de Eleazar, o filho de Aarão.

Na história bíblica, Eliasib desempenhou um papel essencial na restauração do culto no templo, juntamente com outros líderes religiosos e políticos da época. Seu nome aparece principalmente em Neemias (3:1), onde ele é descrito como um dos responsáveis pela reconstrução das muralhas de Jerusalém. Ele foi encarregado da seção das muralhas que passava perto da porta das ovelhas, uma das portas principais de acesso à cidade.

Ele foi um dos responsáveis por supervisionar o serviço no templo e garantir que as leis de Moisés fossem seguidas, além de desempenhar um papel em dar seguimento à limpeza e renovação do culto a Deus.



ESDRAS

É uma figura central na história do retorno dos judeus do cativeiro babilônico e na restauração da vida religiosa e cultural em Jerusalém. Ele é um sacerdote e escriba, e seu livro, o Livro de Esdras, descreve seus esforços para renovar a Lei de Deus e reestabelecer o culto no templo após o retorno do exílio babilônico.

Esdras foi um líder espiritual e religioso que viveu durante o período pós-exílio, cerca de 80 anos após o decreto de Ciro, o Grande, que permitiu o retorno dos judeus a Jerusalém. Ele chegou a Jerusalém no reinado de Artaxerxes I, rei da Pérsia, aproximadamente em 458 a.C.

Sua missão principal era ensinar a Lei de Deus e assegurar que o povo de Israel vivesse conforme os princípios da Torá.

Esdras foi um sacerdote da linhagem de Aarão e um escriba altamente respeitado, treinado na Lei de Moisés.

Ele é descrito como um homem profundamente devoto, dedicado ao estudo e ensino da Lei de Deus.

Sua missão era espiritual e religiosa, e ele procurou restaurar o culto no templo, reforçando as práticas e tradições que haviam sido enfraquecidas durante o exílio.

Quando Esdras chegou a Jerusalém, ele encontrou o povo em uma situação precária, muitos judeus haviam se afastado da Lei e da pureza religiosa.

Os casamentos mistos com povos estrangeiros haviam se tornado um problema, o que violava as normas de separação entre o povo de Israel e as outras nações. Esdras tomou a liderança para restaurar a pureza espiritual e corrigir as transgressões.

Em Esdras 9-10, vemos um relato crucial das reformas de Esdras. Ele se angustia ao saber que muitos judeus haviam se casado com mulheres de povos estrangeiros, o que violava os mandamentos de Deus.

Ele convoca um grande ajuntamento e lidera uma cerimônia de arrependimento e confissão, com a promessa de que as uniões ilegítimas seriam dissolvidas. Essa ação foi um esforço para restaurar a santidade do povo e garantir que os judeus seguissem fielmente a Lei.

Uma das contribuições mais significativas de Esdras foi o seu trabalho como escritor e intérprete da Lei.

Ele leu e explicou as escrituras para o povo em Neemias 8, durante um grande ajuntamento, onde o povo se arrependeu e renovou sua aliança com Deus.

Esdras teve um papel essencial na preservação e ensino da Lei de Moisés, garantindo que as gerações futuras seguissem a palavra de Deus.

Ele também é reconhecido por ser um dos principais responsáveis pela organização e compilação dos textos sagrados que formam parte da Bíblia Hebraica.

Além de sua função como sacerdote e escriba, Esdras foi um líder espiritual e moral. Sua dedicação à Lei e ao culto a Deus fez dele um modelo de fidelidade e zelo pela pureza da fé.

Esdras é lembrado como um grande líder espiritual, um reformador religioso e um mestre da Lei. Sua obra de renovação espiritual foi fundamental para o período pós-exílio, e ele é visto como um pilar da história religiosa de Israel.

Ele ajudou a preservar a identidade judaica e garantir que a Lei de Moisés continuasse a ser vivida com diligência.



NEEMIAS

Foi um líder judaico, governante e também um líder espiritual, cujo livro bíblico, o Livro de Neemias, narra sua história de dedicação à reconstrução de Jerusalém e à restauração da vida religiosa após o exílio babilônico.

Neemias é particularmente lembrado por sua habilidade administrativa e sua coragem diante de grandes desafios, bem como por sua liderança espiritual e zelo pela pureza da fé de Israel.

Neemias viveu durante o período pós-exílio, quando o povo de Israel foi autorizado a retornar de Babilônia a Jerusalém após o decreto de Ciro, o Grande, em 538 a.C.

Embora um número considerável de judeus já tivesse retornado a Jerusalém sob o comando de Zorobabel (cerca de 80 anos antes), a cidade ainda estava em ruínas, e o templo estava sendo restaurado, mas a reconstrução das muralhas e da segurança da cidade estava longe de ser concluída.

Neemias era um judeu que ocupava uma posição elevada na corte do rei persa Artaxerxes I, sendo copeiro (uma posição de confiança, responsável por servir o vinho e proteger o rei de venenos).

Ele teve a oportunidade de interceder diretamente junto ao rei para obter permissão para retornar a Jerusalém e liderar a reconstrução das muralhas da cidade.

O ponto de partida para a ação de Neemias foi quando ele recebeu a notícia de que as muralhas de Jerusalém estavam em ruínas e que a cidade ainda estava vulnerável.

Ao ouvir sobre a desolação de sua cidade ancestral, Neemias se entristeceu profundamente, orando a Deus e solicitando direção. Sua oração em Neemias (1:5-11) expressa seu desespero e desejo de restaurar a dignidade e a segurança de Jerusalém.

Neemias então solicitou ao rei Artaxerxes permissão para retornar a Jerusalém e reconstruir as muralhas.

O rei concedeu o pedido, e Neemias partiu para Jerusalém com cartas que lhe davam autoridade para supervisionar a reconstrução. Ele também foi acompanhado por uma escolta militar persa para garantir sua segurança.

Uma das maiores realizações de Neemias foi a reconstrução das muralhas de Jerusalém. Ao chegar à cidade, ele fez uma inspeção cuidadosa das muralhas e, em seguida, iniciou a tarefa de reconstrução, motivando o povo a trabalhar juntos, apesar das dificuldades.

O trabalho foi realizado em tempo recorde, com as muralhas reconstruídas em 52 dias (Neemias 6:15).

Ele trabalhou em estreita colaboração com Esdras, o escriba e sacerdote, para reintroduzir o ensino da Lei de Moisés ao povo. Um evento significativo ocorreu quando Esdras leu a Lei para o povo em uma grande reunião, que resultou em um movimento de arrependimento e renovação da aliança com Deus (Neemias 8).

Neemias é lembrado por seu papel como líder motivador, um exemplo de fé e ação. Ele não só reconstruiu as muralhas físicas de Jerusalém, mas também ajudou a restaurar o moral e a unidade do povo de Israel.

Seu livro oferece uma rica fonte de ensinamentos sobre liderança, fé, oração e renovação espiritual. Neemias é lembrado como alguém que, com coragem, sabedoria e um profundo senso de responsabilidade, ajudou a restabelecer a cidade de Jerusalém como um centro de adoração e de vida comunitária.



SAUL

Em um mergulho no passado, voltamos ao ano de 1050 a.C. quando Davi enfrentou Golias, símbolo do embate contra os filisteus.

A história de Saul se ergue quando Israel, cansado da instabilidade dos juízes e desejoso de se igualar às outras nações, solicita a Samuel que lhes dê um rei.

Essa decisão é narrada com ambivalência, pois, se de um lado corresponde ao desejo do povo por ordem e liderança, de outro é vista como rejeição ao governo divino.

É nesse contexto que Saul aparece, homem de estatura imponente, belo aos olhos do povo, pertencente à tribo de Benjamim, a menor entre as tribos, o que já sugere o paradoxo que o caracterizará, escolhido por Deus, mas, ao mesmo tempo, marcado pela fragilidade de sua condição.

Ungido por Samuel, Saul é inicialmente um rei humilde, que se esconde entre as bagagens quando o profeta o apresenta ao povo, como se não quisesse assumir a coroa. Mas logo se mostra guerreiro valente, capaz de reunir os israelitas e vencer inimigos como os amonitas.

Por um instante, sua liderança traz esperança de unidade a Israel, pois ele é o primeiro a reinar sobre as doze tribos unidas, e sua unção inaugura a monarquia que marcará toda a história de seu povo.

No entanto, a grandeza inicial dá lugar a uma série de erros que revelam a tensão entre obediência e orgulho. Saul comete a primeira falha ao oferecer sacrifícios no lugar de Samuel, impaciente com a demora do profeta, como se pudesse substituir a função sacerdotal pela pressa política.

Mais tarde, desobedece à ordem divina de destruir completamente os amalequitas, poupando o rei Agague e os melhores rebanhos, alegando que faria sacrifícios ao Senhor, mas Samuel lhe responde que a obediência vale mais do que sacrifícios e que a rebeldia é como feitiçaria.

Nesse momento, o profeta declara que o reino lhe seria tirado e dado a outro, alguém segundo o coração de Deus.

Essas falhas não são meros incidentes, mas revelam o drama interior de Saul.

Ele é um rei dividido, capaz de feitos heroicos, mas atormentado por inseguranças e medos.

Quando surge Davi, jovem pastor que derrota Golias, a insegurança de Saul se transforma em inveja e paranoia. Embora Davi fosse inicialmente seu aliado e até genro, Saul passa a persegui-lo como inimigo mortal, movido pelo ciúme diante das canções que exaltavam Davi mais do que a ele.

A partir daí, sua vida entra em declínio espiritual e psicológico.

É atormentado por um espírito mau, aliviado somente pela música da harpa de Davi.

Sua relação com Samuel se rompe definitivamente, e quando busca orientação espiritual, encontra somente silêncio.

. Em desespero, recorre à necromante de En-Dor, solicitando que evoque o espírito de Samuel, e este lhe anuncia sua derrota e morte iminente.

O fim de Saul é uma das passagens mais trágicas da Bíblia. Enfrentando os filisteus no monte Gilboa, vê seus filhos caírem, entre eles Jônatas, seu filho mais leal e amigo de Davi.

Gravemente ferido, solicita a seu escudeiro que o mate, mas diante da recusa, lança-se sobre sua própria espada.

O primeiro rei de Israel perece sem glória, sem herdeiro no trono, sem honra, e seu corpo é pendurado nas muralhas de Bete-Seã.

Somente os homens de Jabes-Gileade, a quem Saul salvara em sua primeira vitória, resgatam seu corpo e lhe dão sepultura digna.

A tragédia de Saul é profunda, porque nele vemos um homem chamado, ungido e abençoado, mas que não conseguiu manter-se fiel à obediência interior.

Ele foi escolhido, mas não sustentou a escolha, e sua vida se torna um espelho da fragilidade humana diante do poder. Saul é, ao mesmo tempo, o primeiro e o último rei de Israel em sentido simbólico, porque após ele o trono não será mais simplesmente israelita, mas davídico.

Davi inaugura linhagem, e Saul permanece como o elo quebrado, como aquele que reinou, mas não estabeleceu um trono perene.

Para a tradição simbólica e iniciática, Saul é figura do iniciado que recebeu a luz, mas não a soube preservar.

Ele nos mostra que a grandeza sem disciplina espiritual conduz ao declínio, que o poder sem obediência ao mistério se transforma em ruína.

Sua altura física contrasta com sua pequenez interior, e sua coroa resplandece somente para mostrar que não é suficiente.

Ele é lembrado como o rei que começou ungido e terminou rejeitado, como o guerreiro que venceu batalhas, mas foi derrotado por seu próprio coração.

Na leitura críptica, Saul é o homem que não soube descer ao subterrâneo de si.

Ele permaneceu na superfície da realeza, no brilho da coroa, mas não acessou à cripta interior onde se guarda o segredo da verdadeira fidelidade.

Sua morte no monte Gilboa pode ser vista como metáfora da queda daquele que não construiu dentro de si a fortaleza espiritual.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de perceber nele uma grandeza trágica.

Saul não foi somente vilão, mas vítima de suas próprias fraquezas.

Ele não é odiado como inimigo, mas lembrado como exemplo de como a escolha divina não dispensa o homem de disciplina, humildade e perseverança.

Por isso, sua figura é profundamente humana, mais próxima de nós do que talvez qualquer outro rei, porque nele vemos nossas próprias hesitações, nossas falhas, nossos medos, e também nossa capacidade de perder o que recebemos.

A maçonaria críptica pode enxergar em Saul o contraste entre superfície e profundidade.

Ele representa a superfície brilhante que não resiste ao tempo, porque lhe falta raiz subterrânea.

Ele é o templo que se ergue sem fundação, a muralha que se levanta sem alicerce, o rei que reina sem segredo.

Seu destino ensina que nenhuma coroa permanece se não for sustentada pelo mistério guardado na câmara interior.

Ao perecer no monte Gilboa, Saul deixa um trono vazio, mas também abre caminho para a linhagem de Davi, que será a base da esperança messiânica.

Assim, mesmo em sua queda, ele participa de um destino maior, pois sem a sua tragédia não haveria o espaço para a promessa de um reinado eterno.

Ele é o rei que precisa cair para que outro se levante, o último rei de um Israel unido somente na aparência, mas dividido em sua essência.

“Saul não caiu por falta de força, mas por excesso de si, porque quem se ergue alto demais sem raiz profunda termina tombando com mais violência.”
(Johann David Michaelis, *Annotationes in Libros Regum*, 1764)

“O primeiro rei é também o último, porque inaugura o trono sem conseguir sustentá-lo, e sua coroa é como ouro sem fundação, belo à vista, mas frágil ao toque.”
(Cornelius a Lapide, *Commentaria Sacra*, 1620)

JUDÁ



JUDÁ

Tornou-se designação de uma terra, de um povo e de uma identidade que atravessou séculos. Situada no coração das colinas ao sul de Jerusalém, a região de Judá era formada por vales estreitos, montanhas áridas e campos férteis em determinados pontos, um território que combinava rudeza e promessa, resistência e fecundidade.

Ali estavam cidades antigas como Hebrom, onde Abraão erguera altares, como Belém, onde nasceria o Messias segundo a tradição, e como Jerusalém, centro espiritual e político que se tornaria o orgulho de toda a nação.

O território de Judá foi dado à tribo descendente de seu patriarca e logo se transformou em eixo central da identidade israelita. Quando o reino se dividiu, após a morte de Salomão, foi a tribo de Judá que sustentou a continuidade da dinastia davídica, mantendo Jerusalém como capital e preservando o templo que era visto como morada de Deus. Ao norte, Israel se fragmentava em idólatras, reis e alianças instáveis, mas ao sul Judá permanecia como guardião do altar, mesmo em meio a crises e apostasias.

Do ponto de vista simbólico, Judá é a terra da promessa que resiste, mesmo em ruínas.

Foi nela que os profetas levantaram suas vozes, que Jeremias chorou a queda da cidade, que Isaías anunciou a esperança de um novo rei e que Ezequiel, já no exílio, falou da restauração futura.

Judá não é somente solo, é palco onde se encena o drama do pacto, fidelidade traz vida, infidelidade traz exílio, mas sempre há a promessa de retorno, porque o nome Judá carrega em si a ideia de louvor, e o louvor não pode ser definitivamente silenciado.

Na tradição maçônica e especialmente nos Graus Crípticos, Judá é lida como terra de contrastes, onde a superfície cai, mas o subterrâneo guarda o segredo.

O templo foi incendiado, as muralhas caíram, mas a Palavra foi preservada e a identidade sobreviveu, como se as montanhas de Judá escondessem em suas cavernas o mistério que jamais seria destruído.

Caminhar pela terra de Judá é perceber que cada pedra guarda memória, que cada vale ecoa orações antigas, que cada ruína aponta para uma reconstrução invisível.

Assim, Judá permanece como símbolo de permanência espiritual.

É um lugar que sofreu da destruição, mas que nunca deixou de ser lembrado, e seu nome tornou-se identidade de um povo inteiro, pois dos filhos de Israel somente os de Judá mantiveram o nome até os dias atuais, judeus.

“Judá não é somente terra, é memória petrificada, onde cada colina se ergue como testemunha da aliança e cada ruína fala de promessa.” (Johann Heinrich Hottinger, *Canaan Discriptio Sacra*, 1659)

“Entre todas as tribos, Judá permaneceu como raiz, porque sua terra não era somente solo, mas altar.” (Cornelius a Lapide, *Commentaria in Prophetas*, 1625)

“As colinas de Judá escondem mais segredos do que seus palácios, porque o invisível sempre sobrevive ao visível.” (Louis Cappel, *Annotationes Sacrae*, 1653)

THE RIVERS OF BABYLON



OS RIOS DA BABILÔNIA

Os babilônios solicitavam canções, exigiam que os judeus entoassem hinos de sua cidade santa como espetáculo para divertir seus opressores.

Mas como cantar os cânticos do Senhor em terra estranha?

A pergunta do salmista ecoa até hoje como denúncia contra toda tentativa de transformar fé em espetáculo e esperança em mercadoria.

A harpa pendurada nos salgueiros é o gesto definitivo de um povo que prefere o silêncio à profanação, a fidelidade à nostalgia.

Os rios da Babilônia se tornam, assim, imagem da prova espiritual.

Representam o tempo em que a voz parece calada, em que o templo está em ruínas e a identidade ameaçada.

Mas também são lugares de decisão, porque é ali que nasce a promessa de nunca esquecer Jerusalém, de nunca deixar que a mão direita perca sua força, de nunca deixar que a língua se cale quando o coração se recorda de Sião.

Na leitura simbólica, os rios da Babilônia representam o fluxo do mundo que nos arrasta e que tenta apagar a memória do essencial.

O iniciado que contempla essas águas deve perceber que a correnteza da vida pode nos levar para longe do templo interior, mas que é junto a essas margens que a fidelidade é provada. O exílio não destrói somente cidades, destrói também memórias, e por isso a promessa de nunca esquecer Jerusalém é mais do que saudade, é ato de resistência.

Para os maçons Crípticos, esses rios ensinam que o segredo não se perde mesmo quando tudo parece ruína.

O povo podia estar longe do templo, mas o templo permanecia dentro deles, escondido como cripta viva em seus corações.

Os rios são símbolos do tempo de espera, do silêncio imposto, mas também da força que se fortalece no silêncio.

Se o templo foi queimado, a memória se tornou altar, se a arca foi perdida, a palavra passou a ser guardada no coração.

Os rios da Babilônia lembram que todo exílio é também oportunidade.

Aquele que aprende a permanecer fiel junto às águas estrangeiras conseguirá reconstruir quando retornar.

O lamento se torna semente, e o silêncio se transforma em promessa.

“As águas da Babilônia não apagaram a memória, somente a tornaram mais ardente, como fogo escondido sob cinzas.” (Johann Arndt, Meditationes Sacrae, 1619)

ZION



SIÃO

O nome Sião ecoa nas Escrituras como uma melodia que nunca se extingue, nascida primeiro como designação de uma fortaleza jebuseia conquistada por Davi, mas que logo se ampliou até significar Jerusalém inteira, o monte do templo, a cidade santa e, por extensão, o coração espiritual de um povo.

O que começa como colina localizada ao sul da cidade primitiva se transforma, ao longo da história, em palavra-símbolo, capaz de condensar tanto a glória como a ruína, tanto a promessa como a saudade, tanto a morada de Deus como o lamento do exílio.

Sião é lugar sendo ideia.

Lugar, porque corresponde ao monte onde Davi estabeleceu sua capital, onde Salomão edificou o templo e onde os sacerdotes mantinham a chama do culto.

Ideia, porque muito cedo passou a significar a presença de Deus no meio de seu povo, não limitada às muralhas, mas irradiando-se como promessa que atravessa os séculos.

Dizer Sião era falar de casa, pátria, identidade e esperança, era pronunciar uma palavra que mantinha os exilados de pé, ainda que estivessem às margens dos rios da Babilônia.

Quando o templo foi destruído, Sião se tornou memória e profecia. Memória, porque lembrava as festas, os cânticos e a arca no Santo dos Santos, profecia, porque mantinha viva a certeza de que um dia a cidade seria reconstruída e novamente habitada pela glória de Deus.

O **Hurban** marcou a superfície com ruínas, mas Sião se escondeu como chama no subterrâneo, permanecendo acesa mesmo quando parecia apagada.

Na tradição iniciática, Sião pode ser lido como o ponto de convergência entre o visível e o invisível.

O monte é terra, pedra, geografia, mas também é arquétipo, escada entre o humano e o divino.

Representa a cidade espiritual que não se reduz à Jerusalém histórica, mas que aponta para uma realidade mais alta, a Jerusalém celeste, que será erguida sobre a fidelidade dos que não perderam a esperança.

Sião é, portanto, símbolo da permanência, da promessa de que nenhuma destruição é definitiva quando o segredo permanece guardado.

Os maçons Crípticos encontram em Sião a lembrança de que toda superfície pode cair, mas o mistério permanece no interior, aguardando o tempo da revelação.

Sião é o lugar do templo visível que se perde, mas também da Palavra oculta que se preserva.

É a terra dos salmos e dos profetas, mas é também o eco no coração de cada iniciado que, ao ouvir seu nome, sente que pertence a uma linhagem que não se perde.

“Sião não é somente um monte, é metáfora da alma que guarda em si o templo invisível.” (Johann Buxtorf, Annotationes Hebraicae, 1647)

“Quem canta Sião não canta uma cidade, mas o anseio eterno por morada divina.” (Cornelius Bertram, 1613)



ḤURBAN

A palavra hebraica *Ḥurban* não é uma simples designação de ruína, mas um lamento condensado em uma única expressão.

Ela se refere sobretudo às duas destruições do Templo de Jerusalém, a primeira pelos babilônios no século VI a.C., a segunda pelos romanos no ano 70 d.C.

Desde então, tornou-se símbolo coletivo da dor, da perda e da memória de um povo que, diante da ruína do visível, aprendeu a preservar o invisível.

Dizer “Ḥurban” não é somente recordar pedras caídas, mas evocar lágrimas, exílios e orações interrompidas.

Na tradição judaica, o Ḥurban é lembrado anualmente no dia de Tishá BeAv, dia de jejum e de pranto, quando as Lamentações são recitadas e a memória das ruínas se renova como ferida que nunca cicatriza.

Mas o Ḥurban não é somente memória de passado, é também chave de interpretação do presente.

Ele ensina que toda glória material é passageira, que todo poder humano pode ser derrubado, que todo templo construído por mãos humanas pode ser profanado. O que permanece é aquilo que não pode ser queimado nem levado em cativeiro.

No campo simbólico, o Hurbān se torna imagem universal.

Ele representa a destruição necessária que prepara um novo começo. O Templo de pedra caiu, mas abriu caminho para o Templo Interior, escrito no coração.

As muralhas foram quebradas, mas o segredo foi preservado nas criptas da alma.

O Hurbān é o espaço onde a superfície se dissolve para a profundidade ser descoberta. Ele é ferida, mas também semente.

A maçonaria críptica encontra uma ressonância particular nesse conceito.

A destruição do Templo é condição para o iniciado descer aos subterrâneos em busca da Palavra perdida.

O Ĥurban é o que obriga a preservar no oculto aquilo que não pode ser mantido na luz. É o que força o iniciado a compreender que a ruína aparente pode ser proteção do segredo.

Na queda do visível, o invisível se recolhe e se fortalece.

Recordar o Ĥurban não é somente olhar para trás, é também vigiar o presente.

A cada geração, há novos ĥurbanim, destruições que revelam fragilidades e que convidam à reconstrução.

Cada homem conhece em sua vida o colapso de seus próprios templos, e é nesses momentos que o iniciado aprende que o essencial não se perde.

A memória do Ĥurban torna-se, assim, não só lamento coletivo, mas pedagogia espiritual.

Por isso, quando dizemos **“Zikrú et haĤurban”** — **lembrai-vos da destruição**, não estamos somente recitando história, estamos reafirmando a lição de que a ruína não é o fim, mas o lugar onde o segredo se refugia, à espera da reconstrução.



O GALO

O galo, na tradição antiga, é sinal do amanhecer, seu canto rompe as trevas da noite e anuncia a chegada da luz.

Na leitura simbólica, *“antes que o galo cante”* é expressão do tempo da prova, o intervalo onde o iniciado ainda se encontra mergulhado na noite, cercado de medos e incertezas, e no qual suas escolhas revelam o peso da sua fragilidade.

É o tempo em que a fidelidade ainda não foi provada e a negação ainda é possível.

Mas quando o galo canta, a prova se cumpre e a consciência desperta.

Não se trata somente de erro, mas de caminho, porque sem a queda não haveria o aprendizado do arrependimento.

Para os maçons Crípticos, essa imagem tem valor profundo.

O segredo não é somente guardado na glória, mas também na queda. O iniciado aprende que, mesmo quando

falha, a fidelidade pode ser retomada, e que o verdadeiro erro não é negar, mas permanecer na negação.

O canto do galo é como a trombeta da manhã, chamando à vigilância, lembrando que é sempre possível recomeçar e que o sol nascerá mesmo depois da noite mais escura.

Assim, *“antes que o galo cante”* nos ensina a ver momentos em que a escuridão parece vencer, mas também nos lembra que toda noite termina em aurora.

“O galo não canta para acusar, mas para despertar, porque até a negação pode tornar-se caminho de fidelidade renovada.” (Cornelius Bertram, manuscrito latino, 1612)





TRUTH



HONOR



JUSTICE



FAITH



FRIENDSHIP



FIDELITY



OS SEIS PILARES

A tradição nos ensina que certas virtudes não são somente qualidades morais, mas verdadeiros pilares de sustentação da vida iniciática.

Entre elas se destacam dois conjuntos que se entrelaçam como colunas de um mesmo templo, a fé, a amizade e a fidelidade, seguidas pela verdade, a honra e a justiça.

Esses seis elementos formam uma escada de subida interior, onde cada degrau conduz a um patamar mais alto de consciência e de compromisso.

A fé é o primeiro desses fundamentos, não se trata somente de crença, mas da confiança radical no invisível, a certeza íntima de que existe um sentido mesmo quando tudo ao redor parece ruína.

É a mesma fé que sustentou os exilados da Babilônia, a fé que permitiu a preservação do segredo quando o templo ardeu, a fé que não precisa de provas porque encontra no silêncio do coração o testemunho suficiente. Sem a fé, o iniciado não caminha, pois não acredita naquilo que seus olhos ainda não veem.

A amizade é a virtude que dá calor ao caminho, não é simples afeto, mas laço profundo de comunhão que permite que os Irmãos caminhem lado a lado, partilhando tanto as luzes quanto as sombras.

Foi a amizade que uniu Davi e Jônatas em pacto indissolúvel, foi a amizade que fez de Judas e de Jesus companheiros até o instante da traição necessária, e foi a amizade que sustentou mestres e discípulos em meio às perseguições.

Sem amizade, a jornada se torna árida, e o segredo se perde porque não há quem o compartilhe com confiança.

A fidelidade, por sua vez, é o selo que une fé e amizade, pois não basta confiar e amar, é preciso permanecer firme mesmo quando tudo convida à desistência.

A fidelidade é a virtude que suporta a dor, que aceita o risco, que prefere perder o mundo a perder o compromisso.

É a fidelidade de Jeremias à palavra que ninguém queria ouvir, é a fidelidade de Jacques de Molay que entregou sua vida em silêncio, é a fidelidade de todo iniciado que guarda o segredo mesmo diante da ameaça.

Do outro lado, estão a verdade, a honra e a justiça, que não se separam das três primeiras, mas se erguem como consequência delas.

A verdade é o núcleo que sustenta toda busca, pois sem ela a fé se torna superstição, a amizade se torna interesse e a fidelidade se torna mera obstinação.

A verdade não é somente um enunciado, é o reflexo da luz que se projeta no coração do homem íntegro.

A honra é a manifestação exterior dessa verdade, é a dignidade que não se dobra diante do poder nem da corrupção, é a nobreza de manter a palavra dada mesmo quando custa caro.

Honra é o rosto visível da fidelidade invisível, é o que permite ao iniciado andar ereto mesmo quando o mundo o oprime.

E a justiça é a síntese de todas, porque é a aplicação da verdade com honra diante dos outros.

Justiça não é somente julgar corretamente, é agir de modo que cada um receba o que lhe é devido, é equilibrar a balança quando ela pende para um lado, é assegurar que o mais fraco não seja esmagado pelo mais forte.



Assim, fé, amizade e fidelidade são raízes interiores, e verdade, honra e justiça são frutos exteriores.

O iniciado precisa das duas dimensões, porque sem raiz não há fruto e sem fruto a raiz não cumpre sua função. Esses seis elementos juntos formam a essência da caminhada críptica, confiança no invisível, laço profundo entre Irmãos, permanência no compromisso, busca incansável da verdade, dignidade que não se vende e equilíbrio que garante a justiça.

“Fé é a lâmpada, amizade é o óleo, fidelidade é a chama, e sem esses três não há luz que dure no coração do homem.”
(Johann Arndt, *Meditationes Sacrae*, 1615)

“A honra é somente o reflexo da fidelidade, e quem a perde já não tem verdade, porque a mentira começa sempre no coração desonrado.” (Cornelius Bertram, *manuscrito latino*, 1609)

“Justiça é a amizade da verdade com a dignidade, e quem as une conhece o segredo de governar a si e aos outros.” (Johann Buxtorf, *Annotationes Hebraicae*, 1652)



FOME E SEDE

O iniciado compreende que a pobreza que se anuncia não é somente de bens, mas também de espírito.

Quantos companheiros estão empobrecidos de coragem, de ânimo, de fé, de esperança?

Alimentá-los significa oferecer-lhes a palavra que conforta, a amizade que restaura, o gesto silencioso que lembra que não estão sós.

Dar de beber significa refrescar suas almas secas com o consolo que nasce do coração, com o vinho da alegria partilhada, com a fonte que jorra do mistério.

No mundo antigo, partilhar alimento era sinal de aliança.

Nenhum pacto se firmava sem mesa, nenhum vínculo se fortalecia sem o gesto de comer juntos.

Por isso, essa promessa remete à comunhão de vida que caracteriza a fraternidade.

Quem dá de comer e beber aos companheiros empobrecidos declara que a sua riqueza só faz sentido quando se transforma em mesa partilhada.

Essa atitude encontra eco na tradição bíblica, Abraão acolhendo os três visitantes e lhes servindo alimento sob as árvores de Manre, o salmista que canta o cálice transbordante preparado na presença dos inimigos, o Nazareno que parte o pão e diz que aquele gesto é sua própria vida entregue.

Em todos esses sinais, o alimento é mais do que matéria, é sacramento, e o vinho é mais do que bebida, é aliança.

O maçom que guarda essa promessa sabe que não pode conservar para si o que lhe foi revelado.

Assim como o pão alimenta muitos, também o segredo deve ser partilhado com aqueles que têm sede da verdade, ainda que sejam poucos os capazes de recebê-lo.

Dar de comer e beber é, portanto, também oferecer símbolos, palavras e ensinamentos a quem se encontra vazio de sentido.

É uma obra de misericórdia visível e invisível, material e espiritual, exterior e interior.

E ao fazê-lo, o iniciado reconhece que ele mesmo também se encontrará um dia entre os empobrecidos.

Hoje dou de comer, amanhã serei alimentado.

Hoje ofereço o vinho da alegria, amanhã beberei do cálice da dor e alguém o estenderá para mim.

Assim, cumpre a lei da fraternidade, ninguém caminha sozinho, ninguém passa fome sozinho, ninguém morre de sede sozinho.

“Alimentar o Irmão não é somente dar-lhe pão, mas dar-lhe memória, pois o pão é o fio invisível que une os vivos.”
(Johann Arndt, *De Vera Fraternitate*, 1618)



OS ASTROS E DEUS

O mundo antigo se encantava com os astros, e ainda hoje muitos buscam neles destino e poder.

Mas o iniciado reconhece que as estrelas não governam o caminho, somente o iluminam.

Não são senhoras, mas sinais. Não são deuses, mas criaturas.

O mesmo vale para todo ídolo que os homens ergueram ao longo da história, imagens de si projetadas no alto, ilusões que solicitam reverência, mas que não têm poder de salvar.

A fidelidade ao Deus único é o que sustenta a travessia pelo deserto e o exílio na Babilônia, é o que mantém viva a esperança quando o Templo cai e o altar é profanado.

Esse juramento é a chave da continuidade, pois quando tudo pode ser perdido, a aliança interior permanece.

Não se curvar a ídolos é afirmar que nenhum poder humano, nenhum império, nenhum falso brilho pode ocupar o lugar da verdade eterna.

O iniciado que pronuncia este juramento sabe que sua vida será medida não pelas coroas que receber, mas pela firmeza com que se recusou a dobrar os joelhos diante daquilo que não é Deus.

Sua fidelidade é prova silenciosa de que a verdade não precisa de adornos para ser venerada, e de que a maior honra é servir com consciência ao único Senhor.

“O homem que não se curva diante do Sol é o mesmo que reconhece que o Sol é somente testemunha e não o Criador.”
(Johann Heinrich Hottinger, *Exercitationes Sacrae*, 1663)





UM ENCONTRO NO CÉU

No céu não há muralhas, nem tronos, nem exércitos. Tudo o que um dia foi motivo de orgulho virou pó.

Restaram somente os homens que viveram o drama, agora reunidos como velhos artesãos que comparam cicatrizes. Olham para baixo, reconhecem os escombros de sua própria história, e falam sem pressa, como quem já não precisa vencer uma disputa, somente compreender.

Zedequias se adianta. Não tem coroa, mas os olhos cegos brilham com outra luz.

Conta que sua fraqueza não foi só política, foi o medo que o paralisou diante da verdade. Jeremias se aproxima e não acusa. Chorar pela cidade lhe custou mais que anunciar sua ruína. Afirma que a fidelidade pesa mais do que as pedras, e que preferiria mil vezes o arrependimento a qualquer acerto profético.

Ezequiel, aquele que viu rodas cheias de olhos, fala com voz serena. Recorda a visão da carruagem flamejante e lembra que a glória de Deus não estava cativa do Templo, mas se movia pelo exílio.

Ao ouvir isso, Seraías abaixa a cabeça. Foi sumo sacerdote, entrou no Santo dos Santos, e mesmo assim tombou pela espada. Agora compreende que o Senhor prevalece mesmo quando o altar é silenciado.

Nebusaradan se apresenta com voz firme. Não pede perdão, mas admite que foi mão do decreto e que seu fogo destruiu o templo.

Depois se volta a Jeremias e agradece o gesto de liberdade, confessando que pressentiu naquela hora uma inocência intocável.

Nabucodonosor escuta, calado. Ele, construtor e destruidor, diz somente que todo poder é vento. Reconhece que seus palácios foram pó como o templo que incendiou.

Pasur não levanta a voz. Admite que confundiu rito com verdade e que açoitá-lo o profeta foi açoitá-lo o próprio coração.

Zefanias, o príncipe indeciso, confessa que a neutralidade também tem peso de culpa. Sissina, o capitão da guarda, ergue-se com dignidade. Permaneceu em seu posto até o fim, mas aprendeu tarde que a força que protege por fora nada pode sem a guarda do coração. Ao seu lado,

Artabã, o tenente, lembra que até funções pequenas sustentam o destino.

O Sentinela recorda os dias em que vigiava o horizonte vazio. O Trombeteiro completa, dizendo que tocou quando já não havia quem ouvisse. Ambos entendem que visão e palavra só têm valor quando o coração está desperto.

Chegam então os que reconstruíram. Josias, com a sinceridade de quem rasgou as vestes ao ouvir o Livro da Lei. Hilquias, com a alegria de quem o encontrou no pó do templo.

Eliasib, lembrando o peso e a honra de levantar muralhas. Esdras, segurando a Lei com ternura e firmeza, ensinando que sem leitura não há cidade. Neemias, com o vigor dos que organizam o trabalho comum, lembrando que em cinquenta e dois dias é possível erguer não só muros, mas também a dignidade de um povo.

Por último, Saul aparece. Não pede desculpas, não busca explicação. Somente confessa que começou humilde e terminou prisioneiro de si. Reconhece que poder sem obediência interior se transforma em ruína. Recorda Jônatas, a amizade perdida, e cala-se. Esse silêncio vale mais do que discursos.

Então, sem que ninguém ordene, um pão é partido e uma água é partilhada. Jeremias reparte com Zedequias. Nebusaradan oferece a Seraías. Josias serve Esdras. Hilquias serve Neemias. O Sentinela recebe do Trombeteiro. Até os sátrapas dividem entre si. Saul observa e aprende.

Ezequiel sorri, porque a glória que se move não precisa de carro. Nabucodonosor olha para baixo e entende que nenhuma cidade dura para sempre, mas que a fidelidade permanece.

Antes de se dispersarem, cada um, deixa uma última palavra. Zedequias fala de coragem. Jeremias de perseverança. Ezequiel de visão. Seraías de interioridade. Pasur de humildade. Zefanias de decisão. Sissina de honra. Artabã de serviço. O Sentinela de vigilância. O Trombeteiro de clareza. Josias do livro aberto. Hilquias da busca. Eliasib da pedra bem colocada. Esdras do ensino. Neemias do trabalho comum. Saul da obediência interior.

E quando o silêncio retorna, todos entendem. A Maçonaria que amamos sempre ensinou o mesmo. Velar pelos votos. Socorrer quem precisa. Reconstruir onde houver ruína. O resto é ornamento. O coração é oficina.

VOZ PESSOAL

O Grau de Super Excelente Mestre é de tal grandeza que quase não há palavras capazes de descrevê-lo, trata-se de um grau arrebatador, único em sua intensidade.

Assistir à sua transmissão, quando é feita com fidelidade ritualística, encenação viva e emoção genuína, não é somente presenciar uma cerimônia.

É viver a queda de Jerusalém. Por alguns instantes, as dores de milhares de anos atrás tornam-se as nossas dores. A alma grita em desespero, para em seguida silenciar e absorver o mistério. O coração deseja então beber cada vez mais daquela fonte inesgotável de saber, penetrar nos seus enigmas e compreender não só o que foi destruído, mas sobretudo o que foi preservado para o futuro.

As lições filosóficas e morais desse grau são inesgotáveis. E posso afirmar: não importa quantas vezes se assista a esta cerimônia, a emoção sempre retorna, em maior ou menor intensidade. O Super Excelente Mestre nos toca profundamente, desperta nossa alma e abre um entendimento maior sobre o verdadeiro sentido da Maçonaria.



FIM?

Se refletirmos sobre os Graus Crípticos, meu Irmão e companheiro, talvez estejamos diante de um ponto de culminância, um ponto onde parece que a jornada termina.

Mas, como toda senda iniciática, o fim é, em verdade, uma ilusão, pois, a cada passo dado, nasce a tentação de avançar, de aprofundar, de atravessar mais um véu, um véu que nos leva ainda mais fundo no mistério.

Como disse Rainer Maria Rilke, *"A cada passo que damos, o mistério se desvela mais um pouco, só para se fechar novamente, empurrando-nos a continuar."*

E talvez, meu Irmão, você sinta o chamado para continuar, para se lançar em reflexões que não estão escritas nos manuais ou nas páginas formais dos nossos guias ritualísticos.

Talvez você seja tocado pela necessidade de compreender mais, de ir além da superfície, de buscar algo mais profundo, mais autêntico.

Não se espante se isso ocorrer, na verdade, isso é uma consequência natural da própria jornada iniciática.

Em *Morals and Dogma*, Albert Pike nos ensina que "*a maçonaria não é somente um conjunto de ritos, mas um meio para elevar a alma, e é através da reflexão que o iniciado se purifica.*"

Não me limitarei mais aos contornos da liturgia ou aos limites seguros dos rituais já conhecidos, prefiro adentrar contigo em um território menos explorado, onde a palavra deixa de ser somente uma fórmula e se torna uma busca compartilhada, um processo contínuo de transformação.

Como nos ensina Hermes Trismegisto, "*o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima*", significando que os mistérios do universo e do ser são profundamente entrelaçados e revelados em nós mesmos.

O que proponho, portanto, não é uma simples sequência de ritos, mas uma verdadeira travessia filosófica, moral e espiritual, uma jornada que nos permite olhar para os Graus não somente como ritos a serem encenados, mas como símbolos vivos, que se movem e evoluem em nosso ser.

Cada símbolo é uma chave que abre portas dentro de nossa consciência, revelando, a cada novo arco, um novo nível de compreensão.

A simbologia dos arcos, quando compreendida com profundidade, deixa de ser mera arquitetura subterrânea e se converte em um mapa interior.

Cada passagem, mais que um espaço físico de pedra, é um estado da mente.

O iniciado que desce não percorre somente corredores e câmaras, mas atravessa as regiões mais profundas de seu próprio ser. Ele enfrenta seus próprios instintos e memórias, enfrenta seus medos e desejos, e, assim, decifra seu entendimento e imaginação.

Assim, meu Irmão, ao caminharmos juntos por esta senda, e que cada arco que atravessamos seja uma iluminação, um passo em direção ao nosso próprio entendimento.

Pois, como disse Johann Wolfgang von Goethe, "*O caminho é longo, mas a verdade é eterna.*"



OS NOVE ARCOS

Meus Irmãos e Companheiros, a jornada que nos conduz às profundezas da Cripta não é somente um deslocamento simbólico rumo ao subterrâneo, mas um mergulho nas camadas mais íntimas da alma humana.

Assim como em *Os Véus da Sabedoria*, onde tratei dos mistérios do Real Arco, convido agora que nos deixemos guiar pela imagem dos arcos sucessivos.

Cada um deles não é simples passagem de pedra, mas etapa da consciência, chave que abre o que se oculta no interior do Templo.

Ao falar dos Nove Arcos, não tratamos de construções materiais, mas de portais interiores.

O iniciado, ao atravessá-los, percorre dimensões de si, do instinto mais primitivo até o silêncio onde repousa o inefável.

São degraus da mente e do espírito, caminhos que unem o visível ao invisível.

Tal como o viajante que avança para o centro de um labirinto, o maçom é chamado a ultrapassar muralhas sucessivas, cada uma exigindo entrega e percepção renovada.

O Arco é símbolo de sustentação e passagem.

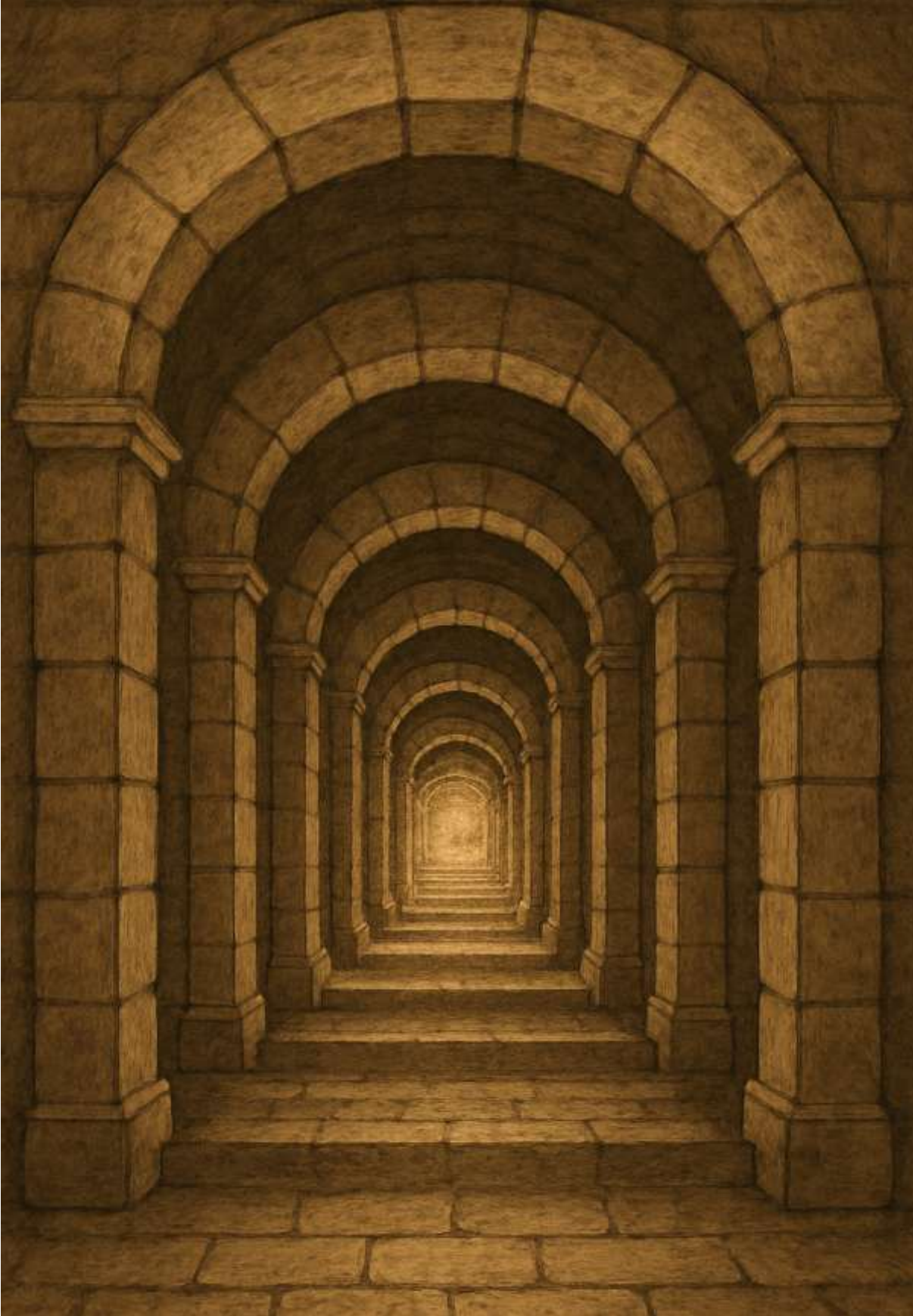
Ele conecta margens, une tempos e realidades, estabelece a ponte entre o humano e o divino.

Adentrar nesses portais é aceitar a aventura iniciática de voltar-se para dentro, reconhecer marcas, ordenar forças e, enfim, tocar aquilo que não se diz em palavras, mas somente se vive em experiência.

Ao final desta caminhada, não se encontra objeto sagrado ou segredo exterior.

O que se revela é a nós, depurados, livres das máscaras que o mundo impôs.

O que surge é uma aurora nova, como o instante primeiro do nascimento, quando os olhos contemplam a luz pela primeira vez.





O ARCO DO INSTINTO

Antes de atravessar os arcos seguintes, convido o leitor a descer comigo pelo primeiro.

Ele não se mostra como um portal hostil, mas como uma boca de pedra que respira conosco, onde o teto baixo guarda a poeira em vigília e as tochas lançam sombras que parecem guardiões antigos.

O corpo é sempre o primeiro a reagir, ao inaugurar os sinais com o coração que marca o compasso, o ar que desce pesado ao peito e a pele que se transforma em mapa de sensações.

A cripta não se abre como biblioteca silenciosa, mas como pedreira que põe à prova o pedreiro, e por isso este limiar recebe o nome de Arco do Instinto.

Aqui, o iniciado reconhece a força primordial que o move.

Se não a orienta, ela o arrasta, mas quando disciplinada, torna-se aliada.

O ofício começa pelo corpo, porque não há templo sem braço que erga a pedra nem arco que se sustente sem coluna.

O instinto não é irracionalidade cega, mas sabedoria silenciosa gravada nos músculos e reflexos, capaz de antecipar riscos e corrigir erros antes mesmo que a mente formule respostas.

Essa força merece respeito, pois sem ela toda construção se desfaz no primeiro tropeço.

O instinto não é inimigo, mas guardião à porta.

Se alimentado de qualquer forma, age sem direção, mas quando educado se torna bússola segura.

A pedra bruta é sua imagem mais fiel, ao conter risco e promessa, a pressão que poderia destruir, quando bem medida, sustenta.

O desejo, a coragem e a fome não se apagam, mas encontram rumo mais alto, e o leão que poderia ser ameaça aprende a andar ao lado do homem.

O impulso não deve ser sufocado, mas transformado em energia de construção.

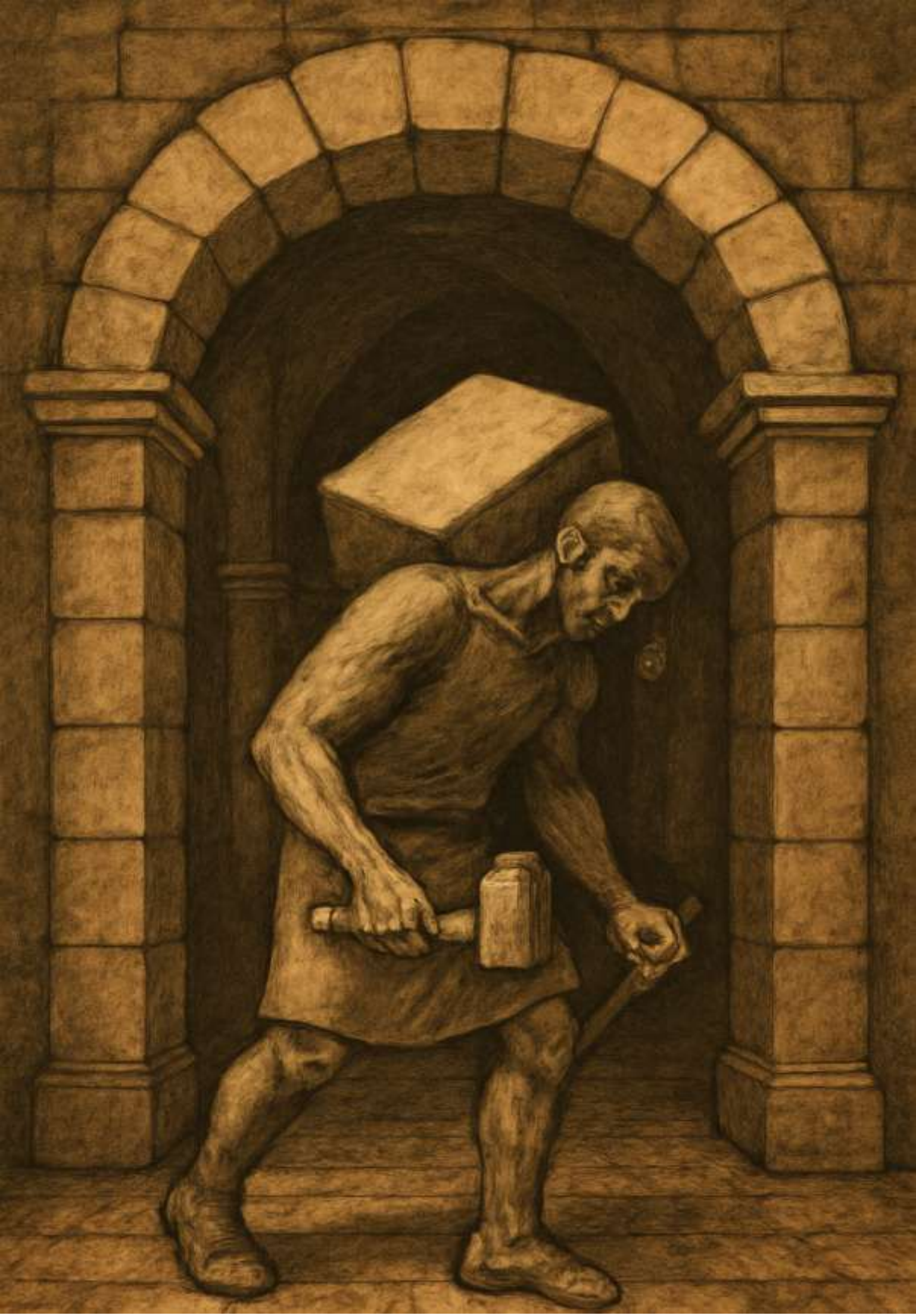
Daí nasce a disciplina prática e cotidiana, cuidar do corpo, regular o descanso, vigiar os excessos, cultivar paciência, honrar a palavra dada.

Exercícios simples, mas decisivos, pois sem eles toda sabedoria se perde em teorias vazias. O instinto, quando reconhecido e trabalhado, abre passagem para o amadurecimento interior.

O mestre de obras sabe que o aprendiz começa pela postura e pelo cuidado com a ferramenta, e não pelos segredos do último arco. É na constância dos pequenos gestos que o instinto se transforma em aliado.

O fogo bruto, regulado, não se esconde nem se exhibe, somente ilumina, e assim o iniciado percebe que o instinto não é obstáculo ao pensamento, mas sua preparação, e com isso o corpo pacificado gera clareza mental e, dessa união, nasce equilíbrio.

O primeiro arco é a escola e ele ensina a aceitar a natureza sem a idolatrar, a ordenar as forças sem as violentar e a avançar em harmonia, e quando o segundo arco se abrir, levaremos conosco essa primeira conquista, simples e firme, pois o caminho não exige negação da condição humana, mas a sua plenitude.



O ARCO DO TRABALHO

Se no primeiro arco foi revelada a energia bruta do instinto, neste segundo aprendemos que tal força, se não for aplicada com disciplina, se perde como água derramada no chão.

O trabalho é a forma que dá sentido ao impulso, a moldura que sustenta a vida e o compasso que ordena os dias.

Ele não é castigo, mas caminho silencioso de realização.

Assim como os pedreiros antigos que, sob sol escaldante ou frio cortante, passavam horas a talhar e assentar pedras, também o iniciado descobre que sua construção interior só avança quando há perseverança.

A cripta, em seu silêncio profundo, parece ecoar os passos desses construtores invisíveis, lembrando que nenhum templo se ergue sem mãos que insistam.

O trabalho começa pelo corpo, braços que suportam pesos, mãos que se marcam no ofício e suor que cai como oferenda.

O cansaço ensina humildade, a repetição educa a paciência e o ritmo revela a disciplina que sustenta o que permanece.

O iniciado descobre que suas ações diárias, se realizadas com consciência, fazem parte de uma ordem maior.

A pedra bruta, tocada pelo malho, revela a forma já escondida em seu interior e também o homem, ao se dedicar, liberta o que sempre existiu em potência dentro de si.

Ele é escultor da própria alma, e o cinzel de sua rotina retira asperezas invisíveis.

O trabalho não é somente obrigação, mas oração que se repete em silêncio, rosário de gestos simples que aproximam o homem de sua própria essência.

Nenhum discurso substitui a prática, o mestre somente indica o caminho, mas é o suor do discípulo que grava a verdade.

Ao atravessar este arco, o iniciado compreende que o trabalho também educa a mente, ao ensinar a planejar, prever e ordenar.

Toda obra precisa de projeto, assim como cada gesto exige direção.

Trabalhar sem foco é desperdiçar energia, por isso ele aprende a concluir o que começa, a manter fidelidade às tarefas, a alinhar cada esforço a um propósito maior.

O gesto mais simples pode se tornar sagrado quando realizado com dignidade e a varrição de um chão feita com zelo pode ser tão elevada quanto a construção de uma catedral, porque o essencial não está na dimensão da obra, mas na qualidade da entrega.

O iniciado que atravessa o segundo arco sente o peso da pedra em seus ombros e percebe que esse peso o fortalece.

O trabalho não é maldição, mas caminho de crescimento, e a cada dia vivido com esforço honesto, ele se aproxima do segredo guardado nos arcos mais profundos.

Sem trabalho, nada se ergue e a cripta não passa de vazio, mas quando o esforço é aceito e vivido com consciência, o vazio se converte em câmara viva, e o iniciado sai dela com mãos calejadas e com a alma mais próxima de sua essência.



O ARCO DA HARMONIA

Se o primeiro arco mostrou a necessidade de domar os impulsos e o segundo ensinou a disciplina do esforço constante, o terceiro se apresenta como uma cúpula de serenidade onde tudo encontra proporção.

Nele, nem a força isolada, nem o labor cego têm valor por si, ao ser a harmonia que sustenta o equilíbrio.

O iniciado compreende que seu corpo não é peso a ser arrastado nem obstáculo a ser vencido, mas instrumento que, educado e cuidado, torna-se aliado no caminho interior.

Ossos, músculos, respiração e sangue compõem sua primeira catedral, e é na justa medida entre repouso, movimento e alimento que essa estrutura se mantém firme, permitindo vitalidade e clareza.

Assim como o Templo de Salomão não poderia ser erguido sem proporções exatas, também o corpo não suporta a vida interior sem equilíbrio.

Cuidar dele não é vaidade, mas reverência, pois um corpo negligenciado logo se enfraquece e compromete o todo.

O iniciado aprende que cada gesto pode ser ritual, cada respiração pode ser meditação, e que a disciplina física é também forma de ordenação mental.

O corpo fala em sinais que solicitam escuta, ombros tensos denunciam excesso de esforço, o estômago contraído solicita serenidade, olhos cansados imploram por descanso.

Não compreender essas mensagens não são sinais de força, mas de ignorância.

As emoções também se inscrevem na carne, pois o medo curva a coluna, a tristeza fecha o peito e o orgulho ergue o queixo além da medida.

Assim, a harmonia física não se resume ao cuidado externo, mas à libertação das tensões que deformam e aprisionam.

Quando a postura se alinha e a respiração se estabiliza, o corpo inteiro se ajusta como um arco bem traçado, capaz de sustentar o peso sem ceder.

Na oficina, o mestre ensina que não basta cortar a pedra com força, é preciso conhecer o intervalo justo entre os golpes, a cadência que alterna firmeza e suavidade.

Quando essa medida é encontrada, cada passo se torna firme, cada gesto se reveste de equilíbrio e até o silêncio da cripta parece responder ao caminhar do iniciado.

Ao atravessar o terceiro arco, ele já não leva somente a energia domada do instinto nem o suor disciplinado do trabalho, mas descobre uma nova postura, feita de ombros abertos, respiração compassada e passos serenos.

A própria cripta deixa de ressoar como ameaça e vibra em consonância com o caminhante, como se espaço e corpo se prolongassem um no outro.

O iniciado aprende, então, que a harmonia não é um ideal distante, mas condição necessária para avançar.

O corpo, quando educado e equilibrado, torna-se o primeiro altar da jornada interior, sustentando silenciosamente os segredos que aguardam nos arcos seguintes.



O ARCO DA MEMÓRIA

Após atravessar os três arcos ligados ao corpo, a descida ganha nova dimensão.

Já não é somente esforço físico, mas mergulho interior, e o iniciado percebe que a caminhada não se faz só de pedra, músculo e fôlego, mas também do peso invisível das lembranças que começam a emergir como vozes guardadas em sua própria carne.

A chama da tocha, ao tocar as paredes da cripta, não projeta somente sombras de colunas, mas também imagens íntimas de um passado que insiste em retornar, mostrando que a jornada é igualmente feita de memórias que sustentam e ferem, iluminam e obscurecem, elevam e aprisionam.

A memória não é somente registro mental, mas presença viva no corpo e nos gestos.

O pedreiro experiente não precisa pensar para manejar o malho porque seus músculos se recordam, e da mesma forma a cicatriz é testemunho silencioso de superação, o joelho dolorido lembra um excesso cometido, e até a postura revela a história que se carrega.

É a memória que garante continuidade, que liga o que fomos ao que somos, palácio interior onde experiências se alinham em corredores invisíveis.

Aqui ele é chamado a construir memória consciente, registrando reflexões, anotando experiências, gravando palavras e gestos que sustentam sua vida, para que não se percam no pó do esquecimento.

A mente desordenada por lembranças dispersas gera confusão, mas quando a memória é cultivada com disciplina, organiza-se como templo interior.

Exercícios simples, recapitular o dia antes de dormir, reter palavras que edificam, cultivar a lembrança de atos que fortalecem, tornam-se treino valioso para os arcos seguintes, onde entendimento e imaginação exigirão maior clareza.

O iniciado descobre ainda que a memória é forma de permanência.

Tudo o que fazemos permanece registrado em algum nível, seja nos livros visíveis dos homens ou nos rastros invisíveis que moldam nossa consciência.

Essa percepção pode despertar temor, mas também esperança, pois o que é lembrado pode ser redimido.

A travessia projeta diante dele cenas da infância, erros cometidos, conquistas celebradas, encontros e despedidas que o marcaram.

O que poderia ser peso se converte em reconhecimento, e as lágrimas que surgem já não são de desespero, mas de gratidão.

Ao abandonar esse arco, o iniciado se vê como fruto de tudo o que viveu e carrega consigo um tesouro invisível, a memória transformada em chama, e descobre que não caminha sozinho, mas acompanhado pelas pegadas dos que vieram antes, pelos símbolos que atravessaram séculos e pelas cicatrizes que agora se tornam testemunhos de superação.

O quarto arco ensina que a memória, quando aceita e organizada, não aprisiona, mas ilumina o caminho para os portais seguintes da descida.



O ARCO DO ENTENDIMENTO

Após atravessar os palácios da memória, o iniciado chega ao quinto arco, onde a mente deixa de somente recordar para começar a compreender.

O que antes era fragmento se une em sentido, e o que parecia caos se organiza em mosaico.

Já não basta acumular experiências e tradições, é preciso decifrá-las, e a chama da tocha, que antes projetava sombras confusas, agora revela sinais à espera de leitura.

O corpo, que reagia por instinto ou hábito, aprende a pausar.

O iniciado observa, mede, calcula, compreendendo que o gesto não se define pela força, mas pelo momento em que é realizado.

O mestre que não golpeia a pedra sem antes examiná-la é a imagem viva deste arco, pois sabedoria e paciência são inseparáveis, e a verdadeira força nasce da espera pelo instante adequado.

Assim, o iniciado descobre que símbolos repetidos sem consciência escondem chaves.

O arco já não é somente estrutura de pedra, mas representação do cosmos sustentado em equilíbrio, e a pedra angular não é simples bloco, mas ponto de encontro entre forças que sustentam toda a obra.

O iniciado percebe, então, que os símbolos são realidades vivas, que não se esgotam em descrições, mas se renovam a cada olhar atento.

As palavras deixam de ser somente sons e se tornam revelações.

As próprias memórias, revisitadas no arco anterior, transformam-se em degraus que lhe permitem ascender a novas compreensões.

Ao atravessar este arco, o iniciado não se torna dono de todo saber, mas adquire a chave da interpretação. Aprende a ser leitor da vida, decifrador do templo e intérprete de si.

O entendimento é também reconhecer seus limites e perceber que a sabedoria não é acumulação de verdades definitivas, mas capacidade de abrir-se ao aprendizado contínuo.

A mente que entende não se fecha em dogmas, mas dialoga, compara, reflete.

Saber interpretar é aceitar que todo símbolo tem várias camadas e o verdadeiro aprendizado não está em fixar-se em uma única leitura, mas em permitir que cada nova experiência traga uma revelação diferente.

Esse arco ensina que o iniciado precisa olhar para a vida como quem lê um texto antigo, com paciência, atenção e respeito.

Nem todas as passagens se compreendem de imediato, mas pouco a pouco a trama se revela, e cada página, antes obscura, torna-se necessária para a totalidade da obra.

Assim também é com o templo interior, cada dor, cada conquista, cada silêncio faz parte do mosaico que, com o tempo, mostra seu desenho completo.

Ao cruzar o quinto arco, o iniciado descobre que a compreensão não encerra a busca, mas a aprofunda.

Agora ele consegue enxergar mais longe, não porque saiba todas as respostas, mas ao aprender a formular perguntas mais claras, e o entendimento é chave que abre portas, mas é também convite para prosseguir na jornada.



O ARCO DA IMAGINAÇÃO

No sexto arco, a mente deixa de ser somente espelho que reflete o passado ou lâmpada que ilumina significados e se torna forja em brasa, onde imagens, sonhos e símbolos são moldados como ferro incandescente.

A cripta já não é depósito de lembranças nem simples escola de interpretação, mas oficina criadora.

Cada eco que ressoa em suas paredes parece compor uma música invisível, cada tremor da chama sugere formas que nascem e desaparecem diante dos olhos atentos, mostrando ao iniciado que já não caminha somente sobre pedra, mas sobre a matéria do imaginário, onde real e possível se entrelaçam em convite ao mesmo passo.

A imaginação envolve o corpo como palco vivo.

O coração acelera quando a visão interior projeta perigo, os músculos se tensionam quando a mente concebe a luta, a pele se arrepia quando a alma contempla a vitória.

O iniciado percebe que o corpo não distingue com clareza o que é real do que é imaginado e aprende a usar essa força com vigilância.

Uma respiração consciente, uma postura de reverência ou um gesto simbólico bastam para ativar esse poder criador que não é delírio, mas energia capaz de transbordar no corpo e preparar o espírito para novos horizontes.

O iniciado vê colunas onde antes havia sombras, percebe salmos escondidos nos ecos da cripta, vislumbra presenças nas paredes silenciosas.

Aprende que imaginar não é fugir da realidade, mas adentrar nela até encontrar sinais que a sustentam.

A oração, neste ponto, já não se limita a palavras, surgem imagens de luz, cidades interiores, templos invisíveis, uma Jerusalém secreta que se anuncia como promessa.

A imaginação revela que toda criação nasce primeiro em visão.

Nenhuma catedral foi erguida sem que antes existisse no traço de um arquiteto, nenhuma vitória foi conquistada sem que antes ardente estivesse no coração de um guerreiro, nenhum cântico foi pronunciado sem que antes tivesse soado no silêncio de um profeta.

O sexto arco é essa antecipação, como descer às criptas antigas e tocar pedras gastas pela noite dos séculos, pressentindo nelas um desenho que a mente completa.

Assim também, o iniciado que se detém neste portal descobre que sua imaginação já pulsa como prenúncio do que virá.

Ele ainda não possui o segredo, mas pode pressenti-lo, ainda não chegou ao fim da jornada, mas já vislumbra seu brilho no fogo interior.

A imaginação, nesse sentido, é a ponte entre o que se vive e o que se busca, entre o que já é e o que pode ser, revelando que todo caminho, antes de ser percorrido, precisa primeiro ser sonhado.



O ARCO DA INTUIÇÃO

Após aprender, no sexto arco, a criar imagens e visões interiores, o iniciado chega ao sétimo portal, onde a mente já não precisa delas.

A intuição não corre atrás das coisas nem empilha argumentos, somente reconhece o essencial de imediato. É como entrar em um espaço antigo e, antes mesmo de reparar nos detalhes, sentir com clareza que se está em lugar significativo.

O corpo se cala, a respiração muda, algo no peito se alinha, e a percepção direta se impõe como um saber inteiro, silencioso, que não discute com a dúvida, somente acende.

Esse saber não é abstrato, mas tem corpo.

O iniciado aprende a identificar sinais sutis, como o peso do calcanhar que denuncia hesitação, o abrir das narinas antes de uma resposta importante, o calor nas mãos quando a decisão é justa ou o frio no estômago quando algo contraria a verdade interior.

Para isso, exercita gestos simples, parar três respirações antes de uma escolha séria, observar o que o corpo expressa sem palavras, escutar o que as sensações antecipam.

Não é superstição, mas leitura precisa da própria natureza, como o mestre que apalpa a pedra até encontrar o veio certo para o corte.

A intuição também transforma a maneira de ver os símbolos.

O arco deixa de ser lembrado como desenho, sendo percebido como lei viva.

A pedra angular já não aparece como metáfora distante, mas como ponto real de apoio em nós.

Essa percepção faz com que cada marca gravada revele o gesto que a produziu e a intenção do pedreiro que a talhou.

O iniciado compreende que por trás de cada sinal há vida, esforço e propósito, e que essa percepção imediata pode ser mais verdadeira do que longas explicações.

Na filosofia e na experiência humana, essa faculdade foi muitas vezes descrita como intelecto do coração, sexto sentido ou luz interior.

Pouco importa o nome, pois sua essência é sempre a mesma.

A razão compara, classifica e ordena, mas a intuição apreende o todo em silêncio, libertando tanto do risco da opinião volúvel quanto da prisão do argumento interminável.

É como um fio que atravessa o labirinto da mente e conduz ao centro sem hesitação.

Na travessia desse arco, o iniciado descobre que não é necessário forçar imagens ou discursos, mas somente abrir espaço interno.

Uma parede lisa pode revelar uma porta, não porque tenha surgido do nada, mas porque sempre esteve ali à espera de olhos atentos.

Assim, o sétimo arco ensina que a intuição não é privilégio de poucos, mas capacidade natural de todo homem que aprende a cultivar silêncio, atenção e presença.

Ela é bússola discreta que aponta para dentro, guia confiável nas encruzilhadas, lei viva que conduz ao próximo estágio da descida.



INSTINTO E INTUIÇÃO

Antes de continuar a travessia dos arcos, me permitam fazer uma pausa para explicar a diferença entre esses dois arcos, os quais são forças não conscientes e complementares, são dois guardiões que nos acompanham desde sempre, pois um cuida do corpo, o outro da alma.

O instinto é o mais antigo, vindo das profundezas da natureza. Ele fala com urgência, quase sempre em tom de alerta. É a centelha que nos faz saltar diante do perigo, a força que nos leva a proteger quem amamos, o impulso que garante a continuidade da vida. Não precisa de palavras, não conhece raciocínios elaborados, somente age.

A intuição, por sua vez, não grita. Sussurra. Ela se revela como uma luz que acende por dentro quando tudo parece confuso. É mais próxima do sagrado do que do instintivo, porque não vem da luta pela sobrevivência, mas da busca por sentido. Surge como um pressentimento inexplicável, como uma certeza silenciosa que aponta o caminho antes mesmo que a mente construa seus argumentos.

O instinto protege a vida. A intuição guia o sentido da vida.



O ARCO DA CONTEMPLAÇÃO

Ao chegar ao oitavo arco, a descida já não se marca pelo peso do corpo nem pelo esforço da mente, mas por um silêncio que se impõe como manto e convida o iniciado a deter os passos.

O que antes exigia disciplina, memória, entendimento e imaginação agora solicita somente presença.

Este é o arco da contemplação, onde se percebe que tudo o que foi aprendido até aqui não serviu para conquistar algo externo, mas para preparar o homem para o simples ato de permanecer em quietude.

Aqui não se busca, aqui não se força; aqui se aprende a estar.

O corpo encontra naturalmente sua postura e repousa firme como coluna.

A respiração se torna tão suave que quase desaparece.

Os olhos não procuram, os ouvidos não caçam sons, as mãos não se agitam.

É como se todo o organismo entrasse em compasso com o espaço, e a própria cripta respirasse no lugar do iniciado.

Nesse estado, cada detalhe do ambiente perde importância, porque o essencial é a quietude que preenche o espaço interior.

A contemplação mostra que os segredos não se conquistam pela força nem se decifram pela pressa.

O símbolo não se revela por excesso de interpretações, mas pela transparência do silêncio.

As colunas sustentam o templo, mas é o vazio entre elas que permite a entrada da luz.

Na vida comum, estamos sempre ocupados em pensar, julgar, reagir.

Mesmo quando tentamos relaxar ou meditar, levamos conosco a pressa do mundo.

O oitavo arco rompe essa lógica e ensina outro caminho.

Ele mostra que a verdadeira sabedoria não se resume em raciocinar ou construir, mas em contemplar.

Só quem contempla enxerga a unidade por trás da multiplicidade. Sem contemplação, tudo se fragmenta e se perde.

Nesse ponto da descida, o iniciado compreende que contemplar não é ausência de movimento, mas presença absoluta.

O silêncio, então, deixa de ser vazio e é revelador, é como o intervalo entre duas notas que dá sentido à melodia.

Essa experiência não traz respostas prontas, mas abre espaço, não impõe imagens, mas cria clareza.

O iniciado descobre que contemplar é estar disponível, sem forçar, somente permitindo que a mente cesse seu excesso de movimento.

O oitavo arco é, portanto, a sala de espera da mente diante de si.

Quem aprende a permanecer nesse vazio percebe que o vazio não é ausência, mas promessa, e que só na quietude surge a clareza necessária para atravessar o portal final.



O NONO ARCO

O iniciado chegou ao ponto mais profundo da descida.

Os oito arcos anteriores ensinaram-lhe a força do corpo, a disciplina do trabalho, a harmonia da forma, a memória que preserva, o entendimento que ordena, a imaginação que cria, a intuição que reconhece e a contemplação que silencia.

Cada um foi um portal, mas todos ainda pertenciam ao campo da experiência humana.

O nono, porém, não se apresenta como os demais, ele não é pedra, nem sombra, nem silêncio, é sim um limiar que se abre no sentido interno.

Aqui o iniciado compreende que a cripta não terminava no subterrâneo, ela sempre foi um corredor secreto que conduz a uma dimensão que não se mede em espaço, por isso o nono arco não é passagem no tempo, mas desvelamento de um plano oculto, como se as paredes da mente cedessem e revelassem uma arquitetura invisível.

Alguns o chamariam de sanctum celeste, outros de templo eterno, mas todos sabem que é algo que não pode ser descrito sem ser diminuído.

O que acontece neste arco não é conquista, mas fusão, o homem já não se percebe como indivíduo isolado, mas como parte de uma corrente viva que pulsa desde os primeiros construtores.

Ele sente em si o eco dos antigos mistérios, como se cada iniciação de todas as eras tivesse sido somente preparação para esse instante.

O que antes era fragmento agora se mostra unidade, o que antes era busca agora se revela encontro.

Neste arco, não se entra caminhando, mas dissolvendo fronteiras, o tempo não pesa, porque passado e futuro se recolhem no presente absoluto, o espaço não limita, porque dentro e fora se fundem em uma mesma vastidão.

É como se a mente se abrisse em abóbada infinita e, por um instante, o iniciado escutasse o pulsar secreto que sustenta todas as coisas, não é som, mas vibração, não é visão, mas clareza.

O nono arco é o sanctum da mente, onde cada memória se purifica, cada intuição encontra repouso e cada símbolo revela o que sempre insinuou, que a vida humana é somente a superfície de uma realidade mais profunda.

Aqui, o iniciado não se descobre somente homem, mas centro de uma engrenagem maior, parte consciente de uma corrente de energia que atravessa séculos e tradições, reunindo o que os antigos chamavam de Sabedoria Perene.

Ao atravessar este limiar, não há coroação exterior nem recompensas visíveis, o verdadeiro prêmio é a certeza silenciosa de ter encontrado em si a raiz de onde brotam todos os caminhos.

O iniciado não se perde em êxtase, mas desperta para uma lucidez nova, simples e surpreendente, que lhe mostra que todo segredo já estava presente desde o início, somente oculto sob véus de hábito e distração.

O iniciado, após a longa descida, descobre que não estava caminhando para as profundezas, mas sendo conduzido ao centro do próprio ser, onde o humano toca o universal e a mente se percebe como extensão do cosmos.

O Segredo do Nono Arco

Ao atravessar o nono arco, o iniciado percebe que nunca desceu em busca de sombras, mas foi conduzido ao centro invisível de si, onde o humano toca o universal e a mente se descobre extensão do cosmos.

Ele não buscava uma palavra perdida, mas a si como fórmula viva.

Ele é ao mesmo tempo, templo e sacerdote, construtor e pedra, caminho e meta.

O tesouro final é uma consciência maior, uma comunhão invisível que une todos os que foram e todos os que virão, convergindo para um mesmo centro de luz.

Ao retornar, carrega em si uma marca silenciosa, uma serenidade no olhar, compaixão nos gestos, firmeza sem ostentação.

O verdadeiro segredo não está oculto em cofres de pedra, mas no coração desperto, que se tornou a própria câmara da aurora.





UMA JORNADA MENTAL

A jornada do Mestre Real é um mergulho profundo no interior do iniciado, onde o corpo, a mente e o espírito se alinham para construir um templo invisível e eterno.

Inicia-se com o Arco do Instinto, que revela a força primordial, que, se educada, torna-se aliada; o Arco do Trabalho destaca a importância da constância, paciência e disciplina na construção do templo interior; o Arco da Harmonia Física ensina que o corpo é templo, e seu cuidado é essencial para sustentar a vida interior; o Arco da Memória ajuda a integrar o passado, transformando dores e marcas em degraus de evolução; o Arco do Entendimento ordena o conhecimento, dando sentido ao que antes era fragmentado; no Arco da Imaginação, a mente se expande, buscando horizontes invisíveis, enquanto o Arco da Intuição revela uma verdade direta e vivida, sem necessidade de provas.

O Arco da Contemplação ensina o valor do silêncio e da presença serena, e o Arco Inefável revela que o mistério não, é algo a ser possuído, mas um estado de união.

O iniciado encontra o centro do templo subterrâneo e compreende que o sagrado não está fora, mas dentro de si, no reencontro com sua essência.



NOVE EM UM

Quando olhamos para os três graus, percebemos que não são degraus isolados, mas partes de uma mesma escada que se eleva ao alto e, ao mesmo tempo, mergulha no mais profundo de nós.

O Mestre Real inicia pela força e pela ordem do corpo, o Mestre Escolhido penetra na clareza da mente e o Super Excelente Mestre consagra o caminho no silêncio do espírito.

Os nove arcos não se mostram como fragmentos, mas como uma travessia única onde corpo, mente e espírito se unem em destino comum. Cada arco é um mergulho, cada sombra da cripta é um espelho da alma, cada chama que vacila é um chamado da luz interior que desperta.

Os graus Crípticos são verdadeiras pedagogias da existência, ensinam que o homem é um templo vivo e o segredo não repousa em cofres de pedra, mas no coração de quem ousa descer com coragem, disciplina e fé.

Ao final, o iniciado descobre que o mistério maior nunca esteve distante, pois sempre habitou dentro de si.



O DOMÍNIO

O Mestre Real ensina que todo caminho começa no corpo e o instinto precisa ser governado, o trabalho disciplinado e a harmonia conquistada.

No Mestre Escolhido, a descida alcança a mente, onde a memória revela o que foi vivido, o entendimento organiza e dá sentido e a imaginação abre horizontes ocultos.

No Super Excelente Mestre a jornada toca seu ponto mais profundo, onde já não importam músculos nem raciocínios, mas a entrega ao silêncio e ao indizível que não se encontra fora, mas pulsa dentro como identidade revelada.

Os graus Crípticos se mostram, então, como uma única jornada onde o corpo sustenta, a mente interpreta e o espírito se entrega, até que no nono arco o iniciado compreende que o segredo não estava oculto em pedra, mas nele próprio.

Ao renascer sem máscaras nem memórias, descobre que não terminou, mas a uma passagem, e que o verdadeiro tesouro é sua própria transformação, reconhece-se construtor, peregrino e templo de si.



REASCIMENTO

O iniciado percorreu os nove arcos e, em cada um, abandonou peso, máscara e memória, até que no último não encontrou símbolo, palavra ou segredo, mas somente a si, puro como no instante do nascimento, limpo de cicatrizes e ilusões, renovado como quem contempla a primeira luz.

Esse é o tesouro velado nas criptas, não ouro nem relíquia, mas a experiência de renascer.

E quem renasce não retorna o mesmo.

Compreende que a descida não era fim, mas preparação, e que o nono arco não é conclusão, mas passagem.

É chamado à estrada, porque o homem que desceu pedreiro e descobriu-se templo deve agora erguer-se peregrino e, mais adiante, cavaleiro.

Leva consigo não um segredo a repetir, mas um eco a viver, pois a verdadeira revelação não está no que se guarda em cofres, mas no que se torna carne no próprio ser.

A jornada subterrânea somente abriu a porta da missão que o aguarda no horizonte.



A DIMENSÃO OCULTA

Ao atravessar o nono arco, o iniciado descobre não haver um décimo, mas uma dimensão secreta que não se mede em pedra nem em espaço, e que se abre somente dentro dele.

Ali, um clarão interior dissolve máscaras, memórias e cicatrizes, revelando-o puro e simples, como no instante primeiro em que os olhos de uma criança se abrem para a luz.

Esse é o renascimento, não metáfora, mas experiência real, que ensina que nada está perdido e que sempre é possível recomeçar.

O segredo guardado pelos Crípticos é a certeza de que o homem pode renascer quantas vezes for chamado.

Quem atravessou os arcos já não é somente Mestre Real, Escolhido ou Super Excelente, mas homem novo, peregrino de si, pronto para erguer no mundo o que germinou no interior.

A cripta preparou, a descida revelou, o renascimento consagrou, e agora a estrada se abre, pois, a Cavalaria será o campo onde a luz oculta florescerá em obra viva.

O iniciado se levanta com a espada como símbolo, não de guerra, mas de testemunho.

A jornada subterrânea não termina, somente abre passagem.

O segredo maior não estava oculto nas pedras, mas no coração purificado.

Quem descobriu ergue-se como quem vê o mundo pela primeira vez, caminhando em direção a um horizonte que nunca se esgota.

E assim, diante do último silêncio, o iniciado compreende que cada aurora pode ser nascimento, cada passo um recomeço, cada dia uma oportunidade de erguer-se construtor e cavaleiro da luz.





A CÂMARA DA AURORA

E assim se encerra, mas não termina, pois quem atravessa os nove arcos descobre dentro de si a dimensão oculta que o faz continuar a renascer.

A cripta não é prisão, mas ventre, e a Câmara da Aurora não é espaço físico, mas estado da alma.

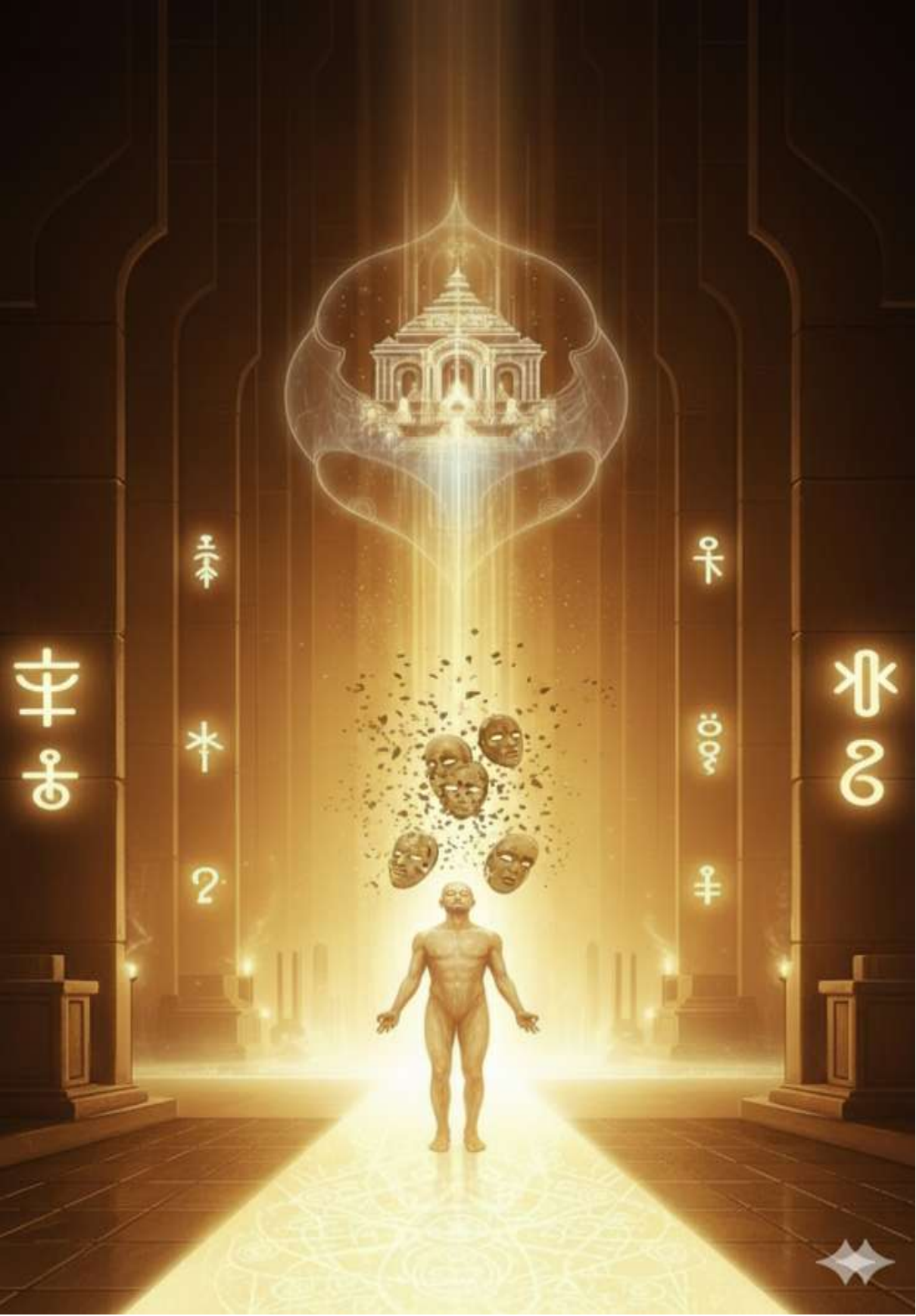
Quem a alcança contempla o mundo como se fosse a primeira vez, livre de memórias, puro como criança que abre os olhos para a luz.

Esse é o segredo último dos Graus Crípticos!

Todo homem pode nascer de novo, quantas vezes forem necessárias, sem perder sua essência e sem negar o seu eu, pode abandonar tudo o que foi, tudo o que acreditava possuir ou ser, e ainda assim renascer inteiro, renovado, desperto.

A Câmara da Aurora é, enfim, o selo desta obra, a certeza de que o templo mais profundo se ergue em um local da mente de cada homem.

Mil vidas em uma, a eternidade em uma vida.



A Cripta é o ventre da terra, onde o pó se acende em espírito e o finito se dissolve no eterno. Ali, cada sombra é espelho e cada silêncio é forja, até que o iniciado compreende que não é um só, mas incontáveis, que dentro de si habitam coroas e correntes, claridade e abismo. O que parecia ausência revela-se plenitude, o que parecia fim abre-se como passagem. Então o véu cai, e a maior verdade se impõe: o tempo não existe, o homem não é somente homem, mas templo e verbo, pedra e luz. E quem ousa descer descobre o indizível, o universo pulsa dentro de si.

Aos que ousaram descer às profundezas de si;
aos que atravessaram as sombras com coragem;
aos que encontraram no silêncio o segredo.

Este livro é para vós; guardai-o no coração como
quem guarda uma verdade eterna.

O caminho não termina aqui.

Cada dia pode ser um novo nascimento;

Cada passo, uma nova iniciação.

Em cada olhar, reside uma revelação!

BIBLIOGRAFIA

- A BÍBLIA SAGRADA. *Versão Rei James*. Londres, 1611.
Tradução: Brasília: Madras, 2022. ISBN 978-6599378522.
- ANDERSON, James. *The Constitutions of the Free-Masons*.
London, 1723. Edição comemorativa de 300 anos. Brasília:
Madras, 2023. ISBN 978-6599378539.
- BAIGENT, Michael; LEIGH, Richard. *The Temple and the Lodge*.
London: Corgi, 1989.
- BERESNIACK, Daniel. *Símbolos Maçônicos*. São Paulo: Martins
Fontes, 1997.
- CAMPBELL, Joseph. *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton:
Princeton University Press, 1949.
- CARR, Harry. *The Freemason at Work*. London: Lewis Masonic,
1976.
- CROSS, Jeremy L. *The True Masonic Chart*. Hartford: Andrus &
Judd, 1819.
- DERMOTT, Laurence. *Ahiman Rezon: A Book of Constitutions*.
London, 1756. Tradução: Brasília: Madras, 2016. ISBN 978-
8572523554.
- ELIADE, Mircea. *Rites and Symbols of Initiation: The Mysteries of
Birth and Rebirth*. New York: Harper & Row, 1958.
- FAULKS, Martin. *Um Palácio Mosaico: A Maçonaria e a Arte da
Memória*. Brasília: Madras, 2025. ISBN 978-6599378591.
- GOULD, Robert F. *The History of Freemasonry*. London: Thomas
C. Jack, 1885.
- HARRISON, David. *The City of York: A Masonic Guide*. Hersham:
Lewis Masonic, 2017.

HARRISON, David. *The Genesis of Freemasonry*. Hersham: Lewis Masonic, 2009.

HARRISON, David. *The Transformation of Freemasonry: The Revolution of the World*. Hersham: Lewis Masonic, 2013.

HAYWOOD, Harry L. *Cryptic Masonry and Its Symbolism*. Cedar Rapids: The Builder, 1920.

HOYOS, Arturo de. *Albert Pike's Morals and Dogma: Annotated Edition*. Washington, D.C.: Scottish Rite Research Society, 2011.

HUNT, Charles C. *History of the Cryptic Rite*. Cedar Rapids: Iowa Masonic Library, 1929.

ISMAIL, Kennyo. *Debatendo Tabus Maçônicos*. Brasília: Madras, 2016. ISBN 978-8572523462.

ISMAIL, Kennyo. *Desmistificando a Maçonaria*. Brasília: Madras, 2012. ISBN 978-8579303456.

ISMAIL, Kennyo. *Ordem sobre o caos*. Brasília: Madras, 2019. ISBN 978-6581151003.

KINSEY, Samuel L. *A Treatise on Cryptic Masonry*. New York: York Masonic Press, 1985.

KNIGHT, Christopher; LOMAS, Robert. *The Hiram Key*. London: Century, 1996.

MACKEY, Albert G. *An Encyclopedia of Freemasonry*. Chicago: Masonic History Co., 1873.

MACKEY, Albert G. *Cryptic Masonry: A Manual of the Council or Monitorial Instructions*. New York: Masonic Publishing, 1897.

MACKEY, Albert G.; SINGLETON, William R. *History of the Cryptic Rite*. Richmond: Macoy Publishing, 1892.

MACNULTY, W. Kirk. *Freemasonry: A Journey Through Ritual and Symbol*. London: Thames & Hudson, 1991.

- MACNULTY, W. Kirk. *The Way of the Craftsman*. London: Central Regalia, 2002.
- MACOY, Robert. *General History, Cyclopedia and Dictionary of Freemasonry*. New York: Masonic Publishing, 1870.
- OLIVER, George. *Historical Landmarks of Freemasonry*. London: Richard Spencer, 1846.
- OLIVER, George. *Signs and Symbols of Freemasonry*. London: Richard Spencer, 1853.
- PALLADIO, Andrea. *I Quattro Libri dell'Architettura*. Veneza: Domenico de' Franceschi, 1570.
- PIKE, Albert. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Charleston: Supreme Council, 1871.
- RIBEIRO, João Guilherme da Cruz. *O nosso lado da escada: uma abordagem sobre os graus Capitulares do Rito de York*. Edição do Autor, 2022.
- RIBEIRO, João Guilherme da Cruz. *Os fios da meada: origens, evolução e imagens do Rito Escocês Antigo e Aceito*. Edição do Autor, 2020.
- SCHAW, William. *The Schaw Statutes (1598–1599)*. Edinburgh: National Records of Scotland, 1599.
- SCHOLEM, Gershom. *Major Trends in Jewish Mysticism*. New York: Schocken Books, 1941.
- VIGNOLA, Giacomo. *Regola delli cinque ordini d'architettura*. Roma: 1562.
- VITRÚVIO. *De Architectura*. Roma, século I a.C.
- YARKER, John. *The Arcane Schools*. Belfast: William Tait, 1909.
- YATES, Frances A. *Giordano Bruno and the Hermetic Tradition*. London: Routledge, 1964.
- YATES, Frances A. *The Art of Memory*. London: Routledge, 1966.

O AUTOR



Flávio Dellazzana — iniciado em 15/04/2002,
ARBLs Pedra Cintilante — 60, Itapema-SC.
Atualmente é obreiro da ARLS Santo Graal — 167.

Tendo sido eleito para o cargo de Venerável Mestre em 2007. Atuou como membro da Comissão de Administração do Grande Oriente de Santa Catarina (GOSC). Destacou-se como colaborador na reestruturação dos manuais de instrução do Rito Adonhiramita, além de contribuir na reedição do IV Volume do Manual Adonhiramita (2015).

Exerceu ainda o cargo de Secretário Adjunto do Grão-Mestre para o Rito Adonhiramita entre 2008 e 2009.

Na vertente filosófica do Rito Adonhiramita, galgou o Grau 13 — Cavaleiro Noaquita, sendo Sapientíssimo da Loja de Perfeição Adonhiram, ao Vale de Itajaí, em 2010, e Poderoso Mestre do Capítulo Ayres Gevaerd, em 2011. Foi também um dos responsáveis pela construção do Templo Filosófico da Loja de Perfeição Adonhiram e fundador da Loja de Perfeição Arno Gebler, ao Vale de Joinville.

Em 2011, junto ao Irmão Toni Haag, fundou a ARLS Monteiro Lobato n.º 132, dedicada ao Rito de York, onde exerceu o cargo de Venerável Mestre na gestão 2012/2013. Desde então, passou a dedicar-se integralmente ao Rito de York, tanto na sua vertente simbólica quanto filosófica. Entre suas contribuições, destacam-se: A fundação e instalação de diversas Lojas do Rito de York: Harmonia e Perseverança n.º 108, Thomas Smith Webb n.º 158 (Florianópolis), Natureza e Harmonia n.º 160 (Urubici), Pérola do Vale n.º 162 (Timbó), Santo Graal n.º 167 (Porto Belo), Acácia Negra n.º 173 (Blumenau), Cavaleiros de Aço n.º 164 (Loja itinerante) e Labor e Concórdia n.º 146 (Lages).

Foi responsável pela tradução, adaptação e edição de importantes manuais ritualísticos: Manual de Instalação e Posse, Manual de Instalação de Loja, Manual de Loja de Mesa, Manual de Pompa Fúnebre e Manual de Sessão Pública, todos voltados ao Rito de York.

A produção, em conjunto com a Secretaria de Formação Maçônica, dos Cadernos de Estudo (NAEM) para Aprendizes e Companheiros, além dos temas instrucionais para todos os Graus simbólicos.

Contribuiu com o Irmão Charles Claudio Scheel para a criação dos Compêndios de Instrução do Rito de York para AM, CM e MM — 2025.

Atuou como Revisor e Editor dos Rituais de AM, CM e MM nas edições de 2020, 2022, e atual no 2026 em desenvolvimento.

Representou o Grande Oriente de Santa Catarina na Internacional Grand Lectures Convention em Nova York em 2020 e 2023.

Exerceu os cargos de Secretário Adjunto de Liturgia e Ritualística (2017–2020) e Secretário de Ritualística e Liturgia para o Rito de York (2020–2023).

No campo dos Altos Graus do Rito de York, é fundador do Capítulo Santo Graal n.º 22 de Maçons do Real Arco, em Itajaí, fundado em 2004, onde permanece ativo. Foi Sumo Sacerdote do Capítulo em 2013, sendo investido na Ordem dos Sumo Sacerdotes Ungidos. Recebeu os Graus de Mestre Real, Mestre Escolhido e Super Excelente Mestre no Conselho Críptico Santo Graal n.º 14, onde também exerceu

o ofício de Ilustre Mestre, tendo recebido a Ordem da Trolha de Prata.

Recebeu os Graus da Ordem da Cruz Vermelha, Cavaleiro de Malta e Cavaleiro Templário, bem como a Ordem dos Sábios Cavaleiros de Cristo.

Foi fundador e primeiro Comandante da Comanderia Santo Graal n.º 37 dos Cavaleiros Templários.

É também membro dos Graus filosóficos do Rito Escocês Antigo e Aceito, tendo alcançado o Grau 32 no Consistório “Sol Nascente” dos Príncipes do Real Segredo do Supremo Conselho do Grau 33º.

É Mestre Escocês de Santo André, vinculado à Prefeitura de Santa Catarina e ao Grande Priorado do Brasil da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa.

Dedicou-se à juventude por meio do Movimento Escoteiro, no qual atuou por 15 anos, desde Lobinho até Chefe. Embora não tenha sido DeMolay, se dedicou à Ordem, onde foi Membro e Presidente do Conselho Consultivo do Capítulo Harmonia Itajaiense n.º 231 (2011–2014), tendo recebido a Cruz de Honra DeMolay.

Especialista em Maçonologia — História e Filosofia, com pós-graduação lato sensu pela UNINTER.

É coautor dos livros: **O Caminho do Aprendiz no Rito de York**, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel. **O Caminho do Companheiro no Rito de York**, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel. **O Caminho do Mestre Maçom no Rito de York**, feito juntamente com o Irmão Charles Cláudio Scheel.

Autor dos Livros: **História da Maçonaria e Origem do Rito de York**. Clube de Autores (2024). **Os Véus da Sabedoria — Moral, Filosofia e Revelações do Real Arco**. Clube de Autores (2025). **Mestre de Marca—A Arte de Deixar Marcas**. Clube de Autores (2025). **Past Master—História e Tradição**. Clube de Autores (2025). **Mui Excelente Mestre—Quando a última Pedra une a Terra e o Céu**. Clube de Autores (2025). **Maçom Do Real Arco— Sob os Arcos da Antiga Aliança em Jerusalém**. Clube de Autores (2025).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dellazzana, Flávio

Os graus cripticos : o arco secreto e a câmara do silêncio / Flávio Dellazzana. -- 1. ed. -- Itapema, SC : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-65795-0

1. Maçonaria - Aspectos morais e éticos
2. Maçonaria - Doutrinas 3. Maçonaria - Filosofia
4. Maçonaria - História 5. Maçonaria - Ritos e cerimônias 6. Maçonaria - Simbolismo I. Título.

25-296392.0

CDD-366.1209

Índices para catálogo sistemático:

1. Maçonaria : Rituais : Sociedades secretas :
História 366.1209

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

DEDICATÓRIA

Dedico este livro, antes de tudo, a todos os Companheiros Crípticos. Em especial ao Irmão João Guilherme da Cruz Ribeiro, presente na primeira iniciação dos Graus Crípticos e verdadeiro pilar para o seu desenvolvimento no Brasil. Também ao Irmão Kenryo Ismail, cuja dedicação às Supremas Instruções marcou profundamente nossa trajetória. Em seus nomes, rendo homenagem a todos os Irmãos que lutaram incansavelmente pela consolidação dos Graus Crípticos em nossa pátria.

Minha gratidão se estende aos Irmãos Carlos Castilho e Toni Haag, fundadores do Conselho Críptico Santo Graal 14, onde tive a honra de ser iniciado.

E por fim, mas com igual importância, dedico estas linhas a quem me auxiliou a tornar-me um homem melhor. Não falo somente da Maçonaria, do Real Arco, dos Graus Crípticos e da Comandaria, que tanto contribuíram para minha transformação interior, mas da presença constante de minha eterna companheira. Foi ela a luz que dissipou minhas trevas e me fez renascer. À minha esposa, Leticia, deixo não somente essa dedicatória, mas todo o meu coração.